

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

André Moraes de Almeida

URBANISMO TÁTICO: da experiência do fazer a um urbanismo afetivo

Recife
2016

ANDRÉ MORAES DE ALMEIDA

URBANISMO TÁTICO: da experiência do fazer a um urbanismo afetivo

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Urbano, da Universidade Federal de Pernambuco, para a obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Urbano, sob orientação da Prof. Dra. Circe Maria Gama Monteiro.

Recife
2016

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

A447u	Almeida, André Moraes de Urbanismo tático: da experiência do fazer a um urbanismo afetivo / André Moraes de Almeida. – Recife, 2016. 177 f.: il., fig. Orientadora: Circe Maria Gama Monteiro. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Desenvolvimento Urbano, 2017. Inclui referências e anexos. 1. Urbanismo tático. 2. Intervenção urbana. 3. Espaço público. 4. Processos colaborativos. 5. Capital social. I. Monteiro, Circe Maria Gama (Orientadora). II. Título. 711.4 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2017-221)
-------	---



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

André Moraes de Almeida

**URBANISMO TÁTICO: DA EXPERIÊNCIA DO FAZER A UM URBANISMO
AFETIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título
de mestre em Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em: 05/09/2016.

Banca Examinadora

Profa. Circe Maria Gama Monteiro (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Julieta Maria Vasconcelos Leite (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Louise Marie Cardoso Ganz (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Leonardo Augusto Gomes Castilho (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Às crianças, incluindo meus filhos,
Francisco Rozendo Moraes e
Juca Rozendo Moraes

AGRADECIMENTOS

Denises, Marias, Fernandas, Marines, Carolines, Jorgeanas, Barbaras, Raquels, Dudinhas, Gabis, Marianas, Xuxus, Amandas, Natalias, Lalinhas, Brunas, Carols, Circes, Isabelas, Susanas, Sofias, Lauras, Luizas, Tonis, Luzes, Lunas e tantas outras mulheres que passaram e que passarão pela minha vida para eu ser uma pessoa melhor. Aos homens agradeço depois, se um dia concluir outro processo que não esse. Esse é das mulheres, em especial a que me compõe enquanto ser.

RESUMO

O tema desta dissertação de mestrado tem como objeto central o Urbanismo Tático enquanto ferramenta de atuação cidadã no espaço urbano. Como objetivo o trabalho busca compreender como as intervenções urbanas caracterizadas como Urbanismo Tático contribuem para a construção de espaços estimuladores de relações humanas de cuidado. A força motriz está na construção de capacidade organizacional cidadã capaz de transformar a percepção sobre o lugar. Diante de um momento político tão delicado, onde um planejamento urbano segue modelos que adotam como principal premissa os interesses dos detentores do poder, nos deparamos com cidadãos colocando a “mão na massa” e que se articulam para resolver problemas locais com ações e intervenções que se baseiam num constante experimento. Como metodologia a pesquisa realiza um mergulho nas referências teóricas de Michel de Certeau que compoe a discussão sobre tática, estratégia e as praticas do cotidiano e Mike Lydon sobre o Urbanismo Tático. O peso do trabalho está na observação participante da sequência de cinco experimentos: (1) Workshop Internacional *Urban Labs*, (2) Workshop Paisagem Urgente, (3) *Urban Thinkers Campus* Recife, (4) Semana da Alegria e (5) Cinema da Alegria; que serviram de subsídio para revelar os limites e potencialidades do Urbanismo Tático através da arte do fazer. As diversas intervenções são analisadas segundo a natureza de seu processo e os seus efeitos. Finalmente ao discutir a relevância destes urbanismos, embora impermanentes no produto, constata-se o poder de produzir transformações profundas no despertar da consciência cidadã de poder influir e transformar colaborativamente a cidade.

Palavras-chave: Urbanismo tático. Intervenção urbana. Espaço público. Processos colaborativos. Capital social.

ABSTRACT

The theme of this mastery degree's dissertation has as central study object the Tactical Urbanism as a citizen acting tool in urban space. The work as objective seeks to understand how urban interventions characterized as Tactical Urbanism contribute to building stimulators spaces of human relations care. The driving force is to build citizen organizational capability necessary to transform the perception of the place. Faced with a political moment so delicate, that urban planning following models that embrace the main premise the interests of those in power, we find people putting "hands on" and which are articulated to solve local problems with actions and interventions that are based on a constant experiment. As methodology the research actualize a deepening in the theoretical references of Michel de Certeau that composes the discussion on tactics, strategy and everyday practices, and Mike Lydon on Tactical Urbanism. The weight of the research is on participant observation of five experiments: (1) International Workshop Urban Labs, (2) Workshop Urgent Landscape (3) Urban Thinkers Campus Recife, (4) Alegria's Week and (5) Alegria's Cinema; who served allowance to reveal the limits and potential of Tactical Urbanism through the art of making. The various interventions are analyzed according to the nature of its process and its effects. Finally to discuss the relevance of these urbanisms, though impermanent in the product, power is contact-produce profound changes in the wake of public awareness of being able to influence and transform the city collaboratively.

Keywords: Tactical urbanism. Urban intervention. Public space. Collaborative processes. Social capital.

LISTA DE FIGURAS

Gráfico de pesquisa realizada no site de pesquisas Google sobre o termo Urbanismo Tático em cada ano.	17
Diagrama que diferencia a forma de participação da sociedade civil na tomada de decisão na cidade tradicional e na cidade emergente.	21
Fotografia da exposição Spontaneous Interventions na Bienal de Veneza de 2012.	22
Intervenção urbana colaborativa Praias do Capibaribe.	23
Diagramas das ações apresentados no livro Handmade Urbanism.	24
Intervenção urbana Autobarrrios Sancristobal, Madrid-Espanha, realizada em 2012 pelo coletivo Basurama.	25
Intervenção na infraestrutura urbana WikiCarril, México, realizada pelo grupo ativista Camina Haz Ciudad.	26
Ilustração construída seguindo a metodologia do Placemaking para chegar ao diagnóstico das áreas que receberam as intervenções.	28
Diagrama que representa soluções globais para problemas locais.	37
Diagrama que representa soluções locais para problemas locais.	37
Diagrama que representa soluções mistas - local e global – para problemas locais.	37
Diagrama para representar o número de dias do experimento.	38
Diagrama para representar a escala de recursos envolvidos nos experimentos.	38
Diagrama para representar o ambiente fechado (oficina) para produção de solução para o ambiente aberto (cidade).	39
Diagrama para representar o ambiente aberto (cidade) para produção de solução para o ambiente aberto.	39
Diagrama para representar o ambiente misto (oficina e cidade) para produção de solução para o ambiente aberto.	39
Diagrama para representar o número de participantes envolvidos direta e indiretamente no experimento.	41
Diagrama para representar o perfil dos participantes.	41
Diagrama base da ocupação da Rua Domingos José Martins para <i>Urban Thinkers Campus</i> Recife.	42

Grupo de participantes desenvolvendo o Baobarco com auxílio do facilitador e outro grupo assumindo em um segundo momento.....	47
Solução global para problemas locais.	48
Ilustração dos dias de preparação (14 dias) e dias do experimento (5dias).....	49
Diagrama para representar através de uma escala o investimento da ação em função da produção e do tempo do experimento.....	50
Edificação cedida para ser transformada temporariamente em oficina para os <i>Urban Labs</i> . ..	51
Produção em ambiente fechado (oficina) para gere soluções para ambiente aberto (o espaço público).....	51
Encerramento do Workshop Internacional Urban Labs na Rua Domingos José Martins.	52
Diagrama que simboliza intervenção sancionada.....	52
50 participantes diretos e 10 indiretos.	54
Diagrama para ilustrar a diversidade do perfil dos participantes: diversidade do grupo com a emergência da articulação do grupo de Casa Amarela para ganhar os mobiliários.	55
Baobarco produzido no Workshop Internacional <i>Urban Labs</i>	57
Processo de desenvolvimento da ideia do Baobarco, do projeto a execução.	57
Processo de desenvolvimento dos Mobiliários Modulares.	58
Abrigos Bibliotecas desenvolvidos no Workshop Internacional <i>Urban Labs</i>	59
Processo de construção dos Abrigos Bibliotecas no Workshop Internacional <i>Urban Labs</i>	59
Mobiliário urbano Mazela produzida no Workshop Internacional <i>Urban Labs</i>	60
Mutirão dos moradores de Casa Amarela para transportar mobiliários produzidos no <i>Workshop Internacional Urban Lab</i>	61
Mobiliários inseridos na Horta de Casa Amarela.....	62
Mapa da Rua Domingos José Martins utilizado durante o Workshop Paisagem Urgente.	66
Seguindo da esquerda para direita as discussões temáticas levantadas: (1) Paisagem Urgente; (2) <i>Urban Thinkers Campus</i> ; (3) Processo histórico; (4) Temas da paisagem; (5) Materialidade; (6) Tectônica; (7) Processo; (8) Design Build; e (9) Trabalho colaborativo. ..	70
Seguindo da esquerda para direita as dinâmicas de aquecimento: (1) Olhar Criativo; (2) e (3) Totalidade, mais significativo, ponto de vista e limites; (4) Respirar, correr, respirar; (5) Vendar, explorar, desvendar; (6) Tensegrity; (7) Diários de bordo; (8) Estrutura humana; (9) Contato com materiais.	71
Soluções locais para os desafios do planejamento local.....	73
Ilustração dos dias de preparação (35 dias) e dias do experimento (11dias).....	74
Diagrama para ilustrar a escala de investimento do experimento.	75

Diagrama para representar o ambiente misto (oficina e cidade) para produção de solução para o ambiente aberto.....	75
Produção diretamente no local intervenção.....	76
Intervenção semisancionada.	76
Coração pulsante instalado na Rua Domingos José Martins.	81
Desenvolvimento da pintura da fachada: (1) pintura coletiva; (2) estudos de composição; e (3) e (4) fachada concluída.....	83
Calçada contínua sendo desenvolvido no Workshop Paisagem Urgente.	84
Mobiliários plugins desenvolvidos no Workshop Paisagem Urgente.	85
Kit pipoqueiro desenvolvido no Workshop Paisagem Urgente.	86
Mobiliário TA TU sendo experimentado.	87
Mobiliários plugins readaptados para compor a festa de abertura do Urban Thinkers Campus Recife.....	97
Soluções mistas (local e global) para o contexto local.....	98
54 dias de preparação e 6 dias de experimento.	99
Ilustração que representa a escala do valor investido comparativamente aos outros experimentos.....	99
Urban Thinkers Campus e a utilização da Rua Domingos José Martins como canteiro de obra.	100
O lugar da intervenção como canteiro de obras.	100
Patrocínios e apoios ao Urban Thinkers Campus Recife.	101
Intervenção sancionada.....	101
100 participantes diretos e aproximadamente 600 indiretos.	103
Rua Domingos José Martins ocupada por pessoas e atividades durante o UTC.....	104
Agenda aberta impressa para receber propostas de atividades.....	105
Processo de construção do Viveiro de Ideias.	106
Viveiro de Ideias em atividade durante o UTC Recife.....	106
Conjunto de mobiliários móveis formando a Zona Azul.	107
Espaço Som na Rural.....	108
Espaço Circo.....	109
Mobiliário TA TU em uso no Urban Thinkers Campus Recife.	110
Mazela sendo usada no UTC Recife.....	111
Baobarco no Urban Thinkers Campus Recife.	112
Mobiliário Modular disposto na Rua Domingos José Martins.....	112

Emergência dos ambulantes se distribuindo pela Rua Domingos José Martins.	113
Mapa do centro expandido do Recife com destaque para a Rua da Alegria.	118
Lambe lambe produzido na Semana da Alegria para divulgação.	122
Solução local para os desafios locais.....	124
Fichas diagnóstico produzidas com os moradores da Rua da Alegria.	125
7 dias de experimento.	126
Ilustração para representar o baixo custo de investimento para realizar a ação.	127
A rua como canteiro de produção das intervenções.	127
Ação não sancionada.	128
Intimação recebida pela intervenção na Rua da Alegria.	129
Vizinhança interagindo durante Semana da Alegria.	131
Coração Pulsante em três momentos: (1) banda; (2) dança; (3) recitando poesia.....	132
Totem produzido na Semana da Alegria.	133
Estudos realizados para casa na árvore.....	134
Casa na árvore (brinquedo para crianças e banco para adultos).....	135
Pintura do muro realizada na Semana da Alegria.....	136
Cadeira Jaque Reclinável (espreguiçadeira) produzida na Semana da Alegria.....	137
Cadeiras Alegria 1 2 3 produzidas na Semana da Alegria.	138
Banco brinquedo Unicórnio Zebra Llama produzido na Semana da Alegria.....	139
Luminária Itacolomy produzida na Semana da Alegria.	140
Banquetes coletivos diariamente durante a Semana da Alegria.	141
Convite para o Cinema da Alegria.	147
Intervenção do Cinema da Alegria.	148
Moradores organizados e reformando a calçada da Rua da Alegria.	158

LISTA DE TABELAS

Cronograma de atividades do Workshop Internacional <i>Urban Labs</i>	46
Ficha de catalogação do Workshop Internacional Urban Labs	63
Cronograma de atividades do Workshop Paisagem Urgente.	69
Ficha de catalogação do Workshop Paisagem Urgente.....	89
Cronograma de atividades dos <i>Urban Labs</i> do UTC Recife.	95
Ficha de catalogação do Urban Lab no UTC Recife.	114
Ficha de catalogação da Semana da Alegria.	142
Ficha de catalogação do Cinema da Alegria.	149
O que diferencia os Urban Labs da Rua da Alegria.	154
Síntese do cruzamento das categorias de análises com os experimentos.	156
Síntese dos problemas e potencialidades dos experimentos.....	159

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	URBANISMO TÁTICO Os limites e potencialidades	19
2.1	Urbanismo emergente: do ativismo cidadão às intervenções urbanas	19
2.2	Intervenções urbanas colaborativas: aproximando conceitos	23
2.3	Tática e estratégia: as diferenças de poder como definidor de uma forma de fazer	29
3	CAMINHOS DELINEADORES Reflexão experienciada do fazer	34
4	EXPERIMENTOS A cidade, laboratório de experimentação	42
4.1	Urban Labs	43
4.1.1	Urban Lab 1 Workshop Internacional Urban Labs	44
4.1.2	Urban Lab 2 Workshop Paisagem Urgente	66
4.1.3	Urban Lab 3 Urban Thinkers Campus Recife	92
4.2	A Rua da Alegria	117
4.2.1	A Rua da Alegria 1 Semana da Alegria	120
4.2.2	A Rua da Alegria 2 Cinema da Alegria	145
4.3	Reflexões a mistura das experiências	151
5	CONCLUSÃO Para construir um caminho possível	160
	REFERÊNCIAS	162
	ANEXOS	165

1 INTRODUÇÃO

“The urban is, therefore, pure form; a **place of encounter**, assembly, simultaneity. This form has no specific content, but is a center of attraction and life. It is an abstraction, associated with practice. What does the city create? Nothing. It centralizes **creation**. And yet, it creates everything. Nothing exists without exchange, without union, without proximity, that is, without relationships. The city creates a situation, where different things occur one after another and do not exist separately but according to their differences. The urban, which is indifferent to each difference it creates...itself unites them. In this sense, the city **constructs, identifies, and sets free** the essence of **social relationships**.” (Lefebvre, 1999, grifo nosso)

É com esse espírito de Lefebvre que a pesquisa se desenvolve acreditando na dimensão humana como principal peça constituinte, transformável e transformante para composição das cidades em que vivemos. A dimensão humana, conforme citada por Gehl (2013), está esquecida a um bom tempo como cerne do planejamento urbano refletindo a atual situação das nossas cidades.

Os modelos vigentes de construção das cidades estão baseados em planejamentos estratégicos que são desenvolvidos por um recorte seletivo de atores envolvidos, dando origem a planejamentos e intervenções impositivas e que pouco representa os anseios da população. São normalmente ações *top-down*¹ que configuram um cenário evolutivo da cidade em prol do interesse de quem detém o poder. A participação², segundo Freire (2009), responde a processos dirigidos e estritamente controlados por organizações institucionalizadas e burocratizadas se convertendo apenas numa ratificação de decisões políticas da elite.

Outro grande problema que se encontra é o longo tempo para as ações estruturadoras serem construídas; e, de acordo com Sporn (1988), numa sociedade e cultura em constante transformação, muitos dos resultados obtidos após a conclusão das intervenções não representam mais as necessidades da atualidade.

¹ “*Top-down* – perspectiva em que a decisão política é autoritária, em um nível central.” (CARVALHO; BARBOSA; SOARES, 2010) onde “as decisões são tomadas por autoridades que têm um certo controle do processo e decidem o que e como serão implementadas as políticas.” (SABATIER, 1983 apud DE OLIVEIRA, 2006)

² “(...) participação significa ‘fazer parte’, ‘tomar parte’, ‘ser parte’ de um ato ou processo, de uma atividade pública, de ações coletivas. Referir ‘a parte’ implica pensar o todo, a sociedade, o Estado, a relação das partes entre si e destas com o todo e, como este não é homogêneo, diferenciam-se os interesses, aspirações, valores e recursos de poder.” (TEIXEIRA, 2002)

Aplica-se, atualmente, um planejamento urbano que foca em projetar intervenções em larga escala, amparados no princípio que o processo deva ser controlado de cima para baixo (*top down*), ou seja, as decisões adotadas por autoridades que controlam o processo e decidem o quê e como serão implementadas as ações urbanas. Assim, as cidades são erguidas a partir de espaços urbanos sem memórias, sem troca, sem união, sem proximidade, isto é, sem relacionamentos, individualista e inadequada aos usuários. Espaços imprevisíveis quanto à sua ocupação e transformação, pois as necessidades do indivíduo e sua relação com o ‘lugar’ não são consideradas no processo de idealização.

Com toda a crise da atualidade, pensar na grande escala dos projetos para alcançar transformações qualitativas na cidade tem sido cada vez mais desencorajado pelo alto valor de tais projetos, que demandam um investimento financeiro público altíssimo e acabam não alcançando os resultados esperados. Isso tudo tem estimulado “o ressurgimento de diversas iniciativas cidadãs de menor escala.” (POHL; REYES, 2011).

Na busca por melhorias de vida, cada dia mais tem sido recorrente o número de intervenções desenvolvidas pela população nos espaços públicos das cidades. Essas ações normalmente têm origem na resolução de pequenos problemas pontuais do cotidiano das pessoas que vivem na cidade, seja a partir de percepções nos seus deslocamentos, seja pelo questionamento do estilo de vida que estão levando.

Essa atitude cidadã no cenário urbano tem surgido em diversas partes do mundo e sempre associadas a uma nomenclatura diferente. É justamente pela variedade de terminologias usadas, somadas ao aumento significativo dessas ações que a pesquisa busca compreender esse fenômeno, confrontar suas características e analisar a partir de uma mesma base teórica seus impactos no cenário urbano.

Essa resposta dada em vários contextos do mundo se apresenta através de inúmeras manifestações políticas da sociedade com repercussão internacional. A forma de organização, através das mídias alternativas, tem quebrado barreiras locais e ampliado o alcance dos movimentos sociais. A Primavera Árabe, no mundo árabe; *Los Indignados*, na Espanha; o *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos; as Manifestações de Junho, no Brasil, são alguns dos muitos exemplos de luta pelo direito à cidade, “não à cidade arcaica mas à vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e de trocas, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais, etc.” (LEFEBVRE, 1991).

São movimentos que se utilizam dos espaços urbanos como palco de uma revolução urbana para pôr fim às segregações e aos modelos impostos de cima para baixo, e democratizar a construção da cidade com a participação dos cidadãos na tomada de decisões.

A defesa de que a cidade deve ser construída através de um processo colaborativo, expressa na frase “As cidades tem a capacidade de proporcionar algo para todos somente porque e somente quando, são criadas por todos. ” (JACOBS, 2001), é uma das inspirações que o Urbanismo Tático se baseia, “ao acreditar que a inclusão da cidadania na criação do espaço urbano é essencial para enfrentar os complexos desafios da nova era urbana” (STEFFENS; VERGARA, 2013).

Diante do cenário atual, de grande aumento de ações práticas que envolvem cidadãos no desenvolvimento de melhorias para o espaço urbano, vemos uma expansão dessas intervenções³ atreladas ao termo Urbanismo Tático em diversas esferas e contextos, vinculados a: **construção do empoderamento cidadão**, através de diversas publicações em formato de manual, como a sequência de livros *open source*⁴ *Tactical Urbanism*, volumes: 1 e 2 (*Short Term Action, Long Term Change*), 3 (*Casos Latinoamericanos*) e 4 (*Australia & New Zealand*); **processos de co-criação**⁵ **de espaços sociais**, como os projetos do coletivo *Recetas Urbanas*⁶, encabeçado pelo arquiteto Santiago Cirugeda de Sevilla, Espanha; **planejamentos participativos**, como o planejamento de algumas áreas do centro de São Paulo, através do projeto da Prefeitura intitulado Centro Aberto⁷; **tecnologia e comunicação**, como o evento (seminário e *workshop*) Tecnopolítica, Democracia e Urbanismo Tático, que aconteceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, de 2 a 5 de fevereiro de 2015; **projetos colaborativos**, como o Wikipraça de São Paulo, que é um projeto aberto, participativo, coletivo, autogovernado para conectar pes-

³ Intervenção Urbana como ação sobre algo, que acarreta reações diretas ou indiretas; ato de se envolver em uma situação, para evitar ou incentivar que algo aconteça; alteração do estabelecido; interação, intermediação, interferência, incisão, contribuição.

⁴ Associado ao formato de manual para os cidadãos, encontramos na forma de distribuição dos livros, através de downloads gratuitos na internet, com destaque no cenário das publicações de arquitetura e urbanismo adotando conceitos Open Source onde as regras “permitem a sua utilização livre, a divulgação do seu código-fonte, e a possibilidade de se criarem e distribuírem trabalhos derivados.” (CASTELLS; MAJER; GERHARDT, 2000)

⁵ Co-criação é “qualquer ato de criatividade coletiva, ou seja, a criatividade que é compartilhada por duas ou mais pessoas” (SANDERS; STAPPERS, 2008)

⁶ Segundo Díaz (2012), *Recetas Urbanas* é um coletivo, fundado em 1997, pelo arquiteto Santiago Cirugeda, que exerce atos de resistência frente à arquitetura legal que se impõe graças às facilidades outorgadas pelos próprios cidadãos mediante submissão econômica.

⁷ “O Centro Aberto é o canal de participação efetiva da população, é um convite ao engajamento nos processos de mudança da cidade com relação às suas necessidades e demandas.” Onde “Ao longo do período de implantação, serão realizadas conversas com a população local e interessados em geral – para discutir o processo e aceitação do projeto pela população.” (“Gestão Urbana SP”, [s.d.])

soas e ideias nas praças e outros espaços públicos, usando ferramentas digitais e redes para incentivar a participação e trocas; e **grupos de pesquisas** científicas com dissertações e teses em diversos países, como por exemplo, a dissertação de mestrado “*Tactical Urbanism, Public Policy Reform, and ‘Innovation Spotting’ by Government: From Park(ing) Day to San Francisco’s Parklet Program*” de Mariko Mura Davidson defendida em junho de 2013 na *Massachusetts Institute of Technology* (MIT).

A importância desses processos nas últimas décadas tem dado origem a diversas ações, coletivos e organizações que adotam o Urbanismo Tático como ferramenta para atuar no contexto urbano. Por ser um termo muito recente (conforme **Figura 1.1**) e pelo potencial que tem confirmado através das ações práticas, demonstrando alguns indícios de incorporação no processo de planejamento urbano, o Urbanismo Tático revela um caminho do conhecimento ainda em construção.

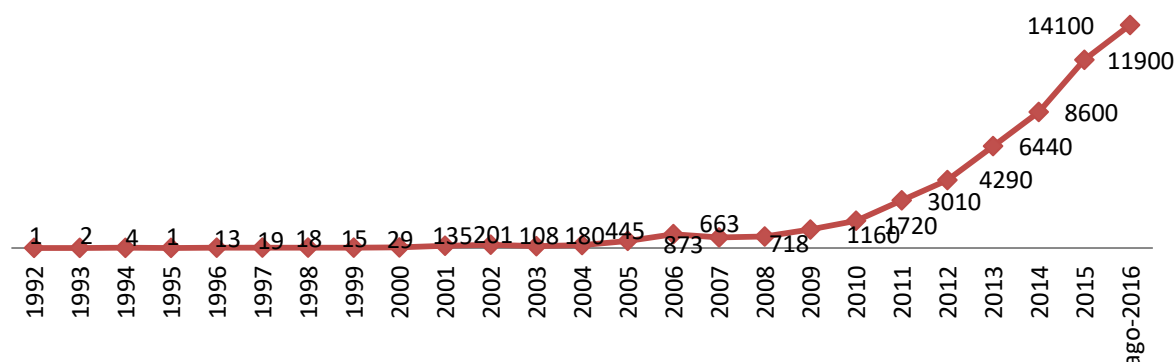


Figura 1.1 Gráfico de pesquisa realizada no site de pesquisas Google sobre o termo Urbanismo Tático em cada ano.⁸

Toda expansão mundial dessa terminologia e suas diversas formas de se apresentar nos faz levantar uma questão:

Como as intervenções urbanas caracterizadas como Urbanismo Tático podem contribuir para a construção de espaços que estimulem as relações mais humanas de cuidado com o outro e com o lugar?

Para responder essa pergunta a pesquisa está estruturada da seguinte forma: (a) a partir do estudo do estado da arte, discutida no capítulo 2 será possível compreender o urbanismo tático

⁸ Fonte: Disponível em: < <https://trends.google.com.br/> > . Acesso em 30 ago. 2016.

em seus limites, características e possibilidades de atuação e efeito com o objetivo de definir categorias de análise que regessem a pesquisa, tendo em vista que o pesquisador está diretamente participando dos casos que assumem características diferentes, mas que ao definir um roteiro de análise se faz possível comparar os experimentos; (b) no capítulo 3 será apresentado a metodologia adotada na pesquisa; (c) no capítulo 4 são apresentados os cinco experimentos, desenvolvidos e analisados a partir das categorias, visando produzir subsídios para a dissertação. Estes experimentos foram divididos em dois blocos: os *Urban Labs*, onde foram realizados dois workshops e uma ocupação da Rua Domingos José Martins, e A Rua da Alegria, uma ocupação e um cinema de rua. (d) E por fim o capítulo 5 apresentará as conclusões e direcionamentos apontados pela pesquisa.

2 URBANISMO TÁTICO | Os limites e potencialidades

A fundamentação teórica da pesquisa está construída também de forma evolutiva: a construção do conhecimento ao invés de revelar logo de início o enquadramento que define o Urbanismo Tático como objeto central da pesquisa, opta por aprofundar a discussão nas bases que sequencialmente vão constituindo o entendimento.

Dessa forma a pesquisa parte da compreensão das intervenções urbanas como ferramenta de emergência de processos de ativismo cidadão. Após essa construção das relações que se estabelecem nesses tipos de ações no contexto urbano mergulha em outras nomenclaturas que se assemelham em processo e efeitos para compreender através de uma análise rápida de cada terminologia as semelhanças e diferenças delas com o urbanismo tático e assim clarear o conhecimento e reforçar a importância desse tipo de ação nas cidades contemporâneas. Após essa base teórica consolidada a pesquisa mergulha profundamente no urbanismo tático: buscando consolidar uma definição, tendo como principais referenciais teóricos o conhecimento científico apontado nas obras de Michel De Certeau – autor que discute a relação entre tática e estratégia e o fazer cotidiano – e os teóricos contemporâneos que estão construindo a base do Urbanismo Tático; compreender os processos que se dão nas ações táticas; aprofundar a análise das características para assim embasar as categorias de análises que serão o roteiro para análise dos experimentos desenvolvidos que assumem um papel experiencial para com a vivência sentir, através da observação participante, as especificidades só apreendidas com a prática, conforme levantado por Eduardo Marinho no documentário Observar e Absorver⁹ (2016): “Atuar! Botar na prática, você só confere sua reflexão na prática. A prática que vai confirmar a teoria. ”.

2.1 Urbanismo emergente: do ativismo cidadão às intervenções urbanas

O ponto de partida é a compreensão da cidade como:

⁹Trecho do filme documentário Observar e Absorver (2016) disponível no link <https://youtu.be/I7arqW5luKc>

“[...] a tentativa mais coerente e, em termos gerais mais bem sucedida de refazer o mundo em que vive, e de fazê-lo de acordo com seus mais profundos desejos. Porém, se a cidade é o mundo criado pelo homem, segue-se que também é o mundo em que ele está condenado a viver. Assim, indiretamente e sem nenhuma consciência bem definida da natureza de sua tarefa, ao criar a cidade o recriou a si mesmo.” (PARK 1977, apud HARVEY 2014)

Ao observar a história das cidades ficam visíveis os ciclos de transformações que se sucedem a cada novo paradigma que se busca romper. No momento atual “a prática urbanística tecnocrática está desacreditada, sua dimensão pública ficou marcada pelo predomínio da especulação imobiliária e o objetivo do bem comum foi contaminado pelas exigências do mercantilismo” (MONTANER; MUXÍ, 2014) onde “a imagem oficial da cidade tende a concentrar-se sobre as consequências do planejamento e parte tangível que representam a arquitetura e infraestrutura ‘dura’” (FREIRE, 2009). O que é uma falha claramente perceptível quando Júnior (2004) afirma:

“Nascida da necessidade de contato, comunicação, organização, relações entre os homens, a cidade nos remete ao vislumbamento do conturbado, contraditório e complementar cotidiano urbano. Contudo, mesmo reconhecendo esse cenário de tensões e diversidades, materializado no espaço urbano, o que foi proposto para as cidades foram planos urbanísticos, impostos muitas das vezes exclusivamente pela esfera governamental, tendo uma concepção de modelos perfeitos de ordenação de cidade sem contradições.”

Nesse contexto Freire (2009) destaca o poder que os novos processos emergentes ‘não oficiais’ ou ‘não planejados’ tem de contribuir para o planejamento.

Antes de entrar na discussão sobre planejamento é importante definir o termo emergente, expressão muitas vezes associado à urgência por sua aproximação com a palavra emergência, mas que tem como significado o verbo emergir, o surgir, o nascer, ou o que antecede ao nascimento, e segundo Steven Johnson (2001) são sistemas complexos adaptativos que surgem através do comportamento sempre vinculados a processos *bottom-up*, partindo de uma escala e produzindo comportamentos em outra escala acima. Vassão (2010) traz a questão das características e comportamentos que surgem sem terem sido pensados quando implementados e destaca como principal característica emergente a capacidade de auto-organização, onde um sistema se torna mais organizado com o passar do tempo. Característica também levantada por Johnson (2001) quando descreve os processos de adaptação dos sistemas de auto-organização das formigas, dos cérebros e das cidades de maneira similar, ressaltando a cidade como um organismo vivo.

Esse organismo vivo tem atraído cada vez mais adeptos para sua construção de forma mais ativa. Essa participação cidadã é o que diferencia, segundo Pohl e Reyes (2011), um urbanis-

mo emergente do planejamento urbano tradicional. O urbanismo emergente se baseia nos “processos de organização social e urbana que surgem sem mediação ou ‘provocação’” (FREIRE, 2009). Essa forma espontânea de emergir busca gerar cumplicidade entre as pessoas estando alinhado a conceitos como transparência, colaboração, processos e informações *open source*, transformando assim o modo de projetar, construir e viver a cidade, como expresso por Pohl e Reyes (2011): “agora, podemos aspirar a um urbanismo que surja de baixo e que consiga que cada um de nós nos sintamos parte dele”.

Conforme defendido por De la Mora (1998) existem quatro formas de participação: (1) a participação espontânea, onde os sujeitos sociais resolvem espontaneamente desenvolver um projeto coletivo; (2) a participação induzida, onde o sujeito é convidado a participar de um projeto coletivo; (3) a participação conquistada, quando sujeitos sociais se mobilizam para conseguir participar de um projeto social que não foram convidados; e (4) a participação imposta, onde o sujeito é obrigado a participar. O urbanismo emergente se identifica com a participação espontânea, ao criar novos caminhos para se fazer cidade; e com a participação conquistada, entrando nas estruturas tradicionais de planejamento e visando, segundo Benner (2013), quebrar a hierarquia de poder que historicamente atormenta o processo de planejamento.

O grande desafio, segundo Montaner e Muxí (2014), é como esse urbanismo baseado na auto-organização, no funcionamento *bottom-up* (conforme **Figura 0.1**) e na justiça enfrentará os desafios sociais e ambientais de forma a garantir a participação efetiva evoluindo “em direção a igualdade e ao reconhecimento da diversidade, a uma sustentabilidade entendida a partir da vertente social.”.

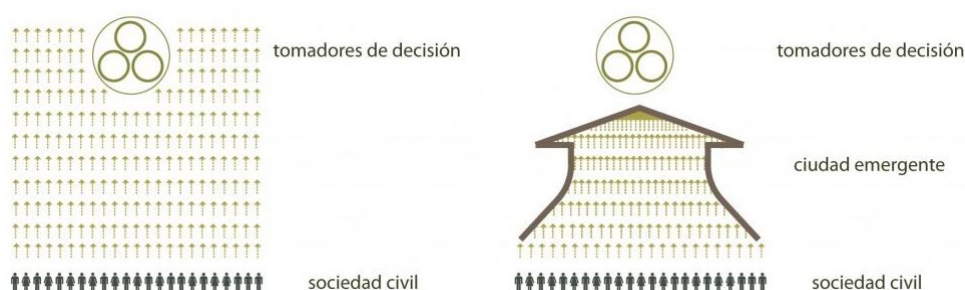


Figura 0.1 Diagrama que diferencia a forma de participação da sociedade civil na tomada de decisão na cidade tradicional e na cidade emergente.¹⁰

¹⁰ Fonte: Disponível em: <<http://www.ciudademergente.org/>>. Acesso em 2 de maio de 2015.

Foi através da participação social na luta pela construção de melhores cidades que o ativismo cidadão surpreendeu na exposição *Spontaneous Interventions*¹¹ que representou o Pavilhão Norte americano na Bienal de Veneza de 2012 (conforme **Figura 0.2**). A tradição das exposições que apresentavam um elevado suporte tecnológico deu lugar a 124 projetos expostos que tinham como característica principal intervenções de pequena escala que proporcionavam soluções de problemas cotidianos ampliando o bem-estar diário nas cidades americanas.



Figura 0.2 Fotografia da exposição *Spontaneous Interventions* na Bienal de Veneza de 2012.¹²

Dentre esses projetos estava a publicação *Tactical Urbanism*, de Mike Lydon, que compilou 24 casos de intervenções urbanas táticas e se destacou: (1) pelo olhar localizado das intervenções; (2) pelo formato manual/cartilha para estimular as pessoas a olharem e cuidarem das cidades com micro ações; e (3) pela forma *open source* de distribuição através de download gratuito na internet, numa época em que o espírito comercial era vigente em todo o mundo.

¹¹ O curador responsável pela exposição, Cathy Lang Ho, descreveu como objetivo compreender esse “amplo movimento, em que cidadãos de todo o mundo estão elaborando e implementando intervenções urbanas inteligentes e de baixo custo” (*Spontaneous Interventions*, 2013).

¹² Fonte: Disponível em: <<http://www.archdaily.com/268435/venice-biennale-2012-spontaneous-interventions-usa-pavilion/>>. Acesso em 03 mar. 2014.

A partir do sucesso da *Spontaneous Interventions* na Bienal, a exposição circulou por diversos espaços nos Estados Unidos, estimulando, cada vez mais, o surgimento de uma postura mais proativa dos cidadãos na resolução de problemas urbanos, recomeçando assim a redefinição do papel dos cidadãos através da prática da ocupação.

2.2 Intervenções urbanas colaborativas: aproximando conceitos

Antes de iniciar a discussão sobre Urbanismo Tático foi de fundamental importância explorar outros conceitos de intervenções (**Figura 0.3**), sejam elas práticas, ferramentas e/ou metodologias, que se propõem a atuar na cidade tendo o cidadão como participante ativo do processo de intervir. Essa necessidade surgiu pelas similaridades encontradas em diversos projetos ou ações, seja pelos processos, pelos produtos, como pelas imagens recorrentes nas mídias sociais. E mesmo tendo casos muito similares estavam vinculadas a nomenclaturas diferentes. Entender a existência ou não dessas diferenças e semelhanças se fez importante para distinguir as características que cada terminologia se propõe.



Figura 0.3 Intervenção urbana colaborativa Praias do Capibaribe.¹³

¹³ Fonte: Disponível em: <<http://cargocollective.com/vaastu/filter/workshop/PRAIAS-DO-CAPIBARIBE-Workshop>> . Acesso em 15 fev. 2014.

Com base em um urbanismo horizontal, projetos de baixo para cima, e com características comuns de exigir o empenho e a participação dos cidadãos envolvidos no processo foram características que nortearam essa sequência de nomenclaturas que foram exploradas:

Handmade Urbanism

Utilizado para definir o que seria um ‘urbanismo feito à mão’, o termo *Handmade Urbanism* difundiu-se com a publicação do livro *Handmade Urbanism* (**Figura 0.4**), em 2013. A coletânea, organizada por Marcos L. Rosa e Ute E. Weiland apresenta transformações urbanas, em bairros ou comunidades de cinco cidades do mundo, realizadas pelos próprios moradores.

É caracterizado por todo o processo ser idealizado pelos ‘residentes’, desde a identificação do problema, até a realização ativa de uma ideia para solucionar o problema imediato. As ações reconhecem oportunidades em desafios; uso criativo dos recursos existentes; capacidade de estabelecer parcerias e relações para atingir objetivos que satisfaçam as necessidades diárias dos habitantes.

Desta forma, as iniciativas do *Handmade Urbanism* revelam além do processo participativo e proativo da sociedade, outros mecanismos sociais como novos modos de negociação e cooperação na construção de uma cidade que: atenda às necessidades locais; se aproprie e ocupe espacialmente novos locais; e garantam uma melhor qualidade de vida para a comunidade.

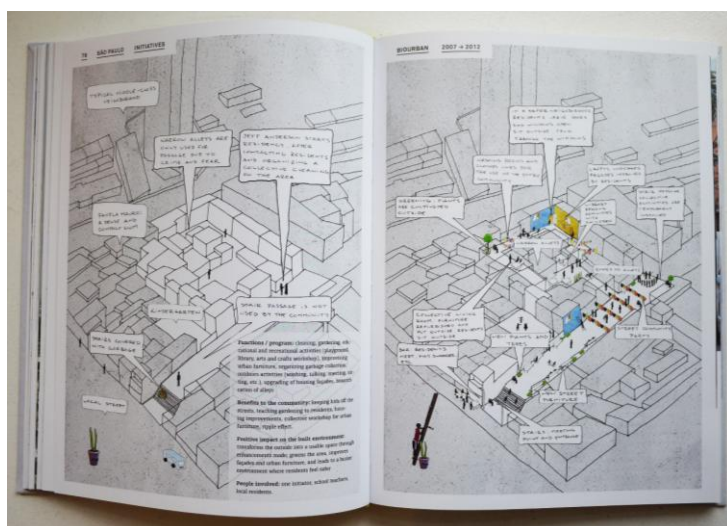


Figura 0.4 Diagramas das ações apresentados no livro *Handmade Urbanism*.¹⁴

¹⁴ Fonte: Disponível em: <<http://marcosloza.com/Handmade-Urbanism-Urbanismo-feito-a-mao>>. Acesso em 27 jan. 2014.

Urbanismo DIY (*Do it yourself*)

Do it yourself (DIY) ou Faça Você Mesmo é a prática do indivíduo, sem expertise específico, para produzir, transformar e/ou reparar objetos por ele mesmo. De espírito anticonsumista e antagônico à industrialização de pré-fabricados, o fenômeno se expande pela internet pressupondo que qualquer indivíduo possa produzir, de forma econômica, variados produtos com qualidade e originalidade.

Diante disso, impulsionados pelas questões locais, um indivíduo ou grupo de ativistas muitas vezes formados também por arquitetos, artistas emergentes e urbanistas, externos aos seus ambientes de trabalho, questionam a prática convencional do planejamento urbano e buscam, através do Urbanismo DIY, responder as suas inquietações alterando o espaço público em um ambiente urbano mais afetoso (conforme **Figura 0.5**).

É caracterizado como uma '*low-cost urban experiments*' (ZEIGER, 2011), uma intervenção leve, rápida, de baixo custo e alto impacto, e com grande qualidade artístico-arquitetônica. "Urbanismo DIY combina um espírito de ativismo empreendedor com arte pública, design, arquitetura, engenharia, tecnologia e noções de urbanismo." (LYDON; GARCIA, 2015).



Figura 0.5 Intervenção urbana Autobarrios Sancristobal, Madrid-Espanha, realizada em 2012 pelo coletivo Basurama.¹⁵

¹⁵ Fonte: Disponível em: <<http://basurama.org/projects/autobarrios-sancristobal/>>. Acesso em 10 jan. de 2014.

Guerrilha Urbana

Associada a resistência, inquietação, revolução, ideologia e efeito psicológico, o termo *guerrilha* é empregado por se assemelhar a esses conceitos e algumas técnicas da conhecida ‘*pequeña guerra*’, como a ocultação e mobilidade dos participantes e a possível classificação de suas ações como de natureza anárquica, pois não possuem aprovação do poder público.

Os ativistas, assim como os ‘guerrilheiros’, são oriundos de grupos locais que mantêm contato direto com a população da região onde atuam. Através de caixas de correios e internet, buscam a opinião pública para encontrar problemas e conceber soluções para o bairro, e ampliam o conceito de participação, tanto para os ‘guerrilheiros’ que atuam na transformação urbana como na população que solicita e financia.

O movimento se caracteriza por se utilizarem da criatividade e da arte como ferramenta para criticar, desafiar e mudar a realidade diária. São ações de baixo custo e geralmente de fácil execução. Objetivam intervir na cidade, sobretudo na infraestrutura (conforme **Figura 0.6**), com o objetivo de transformar o ambiente urbano mais representativo, funcional, agradável e humano sem esperar pelo poder público.



Figura 0.6 Intervenção na infraestrutura urbana WikiCarril, México, realizada pelo grupo ativista Camina Haz Ciudad.¹⁶

¹⁶ Fonte: Disponível em: <<http://hazciudad.blogspot.com.br>>/. Acesso em 27 mar. 2014.

Urbanismo P2P (*peer-to-peer*)

O termo *peer-to-peer* (P2P) no mundo digital, se refere a uma ‘rede’ de compartilhamentos de serviços e dados abertos, possibilitando a distribuição de arquivos em rede a qualquer usuário. O Urbanismo P2P trata-se de um movimento teórico que objetiva a evolução do ambiente urbano e o regresso do usuário à participação e à tomada de decisão de sua cidade.

O *P2P-Urbanism*¹⁷ é uma plataforma que reúne intervenções e informações urbanas obtidas cooperativamente por um público diverso de habitantes, profissionais, ativistas, órgãos públicos, estudiosos, artistas, urbanistas e especialistas que buscam construir e discutir seus próprios ambientes, por meio de informações e técnicas que são compartilhadas livremente. Em paralelo ao movimento de software livre/código aberto, o Urbanismo P2P é “urbanismo *open source*”, pelo povo, para o povo. “Propor uma abordagem de urbanismo *peer-to-peer* hoje tem implicações profundas, não só sobre a própria disciplina, mas sobre a sociedade e políticas.” (SALINGAROS, 2011).

Placemaking

“The two concepts of community and place are inseparable. ‘Place’ is the vessel within which the ‘spirit’ of community is stored; ‘Community’ is the catalyst that imbues a location with a ‘sense’ of place. The two are not divisible.” Donovan Rypkema

O *Placemaking* é uma ferramenta prática focada em ‘lugares’, suas especificidades, e na participação da comunidade local, tendo como principais ideias e inspirações os estudos desenvolvidos na década de 1970 por Willian H. Whyte, mentor do *Project for Public Spaces*¹⁸ e autor do livro *The Social Life of Small Urban Spaces* (1980). A metodologia do *Placemaking* abrange avaliar os interesses, necessidades, preocupações e aspirações da comunidade de um lugar específico, a fim de criar uma visão comum deste lugar, e a partir dessa visão, pensar “estratégias de implantação, a principio de pequena escala, capazes de trazer benefícios imediatos aos espaços públicos e às pessoas que os utilizam” (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, [s.d.]), e conseqüentemente, melhores condições de habitabilidade¹⁹.

¹⁷ http://p2pfoundation.net/P2P_Urbanism

¹⁸ Segundo o Guia do Espaço Público (2015) *Project for Public Spaces* (PPS) “é uma organização sem fins lucrativos de Nova York, EUA, que atua no planejamento e concepção de espaços públicos, educando e ajudando as pessoas a criar e manter seus espaços.”

¹⁹ Podemos considerar consensual algumas características de habitabilidade, tais como bairros seguros; serviços de infraestrutura pública eficientes; moradia adequada; senso de comunidade/cidadania; oportunidades de cultura, e lazer. E apesar de ser aspiração de todos, o *Placemaking* considera a possibilidade de habitabilidade, ou qualidade de vida, ter significados distintos para diferentes pessoas em diferentes locais.

A escala, voltada para pequenas áreas, facilita a identificação das prioridades (conforme **Figura 0.7**), por parte das pessoas que vivem ou trabalham no local, e amplia a participação destes, nos processos de planejamento, design, gestão e alteração dos espaços públicos, por torná-los mais palpáveis e relevantes. Assim, o *Placemaking*, inspira a comunidade a se envolver na melhoria dos espaços públicos, e fortalece a relação das pessoas com o espaço que eles compartilham, restaurando/consolidando a sensação de pertencimento do lugar.

Placemaking “reimagina espaços públicos como o coração de cada comunidade, em cada cidade” e acredita que “a melhoria de lugares específicos pode cumulativamente produzir sucesso em uma escala mais ampla”(PROJECT FOR PUBLIC SPACES et al., 1997) promovendo assim, uma abordagem transformativa.



Figura 0.7 Ilustração construída seguindo a metodologia do Placemaking para chegar ao diagnóstico das áreas que receberam as intervenções.²⁰

Outros termos, conceitos e/ou relatos urbanos como: Urbanismo Adaptativo; Urbanismo Cidadão; LQC (*Lighter, Quicker, Cheaper*); *Unsolicited Architecture*; *Spontaneous Interventions*; *Urban Prototyping*; *City Repair*; *Pop-up Urbanism*; e Urbanismo Insurgente, estão constantemente topando com o Urbanismo Tático. São termos que apresentam um ou mais padrões além de outras características singulares, podendo classificar algumas ações urbanas como uma ou mais apreciações acima.

²⁰ Fonte: Disponível em: <<http://www.placeness.com/placemaking-and-the-production-of-places-origins-and-early-development/>>. Acesso em 25 mar. 2014.

A análise dos conceitos supracitados tem como principais objetivos: (1) validar a importância das ações práticas advindas da organização social que se revelam através de intervenções nos espaços urbanos com foco tanto na melhoria local como na inserção no planejamento urbano; e (2) construir uma base para compreender as características do urbanismo tático que serão discutidas no próximo subcapítulo.

2.3 Tática e estratégia: as diferenças de poder como definidor de uma forma de fazer

Antes de tudo é preciso esclarecer alguns conflitos conceituais. Compreender a diferença entre **tática** e **estratégia** é de extrema importância para analisar a discussão sobre Urbanismo Tático. Segundo Gausa et al. (2000) a estratégia se refere a uma lógica global – um sistema abstrato – capaz de dirigir as operações. Para Certeau (2008) é o cálculo ou manipulação das relações de força estabelecidas por quem detém a força e através dessa constitui um lugar ou estado próprio que se mantém enquanto ‘verdade’ e assim podem gerir, através do controle, relações com as possíveis ameaças externas por se estar definido e fortalecido, exercendo dessa forma um poder sobre o outro.

Já a tática Gausa et al. (2000) define como um conjunto de regras e relações que são necessárias para se operar na busca por uma evolução local dentro de um outro sistema. Seguindo essa mesma ideia Certeau (2008) afirma que a tática é a ação calculada dentro de um sistema onde nada lhe permite autonomia por não ter um lugar próprio e sempre atuar dentro do lugar do outro que impõe o tempo todo seu poder e suas regras. Como esclarece Büllow, referenciado em A Invenção do Cotidiano, “A estratégia é a ciência dos movimentos bélicos fora do campo de visão do inimigo; a tática, dentro deste.” (CERTEAU, 2008).

Por essas condições intrínsecas cada um atua dentro de um campo específico: a estratégia esconde a sua relação com o poder que os sustenta, buscando sempre a permanência no poder através de diversas formas de manipulação e controle da situação estabelecida; enquanto a tática, pela pressão existente, não tem condições de ter um afastamento necessário para compreender o todo e nem condições de acumular nada por estar sempre propício a perder tudo e

assim busca atuar nas entrelinhas, no espaço do outro, muitas vezes sendo invisível e se utilizando de astúcias para conseguir sobreviver e conquistar espaços de atuação. Conforme de Certeau afirma:

“As estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder.”

Dessa forma as táticas retratam uma flexibilidade de conteúdo e de atuação por surgir independente dos padrões vigentes que seguem modelos estratégicos de acordo com os interesses do sistema de quem detém o poder. E segundo a teoria da produção do espaço de Lefebvre essa flexibilidade permite se concentrar na produção de uma visão ao invés de criar idealizações e objetivos fins.

As ações táticas urbanas não é algo novo: podemos fazer referência às ocupações informais por moradia em diversas cidades do mundo, constituindo as favelas brasileiras, por exemplo; ou casos de comércios informais que se instalam nas ruas na intenção de aproveitar dos intensos fluxos de pessoas de determinadas áreas garantindo o público para seus produtos, como exemplo emblemático temos os *les bouquinistes*²¹ franceses. Inúmeros casos como esses estão presentes nas cidades contemporâneas, porém a pesquisa restringe-se ao recorte temporal das duas últimas décadas onde os casos de intervenções denominadas de Urbanismo Tático, aumentaram significativamente em todo o mundo. Benner (2013) atribui esse aumento ao “resultado e reação às mudanças econômicas, culturais e tecnológicas atuais”, identificando esse processo de participação na construção da cidade como uma quebra de paradigma no planejamento e desenvolvimento urbano.

Com esse espírito de assumir um papel ativo na construção das cidades associado a algumas crises de gestão dos espaço urbano – seja pela crise de representatividade política, seja pela crise econômica, ou por uma crise humana estabelecida por estarmos mergulhado numa forma nociva de viver tendo aberto mão das relações humanas de afeto, de coletividade, de cuidado com o outro em detrimento de bens materiais, de individualismos e de estilos de vida danosos ao outro e ao meio ambiente – algumas ações individuais ou de pequenos grupos começaram

²¹ Vendedores ambulantes de livros que se apropriam das calçadas em Paris desde o século XVI para vender seus livros e que desde 2007 estão protegidos, pois sua área foi tombada pela UNESCO.

a levantar um olhar para o cuidado com o outro e com o espaço que nos abriga enquanto lugar comum e de todos.

Dentro desse contexto uma terminologia começou a chamar bastante atenção: o Urbanismo Tático (UT), termo registrado pela primeira vez em 1996 para designar, segundo Lydon (2011) e Steffens e Vergara (2013) **“um protótipo²² de curto prazo que pode dotar de informações para o planejamento de longo prazo”**, sendo “construída a partir de grupos de **pessoas empoderadas**, ou seja, urbanismo cidadão” de forma a reconhecer “o valor das ações informais no espaço público e incorporar na forma de políticas públicas urbanas inclusivas de longo prazo”. Assume-se, assim, o papel de uma nova metodologia de construção de cidade tendo a sociedade civil como o principal ator, transformando o processo de tomada de decisões – deixando de ser apenas uma decisão *top-down* (em função dos interesses dos detentores do poder local, geralmente o Estado e a iniciativa privada) para aproximar aos anseios da população.

Geralmente associada a performances da sociedade (individuais ou organizadas), o Urbanismo Tático, também, pode ser uma iniciativa “de departamentos municipais, governo, desenvolvedores e/ou organizações sem fins lucrativos para testar ideias ou promover mudanças a curto prazo” (LYDON; GARCIA, 2015). Porém, é importante ficar claro que a utilização da metodologia, dos procedimentos e ferramentas devem ser constantemente analisados para evitar uma distorção comum de acontecer quando uma nova terminologia ou forma de fazer surge desvinculada dos detentores do poder e são rapidamente incorporadas na agenda destes, perdendo assim a essência que rege o conceito.

Essa **abordagem** centrada no cidadão para a **construção do bairro**, caracterizada por **intervenções de curto prazo e de baixo custo** destinadas a **catalisar a mudança a longo prazo** (LYDON, 2014), traz consigo alguns padrões comuns. Através da combinação de características que definem o Urbanismo Tático podemos construir uma análise mais apropriada que serão combinados e explorados como categorias de análise para avaliar os experimentos. Em

²² Protótipo é um modelo físico ainda em fase de teste. No caso desta pesquisa é um modelo de teste construído em tamanho real, inserido no contexto real para análise da solução. É uma forma de representação de um produto que se aproxima muito mais da realidade que desenhos e modelos digitais tridimensionais.

apresentação no *CityWorks* (2012), Mike Lydon ²³, explanou sobre cinco padrões/características que agrupadas definem o Urbanismo Tático, são esses:

- **Visão:** uma abordagem iterativa²⁴ e intencionada para instigar mudanças a longo prazo;
- **Contexto:** a oferta de soluções locais para os desafios do planejamento local, aproximando o resultado às necessidades e anseios da população;
- **Agilidade:** compromisso de curto prazo e expectativas realistas;
- **Valor:** assumir pequenos riscos com possibilidade de recompensas maiores;
- **Comunidade:** desenvolvimento de capital social; construção de capacidade organizacional e fortalecimento da identidade local.

Somando a eles são acrescentadas mais duas características/categorias reincidentes nos discursos sobre urbanismo tático:

- **Procedimento:** a cidade como um laboratório de experimentação, como o próprio Lydon (2011) caracteriza as intervenções do urbanismo tático;
- E **Legalidade:** o grau de formalização/autorização das ações que variam de: intervenções não sancionadas que é, segundo Tyrväinen (2015), “uma forma de intervenção (‘tática’), que não é legalizada, aprovada pela autoridade, com o objetivo de alterar ou acrescentar algo no ambiente urbano”, podendo “ser percebido como uma contrapartida para a forma estabelecida de planejar, desenvolver e organizar a cidade.”; intervenções sancionadas, quando as intervenções temporárias são aprovadas por uma autoridade, instituição ou quando este desempenha parte da intervenção, se utilizando da ação como ferramenta para o planejamento urbano; e intervenções semi-sancionadas, que é usado para descrever o que está entre as formas não sancionadas e sancionadas, representando ações que não são tão radicais quanto as não sancionadas, mas que são

²³ Mike Lydon é sócio fundador da empresa *The Street Plans Collaborative* e responsável pelo surgimento da discussão sobre termo *Tactical Urbanism* com seus dois primeiros livros de mesmo nome ganhando destaque na Bienal de Veneza de 2012 por integrar a surpreendente exposição *Spontaneous Interventions* do Pavilhão Norte Americano.

²⁴ Iterativo é o processo que se repete diversas vezes para se chegar a um resultado e a cada vez gera um resultado parcial que será usado na vez seguinte.

reconhecidas pela autoridade e por isso, em alguns casos, é autorizado, nem que seja subjetivamente.

Além dessas características a pesquisa reservará um espaço para analisar:

- Os **produtos**: uma análise dos produtos propriamente ditos, seja temporário ou permanente, tendo como foco a relação entre os objetivos inicialmente planejados e os alcançados.

A defesa de que a cidade deve ser construída através de um processo colaborativo, expressa na frase “As cidades tem a capacidade de proporcionar algo para todos somente porque e somente quando, são criadas por todos. ” (JACOBS, 2001), é onde se baseia o **Urbanismo Tático**, “ao acreditar que a inclusão da cidadania na criação do espaço urbano é essencial para enfrentar os complexos desafios da nova era urbana” (STEFFENS; VERGARA, 2013).

Esta abordagem, diferente dos processos burocráticos do planejamento urbano, permite a uma série de atores locais experimentarem novas táticas e novos conceitos buscando melhorias em pequena escala antes de assumir grandes compromissos políticos ou financeiros. Alguns se referem a essas ações como “urbanismo de guerrilha”, “protótipos ágeis”, “urbanismo pop-up”, “reparação da cidade”, “urbanismo DIY”, “Handmade Urbanism”, “Urbanismo Emergente” ou puramente táticas urbanas, conforme explicitado no subcapítulo anterior.

Assim, Urbanismo Tático é uma ferramenta processual de intervenção no espaço urbano com elevado potencial de participação da população em todas as etapas do processo. O grande destaque é a possibilidade de experimentação das intervenções que são construídas de forma leve, rápida e com baixo custo, e depois de implantadas são analisados os resultados decorrentes da apropriação pela população local para assim tornarem-se intervenções permanentes.

3 CAMINHOS DELINEADORES | Reflexão experienciada do fazer

“O caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou ziguezagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo.” (CERTEAU, 2008)

A pesquisa desenvolvida parte de uma reflexão pessoal do autor, os processos vividos para construção dos conhecimentos essenciais para analisar os casos e experimentos para junto com uma revisão bibliográfica conseguir definir um olhar mais amplo sobre o urbanismo tático e suas ações sobre o território.

No decorrer desse capítulo serão abordados os caminhos que delinearam a pesquisa buscando construir um processo nem sempre linear, mas concatenado com o objetivo de forma tal que cada passo será explicado cuidadosamente.

Partindo do princípio que o foco da pesquisa é compreender o fenômeno de agregação de cidadãos para atuação através de intervenções físicas e sensoriais no contexto urbano, muitas vezes desvinculado de processos estabelecidos como padrões da contemporaneidade da ação, e tendo nessa busca diversas incógnitas, como as relações entre as pessoas, a relação do cidadão com o espaço público, a compreensão que se tem de cidade como espaço das relações sociais, o entendimento do papel de cada ator e sua função social e o desequilíbrio ou, talvez, incapacidade do Estado de responder as suas responsabilidades de planejamento e gestão do bem comum do povo, constituem um cenário propício ao desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa.

O primeiro ponto a discorrer é sobre a posição do autor perante a pesquisa. Para essa pesquisa o autor é um agente ativo estando envolvido nos casos e experimentos discutidos. É ciente que a posição de dentro traz alguns problemas para conseguir desenvolver uma análise que segundo Certeau (2008), mesmo na busca pela imparcialidade do pesquisador nas análises “sem dúvida continua havendo diferenças, sociais, econômicas, históricas, entre os praticantes dessas astúcias e os analistas”, pois “não se dá por acaso que toda a sua cultura se elabora nos termos de relações conflituais ou competitivas entre mais fortes e mais fracos, sem que nenhum espaço, nem legendário ou ritual, possa instalar-se na certeza de neutralidade.”.

Porém acreditasse que o acúmulo do saber adquiridos com a iteração compõe um conhecimento muito importante para analisar o *boom* do fenômeno Urbanismo Tático e seus efeitos nas cidades e nos olhares e participação dos cidadãos na construção do território

urbano. Dessa forma optou-se pela observação participante que garante a presença do pesquisador como um agente ativo estando envolvido nos casos e experimentos de interesse para a obtenção dos resultados almejados.

Essa presença é justificada pela abordagem prática do Urbanismo Tático e pela experiência decorrente do envolvimento pessoal do pesquisador com o tema em processos de construção colaborativa de intervenções urbanas em pequena escala em alguns contextos, antes mesmo do início da pesquisa, como por exemplo, vinculados a: **iniciativa privada**, através do escritório VAaSTU, do qual o pesquisador é sócio fundador; **instituição de ensino, pesquisa e extensão**, através de workshops e oficinas, como os *Urban Labs* e o Parque Capibaribe – Caminho das Capivaras²⁵ desenvolvidos pelo INCITI/UFPE e a docência na pós-graduação Design e Arquitetura de Espaços Efêmeros (DAEE) do Instituto de Ensino Superior da Paraíba (IESP); **organização não governamental e sem fins lucrativos**, através do projeto Praias do Capibaribe, onde é produzido microintervenções que estimulam vivências as margens do Rio Capibaribe; e **iniciativa social**, através de participação nos movimentos que lutam pelo direito à cidade, como o ocupe estelita.

Ser pesquisador e estar envolvido diretamente com os diferentes casos e experimentos discutidos faz necessário a definição de alguns parâmetros de análise que unifique o olhar sobre a problemática possibilitando o cruzamento das informações entre ações diferentes. Para definir os parâmetros foi levado em conta o aprofundamento do estudo sobre o estado da arte (desenvolvido no capítulo anterior), compreendendo seus limites e potencialidades. Além de direcionamento de análise os parâmetros têm a importância de levantar as características que definem o urbanismo tático e através delas será possível aproximar os detalhes de cada experimento revelando as sutilidades que diferem cada ação mas que as definem como uma ação tática. Os parâmetros foram divididos em dois agrupamentos, um primeiro referente às informações do processo e o segundo referente aos efeitos das ações. Essa divisão é meramente para não causar um desvio dos detalhes do processo pelas imagens dos produtos, tendo em vista a força do fazer que as ações do urbanismo tático trazem e que muitas vezes são vistas e apropriadas apenas as imagens dos produtos pós intervenção.

²⁵ Convênio de cooperação técnica entre a Prefeitura da Cidade do Recife (PCR), através da Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade do Recife (SMAS) e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Iniciativa que promove diretrizes de articulação entre o Rio Capibaribe e os espaços urbanos, conectando as bordas/margens com equipamentos existentes na cidade e espaços de área verde, criando ciclovias e interligando vias de ônibus com uma nova experiência de articulação modal de transporte.

Os parâmetros de análise referentes ao processo são: (1) **Visão**: a abordagem iterativa e intencionada para instigar mudanças; (2) **Contexto**: a oferta de soluções locais para os desafios do planejamento local; (3) **Agilidade**: compromisso de curto prazo e expectativas realistas; (4) **Valor**: assumir pequenos riscos com possibilidade de recompensas maiores; (5) **Procedimento**: a cidade como um laboratório de experimentação; e (6) **Legalidade**: o grau de formalização/autorização das ações.

Já os parâmetros estabelecidos para avaliar os efeitos são: (7) **Comunidade**: desenvolvimento de capital social; construção de capacidade organizacional e fortalecimento da identidade local, através da troca de conhecimentos dos envolvidos e das redes e conexões emergentes com o processo; e (8) **Produtos**: uma análise dos produtos propriamente ditos, seja temporário ou permanente, tendo como foco a relação entre os objetivos inicialmente planejados e os alcançados.

Os parâmetros serão analisados da seguinte forma:

- (1) **Visão**: para analisar a abordagem iterativa serão adotados o grupo de atividades realizadas nos mesmos locais – *Urban Labs* e Rua da Alegria – tendo em vista que eles foram pensados como atividades sequenciais que proporcionassem um processo evolutivo. A repetição só é possível de ser percebida analisando a sequência, pois através dela é revelado os elementos de uma que serviram, de alguma forma, de base para as melhorias do seguinte.

Um dos artifícios usados para analisar é a produção de croquis das plantas baixas dos resultados dos experimentos. Dessa forma é possível levantar alguns detalhes perceptível comparando as ilustrações dos experimentos que aconteceram na mesma rua.

Por se tratar de uma observação participante é possível também estabelecer algumas conexões mais subjetivas entre os experimentos a partir do registro de alguns sentidos ou detalhes.

- (2) **Contexto**: a relação do surgimento das soluções para os desafios do planejamento local é uma observação que se baseará na influência do lugar que recebe a intervenção no desencadeamento da solução. Um pensamento que busca compreender a totalidade do território mas as proposições são inspiradas nas problemáticas, características e peculiaridades do lugar que recebe a intervenção. Essa emergência da solução do

próprio lugar busca fortalecer o espírito do lugar que muitas vezes é desconsiderado no macro planejamento estratégico que busca articular a cidade na escala urbana mais ampla.

Dentro dessa análise foram desenvolvidos diagramas que sinteticamente ilustrem as diferenças que variam de: (a) soluções globais para os problemas locais (**Figura 3.1**); (b) soluções locais para os problemas locais (**Figura 3.2**) e; (c) soluções mistas – global e local – para os problemas locais (**Figura 3.3**).



Figura 3.1 Diagrama que representa soluções globais para problemas locais.



Figura 3.2 Diagrama que representa soluções locais para problemas locais.

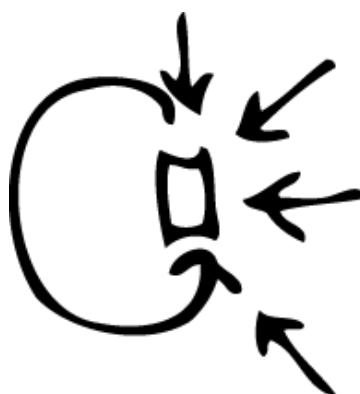


Figura 3.3 Diagrama que representa soluções mistas - local e global – para problemas locais.

- (3) **Agilidade:** dentro do cenário das intervenções caracterizadas como urbanismo tático a relação entre curto prazo para a realização das ações e o potencial de passar o espírito da transformação real é muito marcante. Ao invés de optar por projetos e obras planejadas a longo prazo são experimentadas situações, de forma mais rápida, para assim com a experiência avaliar e: tomar as decisões sobre possibilidade de implementação, quando as intervenções partem de estruturas de poder; ou sentir o impacto dessa pequena ação tática e transformar em campos de luta para implementar. Em ambos os casos o experimentar a transformação física ou sensitiva é uma das forças do urbanismo tático.

Para analisar esse parâmetro a pesquisa focará sobre o tempo da ação no que tange tanto o tempo de experimentação como a preparação que demonstra já um início da intenção de abertura para mudanças reais. Diagramas para cada experimento serão desenvolvidos seguindo o padrão de marcas vazias/brancas para os dias de preparação e marcas cheias/pretas para os experimentos propriamente ditos (conforme **Figura 3.4**).



Figura 3.4 Diagrama para representar o número de dias do experimento.

- (4) **Valor:** estruturar intervenções que tenham o poder de incitar a possibilidade real de transformação no contexto urbano se utilizando de artifícios com valores menores que as grandes obras definitivas mas com potencial de funcionar como um disparador de sentimentos de possibilidade. Para realizar essa análise será utilizado diagramas que ilustram a escala dos recursos envolvidos (conforme **Figura 3.5**) seja o monetário e/ou o porte dos envolvidos no patrocínio e apoio ao experimento. Por acreditar que a análise não deve se deter apenas a dados quantitativos mas sim a relação entre ação e valores envolvidos tanto reais como subjetivos que a pesquisa focará nos detalhes qualitativos e que são revelados apenas com a vivência e as relações.



Figura 3.5 Diagrama para representar a escala de recursos envolvidos nos experimentos.

- (5) **Procedimento:** esse é um dos pontos determinantes do urbanismo tático, uma ação que tem claro seu lugar de acontecer: a cidade, enquanto lugar comum de pessoas, o

espaço público por excelência, a libertação das barreiras impostas pelos padrões sociais que se estabelecem pelo poder. E através dessas lutas e conflitos possibilitar a emergência de soluções ao utilizar a cidade como um laboratório de experimentação. Primeiramente a pesquisa recorre em compreender se existe realmente o objetivo e a realização do uso da cidade para experimentar soluções para os espaços públicos. Depois, para esse parâmetro a pesquisa analisa o espaço de produção das soluções e sua relação com o contexto de inserção da intervenção. Para ilustrar essa análise foram criados os seguintes diagramas: (a) para representar o ambiente fechado (oficina) para produção de solução para o ambiente aberto (cidade), conforme **Figura 3.6**; (b) para representar o ambiente aberto (cidade) para produção de solução para o ambiente aberto (cidade) (**Figura 3.7**); e (c) para representar o ambiente misto (oficina e cidade) para produção de solução para o ambiente aberto (**Figura 3.8**).



Figura 3.6 Diagrama para representar o ambiente fechado (oficina) para produção de solução para o ambiente aberto (cidade).



Figura 3.7 Diagrama para representar o ambiente aberto (cidade) para produção de solução para o ambiente aberto.



Figura 3.8 Diagrama para representar o ambiente misto (oficina e cidade) para produção de solução para o ambiente aberto.

- (6) **Legalidade:** a importância dessa categoria se deve ao fato de identificar a tipologia da intervenção e assim o possível sentido que ela pode seguir a partir da sua apropriação e replicação. Como, por exemplo, uma ação que emerge de um processo ilegal com foco em questionar algum conflito existente e que depois é apropriada pelo Estado e, a partir dela, constitui um processo legal de implementação. Esse grau de formalização da intervenção varia da seguinte forma: intervenção não sancionadas que é, segundo Tyrväinen (2015), “uma forma de intervenção (‘tática’), que não é legalizada, aprovada pela autoridade, com o objetivo de alterar ou acrescentar algo no ambiente urbano”, podendo “ser percebido como uma contrapartida para a forma estabelecida de planejar, desenvolver e organizar a cidade.”; intervenção sancionadas, quando as intervenções temporárias são aprovadas por uma autoridade, instituição ou quando este desempenha parte da intervenção, se utilizando da ação como ferramenta para o planejamento urbano; e intervenção semi-sancionadas, que é usado para descrever o que está entre as formas não sancionadas e sancionadas, representando ações que não são tão radicais quanto as não sancionadas, mas que são reconhecidas pela autoridade e por isso, em alguns casos, é autorizado, nem que seja subjetivamente.
- (7) **Comunidade:** um dos principais efeitos causados pelas ações do urbanismo tático está diretamente ligado ao estímulo a ampliação da autonomia das comunidades através do desenvolvimento de capital social, da construção de capacidade organizacional e fortalecimento da identidade local, impulsionados pelas trocas de conhecimentos dos envolvidos e das redes e conexões emergentes com o processo.

Dentro dessa mesma categoria será analisado o elemento **comportamental** sendo observado a mudança de mentalidade dos cidadãos sobre construção, gestão e planejamento do território, almejando uma participação mais ativa, efetiva e afetiva.

Essa categoria partirá da análise dos participantes, diretos e indiretos, e da diversidade de conhecimentos e realidades dos mesmos através da análise do perfil dos envolvidos na busca por evidências que comprovem as trocas existentes, o surgimento de redes de cooperação e as conexões entre os envolvidos originadas após os experimentos para o desenvolvimento de outras atividades.

Para sintetizar a análise do perfil dos participantes dos experimentos foram desenvolvidos: um diagrama para ilustrar o número de participantes diretos (pretos) e indiretos (brancos) onde cada símbolo representa uma dezena de pessoas (conforme

Figura 3.9); e um diagrama para ilustrar o perfil, as relações existentes e a distância de origem e conhecimentos dos participantes do experimento, sendo o participante local mais aproximado, o internacional mais afastado e o nacional com uma distância média da intervenção que se encontra no centro (conforme **Figura 3.10**).



Figura 3.9 Diagrama para representar o número de participantes envolvidos direta e indiretamente no experimento.

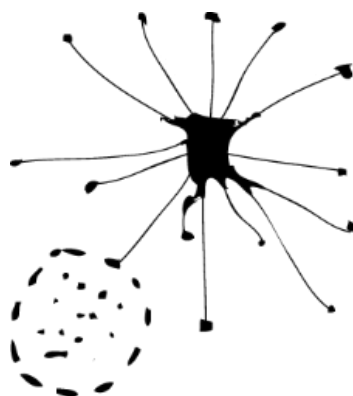


Figura 3.10 Diagrama para representar o perfil dos participantes.

- (8) **Produtos:** por fim serão analisados os produtos propriamente ditos, seja temporário ou permanente, tendo como foco a relação entre os objetivos inicialmente planejados e os alcançados, o processo de concepção e montagem e a avaliação do uso ao serem colocados na rua os protótipos para teste.

4 EXPERIMENTOS | A cidade, laboratório de experimentação

Foram desenvolvidos três experimentos sequenciais vinculados a instituições (os dois primeiros em formato de workshop e o terceiro uma ocupação em formato de laboratório urbano aberto) e dois experimentos desvinculados de instituições.

Almejando o engajamento de diversos atores sociais e com discussões que não se limitam aos produtos a serem elaborados, os três primeiros experimentos foram desenvolvidos nos *Urban Labs* - laboratório para experimentação e desenvolvimento de novos modelos e práticas que ampliam a discussão sobre a cidade, cultura e tecnologia - vinculadas ao *Urban Thinkers Campus*²⁶ Recife (**Figura 4.1**), evento realizado nos mês de novembro de 2015 pelo grupo de pesquisa e desenvolvimento INCITI (UFPE), que trouxe como tema central das discussões: *The City We Need*.

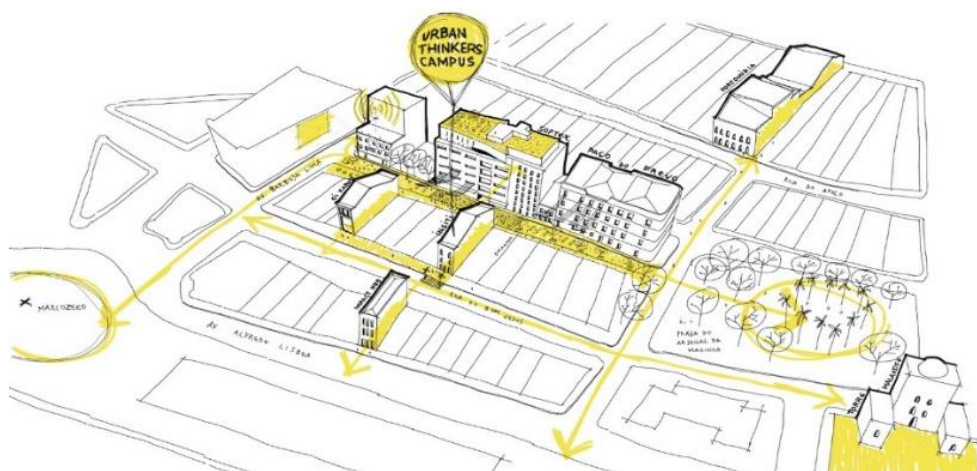


Figura 4.1 Diagrama base da ocupação da Rua Domingos José Martins para *Urban Thinkers Campus* Recife.

Como aquecimento os Urban Labs foram ativados dois meses antes do *Urban Thinkers Campus* (UTC) Recife, mais precisamente no dia 13 de outubro, com uma proposta continuada e evolutiva dividida em três momentos: o *Workshop* Internacional *Urban Labs*, o *Workshop* Paisagem Urgente e o *Urban Lab* do UTC. Discutir através das práticas colaborativas qual A CIDADE QUE QUEREMOS foi tempero para estimular os participantes que tinham como pontos focais a cultura, a tecnologia e o espaço urbano.

²⁶ *Urban Thinkers Campus* é uma iniciativa da *World Urban Campaign* da ONU-Habitat, concebido como um espaço crítico e aberto para a troca entre pessoas que acreditam na urbanização como oportunidade para uma transformação positiva das cidades, na perspectiva do desenvolvimento sustentável.

Por mais condicionado que os experimentos parecessem estar formatados foi possível introduzir mecanismos que estimulassem a subversão das regras iniciais lançadas para constituir momentos e características intrínsecas a processos emergentes. Alguns desses mecanismos foram inicialmente pensados e outros surgiram no meio do processo por evidenciar uma oportunidade de autonomia dos participantes. Um cronograma de atividades muito aberto, sem definição de atividades em todos os horários; a preferência por um processo aberto onde se lançava o objetivo do experimento, mas a cada tomada de decisão era discutido as etapas subsequentes; a inserção de atividades lúdicas que integrassem os participantes; a inserção de atividades que estimulassem o processo criativo coletivo; os questionamentos sobre a relação das ideias com a solução de problemas reais; foram alguns dos mecanismos utilizados.

Após os experimentos realizados a questão de eles terem sido desenvolvidos vinculados a instituição levantou um interesse: como se daria um experimento de natureza semelhante estando desvinculado de instituições? Será que os resultados obtidos seriam semelhantes ou o fato de estar desvinculado poderia gerar um arranjo diferenciado? Isso motivou a realização do quarto e quinto experimentos que foi chamado de A Rua da Alegria – o primeiro a Semana da Alegria e o segundo o Cinema da Alegria. As experiências vivenciadas nos três primeiros experimentos delinearam alguns aprendizados que puderam ser colocados em prática nos dois últimos experimentos. Esse ajuste em parte da metodologia apostou em enfatizar as práticas do cotidiano defendidas por Certeau (2008) que afirma que grande partes das atividades cotidianas – falar, ler, circular, fazer compras ou preparar refeições etc. – são espaços de ação das táticas, revelando “grande parte das ‘maneiras de fazer’” e que tem poder tanto bélico como poético para atuar no espaço urbano.

4.1 Urban Labs

Urban Labs Recife 2015 é o espaço de troca e aprendizado, aberto a pessoas de qualquer parte do mundo e interessadas em pensar o futuro das cidades a partir de perspectivas e soluções inovadoras. Nele, práticas, modelos e abordagens aos problemas urbanos foram explorados

para inspirar os participantes a compreenderem e discutirem de forma transversal as temáticas: cultura, tecnologia e espaço urbano inclusivo, na cidade.

Os *Urban Labs* se localizaram no Bairro do Recife, um local que recebe muitos eventos com foco em atrair investimentos, mas a grande maioria para interesses privados e com pouca variação nos arranjos: as mesmas ruas, as mesmas empresas, os mesmos interesses, o que revela superficialmente um bairro com muita movimentação de pessoas e de recursos. Porém essa realidade acaba escondendo uma realidade comum a muitas cidades brasileiras: concentração de renda, fortalecimento de poucas áreas que recebem melhorias, maquiagem dos problemas sociais e urbanos e centros históricos que apresentam edificações com alto grau de qualidade da estrutura e da manutenção com muitas outras abandonadas, sucateadas ou em estado de ruína.

Nesse contexto encontramos a Rua Domingos José Martins, rua reconhecida por muitos como rua de trás da Rua Bom Jesus ou rua de trás da Rua da Guia. Uma rua de fundo, que poucos sabiam o nome, concentra variados problemas consequentes dos processos de ‘reforma’, ‘revitalização’ ou ‘requalificação’ das ruas de frente citadas: como por exemplo o embutimento de fiação da Rua do Bom Jesus que se encontra livre de fios e ao passear pela Rua Domingos José Martins é perceptível a poluição visual causada pelos postes e fiação que alimentam as edificações da Rua do Bom Jesus.

Acreditando em um processo emergente de construção do saber, a ocupação da Rua Domingos José Martins, rua do coração ou do UTC, foi sendo sentida aos poucos com as contribuições individuais e coletivas em um processo horizontal onde eram levantados possibilidades, essas eram discutidas e da discussão emergia uma combinação de atores que levavam adiante as ideias e as realizavam.

4.1.1 Urban Lab 1 | Workshop Internacional Urban Labs

DESCRIÇÃO

O Workshop Internacional *Urban Labs*, ocorrido de 13 a 17 de outubro de 2015, promovido pela parceria entre a Fundação Joaquim Nabuco, o Consulado da França no Recife e o INCITI/UFPE, foi desenvolvido com o intuito de produção de mobiliários urbanos para um

espaço público, escolhido através de votação popular na internet. A equipe de facilitadores do workshop foi composta por dois integrantes do VAaSTU e INCITI (André Moraes e Amanda Florêncio), um integrante do coletivo francês “*Bruit Du Frigo*” (Yvan Detraz), um integrante da A’URBA, setor de planejamento da Prefeitura de Bordeaux, França (Camille Uri), três integrantes do coletivo paulista “A Batata Precisa de Você” (Laura Sobral, Leonardo Armellin e Reni Lima).

OBJETIVOS

Objetivo Geral

O Workshop Internacional *Urban Labs* tem como objetivo integrar as discussões contemporâneas sobre apropriação de equipamentos e espaços públicos às práticas cidadãs nos cenários das cidades.

Objetivos Específicos

- Produção de protótipos de mobiliários urbanos que serão inseridos em um espaço público escolhido através de votação popular na internet pós-workshop;
- Estimular o trabalho manual e o manuseio das ferramentas;
- Desenvolver capacidade cidadã para atuação no espaço urbano;
- Proporcionar processos colaborativos para desenvolvimento de projetos e produtos.

SÍNTESE DO PROCESSO (ETAPAS)

O workshop aconteceu da seguinte forma (conforme **Tabela 4.1**):

Nos dois primeiros dias – 13 e 14 de outubro – tiveram apresentações pela manhã (dos coletivos, das ferramentas e do *Urban Thinkers Campus* Recife) e atividades práticas conceituais à tarde (visita aos espaços públicos do Baobá e da Horta de Casa Amarela e discussão dos projetos).

Nos próximos outros dois dias – 15 e 16 de outubro – foram desenvolvidas as atividades práticas de produção dos mobiliários que foram sendo testados e estudados de acordo com a experimentação que se condicionava pelas ferramentas e pelo contato com os materiais escolhidos.

No último dia – 17 de outubro – foi o momento de acabamento para apresentação pública dos processos e produtos e depois um momento de confraternizar, ambas ocorridas na Rua Domingos José Martins, local onde foi exposta a produção. E para concluir, a produção foi guardada no edifício que funcionou como base dos *Urban Labs*.

Tabela 4.1 Cronograma de atividades do Workshop Internacional *Urban Labs*.

Pré	13/10/2015 (Terça)	14/10/2015 (Quarta)	15/10/2015 (Quinta)	16/10/2015 (Sexta)	17/10/2015 (Sábado)
Montagem	Apresentação dos Coletivos (Bruit Du Frigo / A Batata precisa de Você / VAaSTU)	Apresentação do Maquinário	Execução, Teste, Avaliação, Execução.	Execução, Teste, Avaliação, Execução.	Conclusão dos projetos
Estrutura	Visita a dois espaços públicos (Baobá e Horta de Casa Amarela)	Apresentação do Urban Thinkers Campus Recife (Urban Labs)			Acabamentos
Facilitadores		Discussão dos Projetos			Apresentação pública (produção + processo)
Seleção / Participantes (Perfil)					Confraternização

ANÁLISE QUALITATIVA

(1) Visão

Por se tratar do primeiro experimento o *Urban Lab 1* (*Workshop Internacional Urban Lab*) começou com um compromisso a mais: o de medir a estrutura pensada e a partir da análise da mesma, incluindo processos e efeitos, ajustar para os futuros experimentos. Estruturar a sequência dos experimentos partiu da busca por um processo evolutivo e que ao mesmo tempo proporcionasse um caminho não linear aberto a ajustes e a experimentações de formatação, de postura e de procedimentos. Com essa ideia em mente foi possível iniciar o *Urban Lab 1* sem a preocupação de termos tudo definido e estruturado, proporcionando assim a construção do conhecimento de forma orgânica como acontece nas práticas de aprendizado que envolvem: conteúdos adquiridos com as experiências pessoais de vida, com o compartilhamento dos conhecimentos entre indivíduos, com a absorção naturalmente seletiva

a partir da bagagem individual e proporcionando procedimentos que estimulem a necessidade de mistura do máximo de saberes individuais através de práticas que geram a possibilidade de experimento e análise a partir de diversas óticas.

Mesmo almejando trabalhar numa escala reduzida que pense os problemas locais e as melhores soluções para tais problemas, fugindo de um pensamento macro de intervenção, foi possível perceber uma escala de observação ainda mais micro ao analisar a iteração mais perceptível quando agrupados os três Urban Labs. Essa iteração esteve presente no ato do fazer: participantes com experiências em usar as ferramentas e muitos outros que nunca haviam tido contato com elas e o perceber cada ação sendo sentida como aprendizado e a seguinte já com um saber adquirido, como por exemplo o ato de martelar: o segurar o martelo pela primeira vez, o segurar o prego, o primeiro contato do martelo com o prego, as dicas dadas por quem já sabia utilizar a ferramenta, a mudança constante na forma de segurar e de martelar até chegar a uma compreensão do fazer e se sentir a vontade para repassar o conhecimento. São micro detalhes que podem passar despercebidos mas que carregam a tecnologia do saber fazer e a busca, através da prática, da evolução. Em uma escala um pouco maior foi perceptível a evolução na execução dos mobiliários que iniciaram de forma insegura, guiada pelos facilitadores (**Figura 4.2**), depois os participantes assumiram autonomia e através da colaboração ultrapassavam as barreiras impostas pelo fazer e aprender ao mesmo tempo.



Figura 4.2 Grupo de participantes desenvolvendo o Baobarco com auxílio do facilitador e outro grupo assumindo em um segundo momento.

Essa repetição de alguns movimentos e da produção de algumas peças gerou um processo de aprendizado colaborativo capaz de estimular os participantes a pesquisarem mais, a buscarem soluções melhores para cada detalhe aprendido.

Voltando a escala maior dos experimentos os *Urban Labs* foram pensados como um processo evolutivo para desencadear as discussões do UTC Recife. Então é possível considerar o conjunto dos três como uma abordagem iterativa estimulando mudanças tanto na forma de fazer quanto na contaminação de novos agentes. Essa análise será levantada na seção 5.3, onde serão misturadas as experiências para construção de reflexões.

(2) Contexto

O Workshop Internacional Urban Labs foi concebido com a intenção de produzir mobiliários urbanos para serem inseridos, através de doação, em um dos três espaços públicos pré-definidos pela organização (Jardim do Baobá na Ponte D’Uchoa, Horta de Casa Amarela e jardins do Hospital Oswaldo Cruz) tendo como premissa que essa definição estava vinculada a uma votação online aberta para qualquer pessoa.

Atender a esse objetivo inicial lançado na chamada do evento deu origem ao primeiro ponto de discussão: por que desenvolver produtos genéricos adaptáveis a diversos contextos de espaços públicos ao invés de optar por processos localizados, onde possamos colher as necessidades e condicionantes do lugar para dar uma resposta para eles com produtos pensados e desenvolvidos *in loco*?

A resposta a essa pergunta levantou o debate sobre quebrar essa regra inicial por estar vinculado a algumas instituições financiadoras que definiram junto com a organização, pela importância social e de ampliação do alcance dos resultados do workshop, que esse formato de votação seria adotado. Outra característica revelada com essa premissa é a da proposta ser pensada por não usuários do espaço que receberá os mobiliários. O que evidencia a concepção por pessoas pessoas externas ao local.

Arelado a existência do objetivo, a impossibilidade discutida coletivamente entre os facilitadores e participantes do workshop definindo a permanência da regra e pela indefinição do local tornar o agente participante externo a área que receberá a intervenção, enquadrando o *Urban Lab 1* na categoria de uma solução global para os contextos locais (conforme **Figura 4.3**).



Figura 4.3 Solução global para problemas locais.

Dentro dessa discussão um ponto ficou bem marcado sobre papel que o Urbanismo Tático pode assumir para ampliar a participação da população no fazer cidade: o de servir de ferramenta metodológica para os cidadãos constituírem juntos seus próprios espaços de vizinhança. Como um dos participantes, Artur Braga, bem frisou: “Integração não é uma fórmula básica que você pode usar como mecanismo para integrar. É preciso você fornecer ferramentas e, a partir dessas ferramentas, cada local constrói sua forma de se integrar.”.

(3) Agilidade

Todo o processo de desenvolvimento do Workshop Internacional Urban Labs contou com: (a) uma preparação prévia de 14 dias para agilizar o desenvolvimento das bases que envolviam desde a compra de materiais, a montagem de um cronograma de atividades, a divulgação, a abertura de inscrição e a seleção dos inscritos; (b) um workshop de 5 dias para a compreensão de alguns contextos de espaços públicos do Recife seguido da concepção de algumas soluções genéricas e a prototipagem de alguns mobiliários; (c) um mês após o workshop para expor os mobiliários no *Urban Thinkers Campus* Recife; e (d) mais um mês para votação online do destino dos mobiliários e a posterior entrega para os representantes do lugar que venceu a votação (no caso a horta de Casa Amarela).

Para análise da ação tática serão considerados a (a) preparação e o (b) tempo do workshop (conforme **Figura 4.4**) que foram os momentos de imersão para chegar ao objetivo de compreender os desafios e desenvolver os produtos.



Figura 4.4 Ilustração dos dias de preparação (14 dias) e dias do experimento (5dias).

Seguindo essa referência temporal o *Urban Lab* 1 conseguiu comprovar que mesmo com um tempo curto é possível desenvolver uma sequência de atividades que partiu do conhecimento da área até o acabamento dos protótipos para serem lançados no contexto urbano. Então encará-lo como um processo que não finda com a conclusão do workshop é de extrema importância para garantir o aprimoramento das soluções de acordo com sua inserção no contexto específico e sua apropriação pelos usuários.

(4) Valor

O *Urban Lab 1* proporcionou troca de conhecimentos entre profissionais experientes nacionais e internacionais com os participantes e garantiu a produção de protótipos. Com um investimento na casa dos R\$40 mil reais que incluiu: *prolabore* dos facilitadores locais, nacionais e internacionais; passagem aérea dos facilitadores não residentes em Recife; transporte para todos os participantes visitarem os dois espaços públicos; e os materiais necessários para o trabalho prático. Um investimento médio alto (conforme **Figura 4.5**) para uma intervenção urbana de produção de protótipos de mobiliários, mas muito baixo pela diversidade de conhecimentos envolvidos que proporcionou trocas internacionais de experiências de práticas, processos e desenvolvimento de soluções.



Figura 4.5 Diagrama para representar através de uma escala o investimento da ação em função da produção e do tempo do experimento.

(5) Procedimento

Por se tratar do primeiro experimento e por não ter um *site specific*²⁷ definido para intervir e sim um pensamento de soluções genéricas a partir de demandas gerais dos espaços visitados e do conhecimento levantado pelos participantes a tática escolhida de trabalho para o *Urban Lab 1* foi a de conseguir o empréstimo de um espaço de apoio para as atividades (conforme **Figura 4.6**) e através do resultado garantir interesse do doador para as próximas ações.

Visando a conquista dessa base, espaço de trabalho permanente para futuras atividades, optou-se por ocupar uma edificação histórica no Bairro do Recife, cedida temporariamente pela proprietária do imóvel que se encontrava desocupado, para, a partir das oficinas internas, serem produzidos artefatos para o espaço público. Por esse motivo o primeiro experimento assumiu um caráter de desenvolvimento das práticas muito mais internas a edificação que se relacionando com a rua e os transeuntes de um lugar específico. Mesmo quando optou-se por realizar as visitas a alguns espaços públicos de interesse para implantação dos mobiliários a serem produzidos.

²⁷ Segundo a Enciclopedia do Itaú Cultural *site specific* “faz menção a obras criadas de acordo com o ambiente e com um espaço determinado. Trata-se, em geral, de trabalhos planejados - muitas vezes fruto de convites - em local certo, em que os elementos esculturais dialogam com o meio circundante, para o qual a obra é elaborada.” Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>



Figura 4.6 Edificação cedida para ser transformada temporariamente em oficina para os *Urban Labs*.

Então, nesse campo de análise o *Urban Lab 1* se caracterizou como uma produção dentro de um ambiente fechado (oficina) para geração de soluções para o ambiente aberto (cidade), conforme **Figura 4.7**. O que não tira o mérito do workshop tendo em vista que ao adotar um processo imersivo de troca de conhecimentos garantiu muito intensidade para os participantes que vivenciaram todo o processo com uma proximidade muito grande durante toda produção.



Figura 4.7 Produção em ambiente fechado (oficina) para gere soluções para ambiente aberto (o espaço público).

(6) Legalidade

Para o desenvolvimento do workshop foram conseguidos autorização para uso da edificação onde aconteceram as oficinas e também foi conseguido a autorização para o encerramento do evento na Rua Domingos José Martins (conforme **Figura 4.8**).



Figura 4.8 Encerramento do Workshop Internacional Urban Labs na Rua Domingos José Martins.

Então o experimento se enquadrava na categoria de intervenção sancionada (conforme **Figura 4.9**) ao ser aprovada por uma prefeitura para o uso da rua no encerramento e pelas instituições Fundação Joaquim Nabuco, Consulado da França no Recife e INCITI/UFPE como realizadores e apoiadores da atividade.



Figura 4.9 Diagrama que simboliza intervenção sancionada.

(7) Comunidade

Conforme mencionado no capítulo 3 (caminhos delineadores: reflexão experienciada do fazer) essa categoria partirá da análise dos participantes, diretos e indiretos, e da diversidade de conhecimentos e realidades dos mesmos através da análise do perfil dos envolvidos na busca por evidências que comprovem as trocas existentes, o surgimento de redes de cooperação e as conexões entre os envolvidos originadas após os experimentos para o desenvolvimento de outras atividades.

A participação foi dividida em dois níveis que se misturam / permeiam com o desenvolvimento das atividades:

- (a) A equipe de facilitadores do workshop composta por dois integrantes do VAaSTU e INCITI (André Moraes e Amanda Florêncio), um integrante do coletivo francês “*Bruit Du Frigo*” (Yvan Detraz), um integrante da A’URBA, setor de planejamento da Prefeitura de Bordeaux, França (Camille Uri), três integrantes do coletivo paulista “A Batata Precisa de Você” (Laura Sobral, Leonardo Armellin e Reni Lima).
- (b) E um grupo de participantes selecionados devido às dimensões do espaço de trabalho e ao número de facilitadores, sendo estimado um limite de 35 pessoas. Para definir quem participaria foi aberto um processo de inscrição *online* que contava com os seguintes campos de preenchimento de informações:
 - **Dados pessoais** (nome, email, telefone, endereço, CPF, RG) – esse dado tinha como foco selecionar pessoas de diferentes regiões e contextos sociais;
 - **Currículo resumido** – foco em selecionar pessoas com diferentes habilidades seja a partir de formação profissional ou de experiência de vida;
 - **Faz parte de algum coletivo e se sim qual?** – foco em misturar pessoas que fazem parte de grupos que atuam em diferentes campos do conhecimento (artes, intervenções, fotografia, dança, música) com pessoas que não tem essa experiência coletiva para criar discussões sobre diversas óticas e estimular o trabalho colaborativo. Tendo assim a participação de estudantes e profissionais e de diversos integrantes de coletivos, como: Praias do Capibaribe, Casa Amarela Saudável e Sustentável, Coletivo Sexto Andar, Direitos Urbanos do Recife, CAIS - Coletivo Arquitetônico de Interesse Social da Universidade Católica de Pernambuco, Atelier Vivo, R.O.D.A. – Recife Olinda Design e Arquitetura, Movimento Ocupe Estelita, Coletivo Urbes, Cabelação, AEO – Arte Expressa Olindense, Será o Benedito, ECOA – Empreendedores Criativos de Olinda Associados, Laboratório de Design O Imaginário e Guerreiro Sem Armas.
 - **O que o motiva a participar do workshop?** – Dado motivacional que busca encontrar características pessoais para compor a equipe e diversificar o conhecimento (pessoas que buscam aprender uma técnica, pessoas que buscam o estímulo à criatividade, pessoas que não tem nenhuma expectativa, pessoas que acreditam saber todo o processo do workshop);

- **Disponibilidade de tempo para participar** - um workshop que tem uma carga horária intensiva de cinco dias manhã e tarde e que tem um intuito bem objetivo de produção de mobiliário e ainda carrega uma base conceitual densa sobre processo criativo necessitava de pessoas que pudessem viver uma imersão através da combinação: discussões conceituais, atividades práticas, atividades de convivência (como o comer, descansar, conversar).

Com essa mistura de disponibilidade para imersão, vontade de trocar conhecimentos, experiência de vida de diferentes contextos e formas de atuar foram selecionadas 35 pessoas dos 74 inscritos. Como a intenção era tornar o espaço de trocas o mais aberto possível foi adotado uma postura de não controlar o acesso e a presença, tendo acontecido uma margem pequena de pessoas selecionadas não participando e pessoas não selecionadas, e até não inscritas, presentes nas atividades. Com esse público flutuante o Workshop Internacional Urban Labs contou com 50 participantes diretos e 10 indiretos (conforme **Figura 4.10**)— estando incluído nesses indiretos alguns usuários da rua que se envolveram com certeza frequência nas atividades, alguns integrantes do INCITI que estiveram presentes em alguns momentos e os alunos da disciplina Urbanismo Tático da Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da UFPE que realizaram visitas para entrevistar participantes e coletar informações para as discussões em sala de aula.



Figura 4.10 50 participantes diretos e 10 indiretos.

Com a intenção inicial pensada de constituir uma equipe transdisciplinar que atuasse em vários campos do conhecimento o *Urban Lab 1* surpreendeu por contar com uma diversidade de perfil de inscritos. Oriundos dos mais variados contextos (do centro urbano a periferias, dos escritórios aos movimentos sociais) e com distintos conhecimentos adquiridos, seja pela formação, pelas vivências e práticas de atuação (artistas, fotógrafos, grafiteiros, arquitetos, designers, etc.) foi possível criar um espaço de compartilhamento de muitos saberes. Esse perfil (ilustrado pela **Figura 4.11**) somado a presença dos facilitadores – profissionais com experiência local, nacional e internacional (franceses, australiano, de diversas regiões do Brasil) de intervenções urbanas, prototipagem e processos colaborativos – garantiu a construção de um processo de trabalho focado no aprendizado para melhores soluções para a cidade. Sentimento expresso pela participante Ana Lira: “É bom a gente perceber como esses

coletivos, mesmo em lugares distintos estão se conectando, como eles estão produzindo e que soluções estão encontrando para situações específicas das cidades deles, mas que também pode ser um aporte pra gente pensar projetos interessantes aqui pra nossa cidade.”.

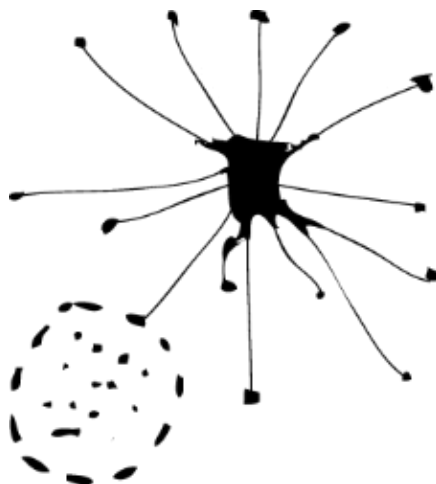


Figura 4.11 Diagrama para ilustrar a diversidade do perfil dos participantes: diversidade do grupo com a emergência da articulação do grupo de Casa Amarela para ganhar os mobiliários.

O *Urban Lab 1* teve como uma das forças motriz o desenvolvimento de atividades colaborativas proporcionando a troca de conhecimentos e a capacitação de cada participante para futuras atividades. A partir desse olhar surgiram algumas indagações: “Por que ele teve o foco muito maior nos produtos a serem desenvolvidos que nos processos que revelam as formas de fazer? Será que a prática de desenvolvimento dos produtos, envolvendo a troca de conhecimentos do saber fazer ao fazer propriamente dito, já desencadeou um processo rico de construção do saber?”

Pelo tempo curto do workshop e na intenção de ao final conseguir ter produzido alguns protótipos fez com que esse primeiro experimento se caracterizasse pela exploração intensiva das atividades práticas para desenvolvimento de mobiliários concebidos durante o processo do fazer. Ao invés de optar por explorar as várias etapas do projeto (diagnóstico do problema; lista de possibilidades de solução; concepção e definição da solução que mais se adequa ao tempo, material e orçamento; prototipagem; teste; ajustes) o workshop buscou encurtar várias etapas e focar na prototipagem. A partir da definição rápida dos produtos a serem desenvolvidos, foi introduzido algumas técnicas e uso de ferramentas que juntos iniciaram o processo de prototipar e com os conhecimentos sendo adquiridos com a prática foram sendo reelaborados e melhorados os produtos.

(8) Produtos

Após uma primeira discussão sobre os espaços públicos visitados e outros em geral foram definidos alguns parâmetros iniciais para os projetos a serem desenvolvidos:

- 1) A carência de lugares para sentar e quando existem estão grande parte do dia recebendo muita insolação. Isso deu origem a duas premissas: necessidade de lugares para sentar mais flexíveis que proporcionem o seu deslocamento para áreas sombreadas, por exemplo, ou mobiliários que incluam elementos que criem sombra.
- 2) A inserção de elementos/mobiliários lúdicos que estimule a criatividade, o imaginário e o desenvolvimento de brincadeiras nos espaços públicos.
- 3) Muitos dos conhecimentos aprendidos na formação de um cidadão vêm das ruas e ao encará-las como espaço de aprendizado sente-se necessidade de equipamentos ou mobiliários que estimulem esse compartilhamento de conhecimentos.

Diante desses parâmetros algumas ideias se destacaram e foram desenvolvidas, seguindo um processo não linear onde foram esboçadas as primeiras ideias, desenvolvidos projetos, iniciou a execução e com a experiência do fazer em processo foi sendo ajustados, culminando em alguns protótipos que foram colocados na rua para serem avaliados: o funcionamento, apropriação, manutenção, para futuros ajustes.

Os produtos que foram concluídos como protótipos foram o Baobarco, quatro unidades do Mobiliário Modular, dois Abrigos Bibliotecas e a Mazela. Cada um será explicado abaixo:

Baobarco

Um dos mobiliários produzidos que chamou mais a atenção nas situações em que foi colocado na rua foi o Baobarco (**Figura 4.12 e Figura 4.13**), nomeado dessa forma por ser um mobiliário inspirado pela visita ao Baobá e pela mobilidade de um barco. Possibilitando alguns formatos do sentar – sem encosto, com duas inclinações do encosto e podendo ainda deitar –, o mobiliário trabalha a ludicidade dos usuários pois suas rodas proporcionam um constante deslocamento, quase uma navegação pelo território, que é reforçado pela pintura formando ondas e pela inscrição de seu nome na embarcação.



Figura 4.12 Baobarco produzido no Workshop Internacional *Urban Labs*.²⁸

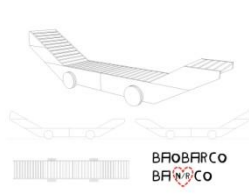


Figura 4.13 Processo de desenvolvimento da ideia do Baobarco, do projeto a execução.²⁹

²⁸ Foto: Marília Sobral.

²⁹ Fotos: Bernardo Teshima.

Mobiliário Modular

Sequência de quatro mobiliários desenvolvidos (conforme **Figura 4.14**) seguindo uma mesma lógica de corte das peças de pallets e tábuas de madeiras, porém com montagem diferenciada onde a base e lugar do sentar se invertem, proporcionando outros usos como minibibliotecas ao inserir prateleiras centrais. Essa versatilidade conseguida com a modulação das peças proporciona também outros arranjos ao combinar mais de uma peça.



Figura 4.14 Processo de desenvolvimento dos Mobiliários Modulares.³⁰

³⁰ Fotos: Marília Sobral e Bernardo Teshima.

Abrigos Bibliotecas

Foram também produzidas duas unidades de um mesmo mobiliário mais robusto que agregasse o sentar, a biblioteca (espaço para troca de livros) e que proporcionasse sombra para o usuário (Figura 4.15 e Figura 4.16). Mesmo sendo duas peças mais robustas na concepção foi prezado por um mobiliário que possibilitasse vários arranjos: cada um funcionasse independente do outro, a combinação entre eles oferecesse arranjos lado a lado ou alinhados e com isso aumentasse a versatilidade ao ser inserido em um espaço público. Um detalhe importante de concepção são os pergolados nas cobertas, inspirados na visita a horta de Casa Amarela, que possibilita a inserção de plantas trepadeiras.



Figura 4.15 Abrigos Bibliotecas desenvolvidos no Workshop Internacional *Urban Labs*.³¹



Figura 4.16 Processo de construção dos Abrigos Bibliotecas no Workshop Internacional *Urban Labs*.³²

³¹ Fotos: Marília Sobral.

³² Fotos: Marília Sobral.

Mazela

Diferindo dos outros mobiliários produzidos por ser incrementada na sua composição a corda a Mazela é uma estrutura bem simples que trabalha estruturalmente com tensão e compressão. De fácil montagem e possibilitando diversos arranjos possibilita uma maior versatilidade de uso, assumindo tanto um caráter de mobiliário para sentar e deitar como também para brincadeiras. A Mazela foi o último mobiliário montado e em menos de 2 horas estava pronto e já em uso. Como os materiais usados são bem delgados (barrotes de madeira mista e cordas) não é preciso inserir cores para o mobiliário ter um aspecto de pronto para uso e com alto potencial de estímulo ao imaginário (conforme **Figura 4.17**).



Figura 4.17 Mobiliário urbano Mazela produzida no Workshop Internacional *Urban Labs*.³³

(9) Extras

Uma das premissas do workshop era a doação dos mobiliários produzidos para um espaço público da cidade do Recife e essa definição estava vinculada a uma votação online que indicava alguns espaços públicos (Jardim do Baobá na Ponte D’Uchoa, Jardim do Hospital Oswaldo Cruz e Horta de Casa Amarela).

³³ Fotos: Marília Sobral.

O espaço público da horta de Casa Amarela estava concorrendo e, além disso, foi um dos espaços que recebeu a visita no início do workshop. Esses fatores contribuíram para uma articulação e divulgação da votação – pelos integrantes do coletivo Casa Amarela Saudável e Sustentável – e consequentemente do workshop, surpreendendo a organização.

A escolha por esse processo de votação para definição do espaço que receberia os mobiliários proporcionou a ampliação da relação do workshop com a sociedade. O que pode ser percebido com o resultado da votação que chegou a 1.207 votos, destes 41 para o Jardim do Baobá na Ponte D’Uchoa, 76 para o Jardim do Hospital Oswaldo Cruz e 1.090 para a Horta de Casa Amarela.

Os mobiliários foram levados pelos integrantes do Casa Amarela Saudável e Sustentável para a horta (**Figura 4.18**) e compõem o espaço público que é gerido pelos moradores da vizinhança (**Figura 4.19**).



Figura 4.18 Mutirão dos moradores de Casa Amarela para transportar mobiliários produzidos no *Workshop Internacional Urban Lab*.³⁴

³⁴ Foto: do autor.



Figura 4.19 Mobiliários inseridos na Horta de Casa Amarela.³⁵

Para facilitar a compreensão das análises foi desenvolvida uma ficha de catalogação de cada experimento que sintetiza as discussões levantadas por cada categoria de análise. Segue **Tabela 4.2:**

³⁵ Fotos: do autor.

Tabela 4.2 Ficha de catalogação do Workshop Internacional Urban Labs

EXPERIMENTO nº		1
TÍTULO Workshop Internacional Urban Labs		IMAGEM 
FACILITADORES André Moraes (VAaSTU e INCITI) Amanda Florêncio (VAaSTU e INCITI) Yvan Detraz (<i>Bruit Du Frigo</i>) Camille Uri (A'URBA) Laura Sobral (A Batata Precisa de Você) Leonardo Armellin (A Batata Precisa de Você) Reni Lima (A Batata Precisa de Você)		
PERÍODO 13 a 17 de outubro de 2015		
DESCRIÇÃO O Workshop Internacional Urban Labs promovido pela parceria entre a Fundação Joaquim Nabuco, o Consulado da França no Recife e o INCITI/UFPE, foi desenvolvido com o intuito de produção de mobiliários urbanos para um espaço público, escolhido através de votação popular na internet.		OBJETIVOS ▪ Produção de protótipos de mobiliários urbanos que serão inseridos em um espaço público escolhido através de votação popular na internet pós-workshop; ▪ Estimular o trabalho manual e o manuseio das ferramentas; ▪ Desenvolver capacidade cidadã para atuação no espaço urbano; ▪ Proporcionar processos colaborativos para desenvolvimento de projetos e produtos.

(8) PRODUTOS**1 Baobarco**

Mobiliário inspirado pela visita ao Baobá possibilita alguns formatos do sentar, o mobiliário trabalha a ludicidade dos usuários pois suas rodas proporcionam um constante deslocamento, quase uma navegação pelo território, que é reforçado pela pintura formando ondas e pela inscrição de seu nome na embarcação.

2 Mobiliário Modular

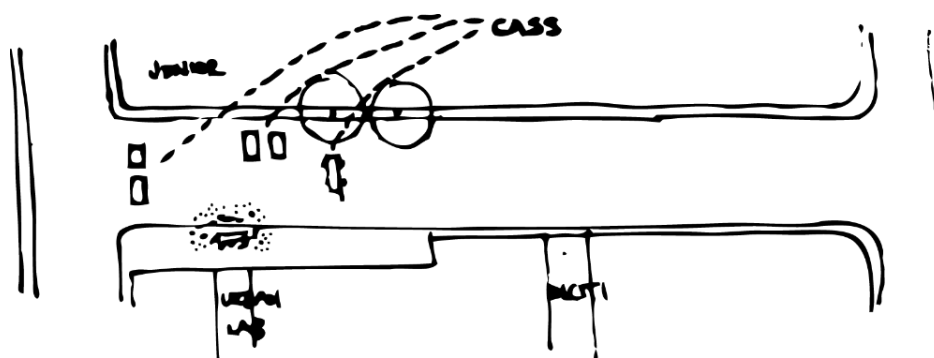
Sequência de quatro mobiliários desenvolvidos seguindo uma mesma lógica de corte das peças de pallets e tábuas de madeiras, porém com montagem diferenciada onde a base e lugar do sentar se inverte, proporcionando outros usos como mini-bibliotecas ao inserir prateleiras centrais.

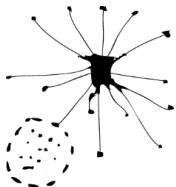
3 Abrigos Bibliotecas

Mobiliário mais robusto que agrega o sentar, a biblioteca (espaço para troca de livros) e que proporciona sombra para o usuário. Um detalhe importante de concepção são os pergolados nas cobertas, inspirados na visita a horta de Casa Amarela, que possibilita a inserção de plantas trepadeiras.

4 Mazela

Diferindo dos outros mobiliários produzidos por ser incrementada na sua composição a corda, é uma estrutura bem simples – montada em menos de 2 horas – que trabalha estruturalmente com tensão e compressão. Possibilita diversos arranjos possibilita uma maior versatilidade de uso e em menos de 2 horas estava pronto e já em uso.

MAPA SÍNTESE DA INTERVENÇÃO

CATEGORIAS DE ANÁLISE	DIAGRAMA	COMENTÁRIOS
(1) VISÃO Abordagem Iterativa () Estimula mudanças (X)	-	Os <i>Urban Labs</i> foram pensados como um processo evolutivo para desencadear as discussões do UTC Recife. Então é possível considerar o conjunto dos três como uma abordagem iterativa estimulando mudanças tanto na forma de fazer quanto na contaminação de novos agentes.
(2) CONTEXTO Soluções locais () Desafio do planejamento local (X)		Um dos principais pontos de discussão foi referente ao desenvolvimento de soluções genéricas de mobiliários capazes de atender desafios locais. Sendo dessa forma uma solução global para os contextos locais.
(3) AGILIDADE Compromisso de curto prazo (X) Expectativas realistas (X)		Uma preparação de 14 dias e um <i>workshop</i> de 5 dias para a compreensão de alguns contextos de espaços públicos do Recife seguido da concepção de algumas soluções genéricas e a prototipagem para ser colocada em teste na horta de Casa Amarela (fruto de votação popular).
(4) VALOR Baixo risco (X) Maiores recompensas (X)		Com um investimento na casa dos R\$40 mil reais o <i>Urban Lab 1</i> proporcionou troca de conhecimentos entre profissionais experientes nacionais e internacionais com os participantes e garantiu a produção de protótipos.
(5) PROCEDIMENTO Uso da cidade como laboratório de experimentação (X)		O <i>Urban Lab 1</i> teve os espaços públicos da cidade como objeto de análise para concepção e prototipagem de soluções de mobiliários porém a produção propriamente dita ocorreu em um ambiente fechado (oficina).
(6) LEGALIDADE Sancionada (X) Semi-sancionada () Não sancionada ()		Para o desenvolvimento do <i>workshop</i> foram conseguidos autorização para uso da edificação onde aconteceu as oficinas e também foi conseguido a autorização para o encerramento do evento na Rua Domingos José Martins.
(7) COMUNIDADE Desenvolvimento de capital social (X) Construção de capacidade organizacional (X) Fortalecimento da identidade local ()		50 participantes diretos e 10 indiretos Com um processo seletivo focado na diversidade dos participantes e a inscrição de pessoas de diferentes contextos e profissões constituiu uma equipe transdisciplinar com muitos saberes e abertos a troca. Além disso contou com a presença de profissionais com experiência local nacional e internacional.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

O workshop teve como objetivo projetar e executar uma proposta de intervenção efêmera na paisagem urbana da Rua Domingos José Martins que coloque em evidência os problemas de inclusão na cidade contemporânea e apontem possíveis soluções por meio da arquitetura da paisagem.

Objetivos Específicos

- Levantar discussão sobre o conceito de Paisagem Urgente para chegar numa compreensão;
- Confrontar o saber da academia com as práticas do cotidiano/realidade;
- Produzir intervenções que levistem um olhar para a Rua Domingos José Martins, atualmente funcionando como rua de serviço;
- Preparar a Rua Domingos José Martins para receber o *Urban Thinkers Campus* (UTC) Recife;
- Estimular o trabalho manual e o manuseio das ferramentas;
- Desenvolver capacidade cidadã para atuação no espaço urbano;
- Proporcionar processos colaborativos para desenvolvimento de projetos e produtos.

SÍNTESE DO PROCESSO (ETAPAS)

Com duração de 11 dias, o workshop foi desenvolvido em duas semanas bem distintas quanto às atividades. Na primeira semana atividades de reconhecimento da área, apresentações de conteúdos temáticos e atividades de aquecimento – tanto de estímulo à criatividade quanto ao desenvolvimento de projeto (conforme **Figura 4.21** abaixo) –, enquanto a segunda ficou definida para execução das ideias elaboradas na primeira.

O workshop se apoiou no processo não linear com apresentações que buscavam chegar às essências das etapas de um projeto. Passando pela história do bairro e da rua que receberia a intervenção, mergulhando nos elementos que caracterizam e diferem as paisagens e suas composições, explorando as possíveis materialidades, expandindo suas possibilidades de uso,

compreendendo suas propriedades e relações de forças estruturais (**Figura 4.22**), integrando os participantes em um processo muito mais colaborativo que individual de produção de artefatos e intervenções e compreendendo nossos corpos como agentes ativos que provocam ações e reações no outro, nas intervenções, no espaço urbano e novamente no corpo.

Processo esse de **alimentação** através de referências e atividades práticas; passando pela **observação** para a detecção de vulnerabilidades, pontos críticos que exijam ações imediatas, assim como em elementos de valor da paisagem que mereçam ser potencializados. A partir da identificação destas evidências chegou na etapa do **projetar** que agregou desenhos e pequenos protótipos de estudo, que em seguidas se materializaram no espaço através da **prototipagem** em tamanho real para a **avaliação** de sua efetividade in loco.

Como atividades metodológicas, o experimento pretendeu explorar: a pesquisa de materiais existentes e encontrados; ferramentas e técnicas construtivas com base em sistemáticas visitas a campo, voltadas para: conhecimento da área de estudo; entendimento da demanda: o lugar, o cliente, o orçamento; explorações sobre o tema de intervenção (soluções e materiais).

Através de exercícios práticos e investigativos (**Tabela 4.3**) envolvendo a materialidade, a temporalidade e o desenho foram levantados questões urgentes relacionadas com: a microescala de intervenção na paisagem como forma de obtenção de um efeito positivo imediato na qualidade de vida urbana; o fortalecimento das relações entre ambiente construído, o meio natural e as pessoas como forma de consolidar o significado da paisagem; e o sítio histórico como lugar de sedimentação de tempos compatível e apropriado para a intervenção efêmera.

Tabela 4.3 Cronograma de atividades do Workshop Paisagem Urgente.

Semana 1					
Pré	03/11/2015 (Terça)	04/11/2015 (Quarta)	05/11/2015 (Quinta)	06/11/2015 (Sexta)	07/11/2015 (Sábado)
Montagem	Abertura	Materialidade	Forma e construção (Tectônica)	Processo	ExC 1 - Contato com material
Estrutura	Paisagem Urgente	Materiais do cotidiano	ExC 1 – Tensegrity: tração e compressão	Design Build	Apresentação das propostas
Facilitadores	<i>Urban Thinkers Campus</i>	Classificação da matéria (estrutura, membrana, preenchimento)	ExP 1 - Cadernos / Diários de bordo	Trabalho Colaborativo	G1 – fachada; G2 – Modular plugin; G3 - Alargamento da calçada; G4 – Kit pipoqueiro; G5 - Sombra
Seleção / Participantes (Perfil)	ExC (Exercício Livre Criativo) 1 – Olhar criativo	ExC 1 - Respirar, correr, respirar		ExC 1 - Estrutura Humana	
	ExC 2 – A totalidade, o mais significativo, o ponto de vista, os limites	ExC 2 - Vendar, explorar, desvendar		ExP 1 - Inicia o projeto de implantação	
	ExP (Exercício voltado ao Projeto)	ExP 1 - Intenções e proposições do projeto			
	Processo histórico (evolutivo) e temas da paisagem				
Semana 2					
09/11/2015 (Segunda)	10/11/2015 (Terça)	11/11/2015 (Quarta)	12/11/2015 (Quinta)	13/11/2015 (Sexta)	14/11/2015 (Sábado)
Fechamento das Ideias	Execução, Teste, Avaliação, Execução.	Execução, Teste, Avaliação, Execução.	Execução, Teste, Avaliação, Execução.	Execução, Teste, Avaliação, Execução.	Montagem
Compra de materiais					Acabamentos
					Apresentação do Workshop (Produção e Processos)
					Confraternização (Maracatu, Piscina, etc.)



Figura 4.21 Seguindo da esquerda para direita as discussões temáticas levantadas: (1) Paisagem Urgente; (2) *Urban Thinkers Campus*; (3) Processo histórico; (4) Temas da paisagem; (5) Materialidade; (6) Tectônica; (7) Processo; (8) Design Build; e (9) Trabalho colaborativo.



Figura 4.22 Seguindo da esquerda para direita as dinâmicas de aquecimento: (1) Olhar Criativo; (2) e (3) Totalidade, mais significativo, ponto de vista e limites; (4) Respirar, correr, respirar; (5) Vendar, explorar, desvendar; (6) Tensegrity; (7) Diários de bordo; (8) Estrutura humana; (9) Contato com materiais.

ANÁLISE QUALITATIVA

(1) Visão

A análise da iteração mais macro, abordando o conjunto dos três Urban Labs, será realizada com detalhe no subcapítulo 5.3. Porém analisar o *Urban Lab 2* (Workshop Paisagem Urgente) sob essa ótica da iteração pode ser explorado tanto os processos internos quanto uma avaliação dos aprendizados do *Urban Lab 1* que influenciaram na configuração do 2.

Ao analisar os aprendizados alguns pontos se destacaram:

O *Urban Lab 1* teve como foco o despertar do conhecimento a partir do desenvolvimento dos protótipos. Tendo isto em mente e buscando agregar um valor maior aos produtos foi pensado que o *Urban Lab 2* deveria ter mais tempo para compreender o contexto no qual a intervenção seria inserida e desenvolver mais atividades que estimulassem a criatividade para as ideias serem mais amadurecidas. Para isso optou-se em dobrar o tempo, sendo uma semana para exploração dos conteúdos e desenvolvimento dos projetos e a segunda para execução e acabamento dos protótipos. O que foi seguido com alguma flexibilização para resolver problemas de gestão e de concepção dos projetos.

Um ponto essencial para o *Urban Lab 1* foi o formato de seleção dos participantes: tendo conseguido uma diversidade que proporcionou um ambiente intenso de trocas. No *Urban Lab 2* o formato foi mantido, porém, por estar vinculado a uma disciplina do curso de graduação de arquitetura e urbanismo da UFPE, acreditasse que o perfil dos inscritos tenderam a ser estudantes de arquitetura o que reduziu bastante a busca por novos conhecimentos.

Outra evidência da iteratividade esteve presente na apropriação e resignificação dos mobiliários: os bancos de apoio as atividades foram transformados através de pintura em novo produto; os abrigos foram incorporados como espaço de apresentação e discussão durante a primeira semana; enquanto que no *Urban Lab 1* os mobiliários produzidos foram lançados na rua de forma aleatória para o dia do encerramento, no *Urban Lab 2* essa disposição de certa forma foi analisada para uma composição mais apropriada a rua e as atividades a serem desempenhadas na mesma.

Já ao analisar os processos internos a percepção foi muito parecida com o *Urban Lab 1*: um conhecimento sendo passado de um para o outro através do discurso e das práticas do fazer, o que acaba igualando todos os participantes pela vontade de aprender e limitação do conhecimento prático.

(2) Contexto

O Workshop Paisagem Urgente foi todo desenvolvido para um cenário específico da cidade: a Rua Domingos José Martins; e estando o espaço da oficina também localizado na mesma rua estreitou as relações entre os processos criativos e o objeto empírico que se trabalhava. Nele foi possível identificar e trocar experiências com usuários da rua (tanto com alguns de passagem quanto com os que mantêm uma relação de maior permanência com o local) e dessa forma incluí-los nas demandas urgentes diagnosticadas. Essa leitura fica clara com a fala de

um dos envolvidos no workshop: “Discutimos o que a rua pede e o que a rua não pede. Foi identificado o que falta e o que não falta. O que podemos ressaltar o que tem de bom e o que podemos trabalhar para que fique bom. ”.

A imersão no contexto da intervenção proporcionou um contato mais aproximado com a realidade e com os usuários da rua. A relação direta com os usuários revelou um campo metodológico de trabalho para muitos dos participantes que são estudantes de arquitetura e estão acostumados a desenvolver projetos supondo necessidades de quem realmente vive a área que receberá o projeto. Essa surpresa está na fala de um dos participantes: “Um aspecto que achei bem importante foi o contato com o público alvo, foi incrível. Na universidade e muitas vezes no mercado de trabalho mesmo, vê-se arquitetos sem a visão humanista, presos em escritórios, pranchetas, etc. idealizando as necessidades dos usuários, quando na verdade o correto seria ir até eles.”. E levado por esse pensamento de proatividade revelar o despertar de uma nova forma de se portar na construção da cidade, quando esse mesmo participante expressa: “Me fez pensar numa escala maior, no planejamento participativo nas cidades, que atualmente é tão defasado em decorrência de interesses maiores...”.

Esse espírito de participação está presente também nos resultados quando o maior envolvimento dos usuários que permanecem no imóvel de esquina da Rua Domingos José Martins com a Avenida Barbosa Lima garantiu resultados mais aproximados a demanda deles, fato que fica claro com a intervenção da pintura da fachada do prédio e do kit para os ambulantes que lá se estabelecem. Então, na categoria de análise contexto o *Urban Lab 2* partiu de uma discussão sobre o objeto local para desenvolver soluções para alguns de seus problemas (**Figura 4.23**).



Figura 4.23 Soluções locais para os desafios do planejamento local.

(3) Agilidade

Com a intenção de agregar alguns valores de conteúdo e tempo de concepção e amadurecimento do projeto esse segundo workshop foi pensado em duas partes: uma semana de teoria e desenvolvimento de projeto e outra de execução. Com uma preparação de 35 dias (contando com o *Urban Lab 1*) e um workshop de 11 dias (**Figura 4.24**) para a compreensão da Rua Domingos José Martins em sua essência. Envolvendo desde a sua história de formação,

as relações vivenciadas nela, a composição de suas paisagens e através disso propor pequenas ações para melhorar o contexto e servir de base para o UTC Recife.



Figura 4.24 Ilustração dos dias de preparação (35 dias) e dias do experimento (11dias).

Um tempo curto para a quantidade de discussão e alguns problemas na aquisição do material acabaram ampliando o tempo de concepção e reduzindo a execução, conforme expresso por participante: “Acredito que as dinâmicas da primeira semana foram até certo ponto interessante e necessárias, mas devido à necessidade e o curto prazo para alcançar um resultado/produto com relevante impacto, talvez, fosse melhor ter encurtado esse momento ou ter feito uma transição mais eficiente com a segunda semana: a parte mais prática e execução do workshop.”.

Essa leitura é válida como aprendizado mas é mais enfática e evidente quando pensado o produto como objetivo fim. O workshop parte da premissa que mais que o produto finalizado é importante construir um conhecimento que permita aos envolvidos desenvolverem a capacidade de intervir coletivamente nos conflitos existentes nas cidades e assim conseguir um afastamento suficiente para ter clareza das etapas vivenciadas e como melhorá-las para replicar as ações. Para isso é importante o poder de improviso e de lidar com as artes do fraco: estar sempre atento a oportunidade e a maneiras de fazer nos meios estabelecidos e isso o *Urban Lab 2* conseguiu e pode ser evidenciado nas palavras de um dos participantes: “Em relação ao produto final, não conseguimos levar adiante o que havíamos proposto inicialmente, por razões de orçamento e de algumas mudanças do projeto do workshop como um todo. Contudo, conseguimos adaptar o projeto.”.

(4) Valor

Um experimento com mais que o dobro de dias que o primeiro mas que reduziu bastante os custos por ter como facilitadores apenas profissionais locais e a maioria vinculados as instituições promotoras do evento. Outro ponto importante que acarretou na redução dos gastos foi o aproveitamento de materiais e ferramentas que sobraram do *Urban Lab 1* e a doação de mais de 150 pallets por uma empresa local. Essas condições e o empenho em definir propostas de baixo custo, reutilizando o máximo de material possível, e alto impacto

acarretou um workshop com um investimento baixo na casa dos R\$5 mil reais (conforme escala da **Figura 4.25**) e mesmo assim proporcionou troca de conhecimentos entre profissionais e acadêmicos com os participantes e a produção de protótipos para a Rua Domingos José Martins.



Figura 4.25 Diagrama para ilustrar a escala de investimento do experimento.

(5) Procedimento

O *Urban Lab 2* trabalhou diretamente vinculado e imerso no contexto da ação – a Rua Domingos José Martins – tendo um suporte grande da oficina que se estabeleceu dentro da mesma edificação do *Urban Lab 1* (**Figura 4.26**). Ter a oficina e área de trabalho juntos favoreceu a dinâmica de produção no próprio canteiro de obra (**Figura 4.27**), possibilitando ajustes em tempo real dos protótipos enquanto iam sendo desenvolvidos. Além disso, um dos ganhos desse workshop foi a convivência diária com pedestres de passagem pela rua, atraindo em muitos momentos pessoas que paravam e perguntavam o que era e conversavam sobre o assunto.



Figura 4.26 Diagrama para representar o ambiente misto (oficina e cidade) para produção de solução para o ambiente aberto.

Essa relação com os usuários da rua foi sem dúvida um dos pontos que chamou a atenção dos participantes e que carregam a força do Urbanismo Tático como ferramenta de aprendizado e trocas, conforme bem relatou uma participante: “Adorei intervir na rua porque é sempre fator de interações com as pessoas que usam esse espaço de maneira cotidiana e pontual, foi muito interessante e encontrei muitas pessoas lindas além das pessoas do workshop!”

Essa característica marcante proporcionou o surgimento de interesse tanto dos participantes quanto de alguns usuários para contribuir para o *Urban Thinkers Campus Recife*, possibilitando, na sequência, a montagem da rua para o evento.



Figura 4.27 Produção diretamente no local intervenção.

(6) Legalidade

Para o desenvolvimento do workshop foram conseguidos autorização para uso da edificação onde aconteceu as oficinas, para a instalação do coração perpendicular a fachada avançando suspenso sobre o passeio e também foi conseguido a autorização para o encerramento do evento na Rua Domingos José Martins. Além disso, ao desenvolvermos grande parte das atividades a rua e calçadas vários usuários diários se solidarizaram e nos ajudaram com o esvaziamento e limpeza de alguns lugares protegendo-os para podermos trabalhar, mesmo que não seja permitido tal uso. Dessa forma o Workshop Paisagem Urgente se enquadrou como uma intervenção semisancionada (**Figura 4.28**).



Figura 4.28 Intervenção semisancionada.

(7) Comunidade

Seguindo a mesma metodologia do primeiro experimento, o *Urban Lab 2* também dividiu a participação em dois níveis que se misturam / permeiam com o desenvolvimento das atividades:

- (a) A equipe de facilitadores do workshop composta pelo Laboratório da Paisagem da UFPE (Julieta Leite), dois integrantes do VAaSTU e INCITI (André Moraes e Amanda Florêncio), pelo design pela UFPE (André Arruda), pelo paisagista integrante do Parque Capibaribe (Alexandre Campelo), pelo Laboratório de Tectônica da UFPE (Maria Luiza de Freitas) e pelo professor de arquitetura da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e integrante do escritório O Norte – Oficina de Criação (Lula Marcondes).
- (b) E um grupo de 40 participantes selecionados a partir de um processo de inscrição *online* que contava com os mesmos campos de preenchimento do primeiro: **Dados pessoais; Currículo resumido;** pergunta: **Faz parte de algum coletivo e se sim qual?**; pergunta: **O que o motiva a participar do workshop?**; e **Disponibilidade de tempo para participar** – que tinha uma importância diferente por estar vinculado a um projeto de extensão do Laboratório da Paisagem do DAU/UFPE (sendo exigido inicialmente a presença para obtenção do certificado), com o interesse de inserir uma carga teórica maior que o *Urban Lab 1* e com uma carga horária de trabalho intensa, pois mesmo tendo duas semanas as atividades só aconteciam no período da tarde, o workshop demandava a presença pois as atividades eram sequenciais e evolutivas, perder uma geraria um descompasso, que foi o definidor dos caminhos trilhados no workshop.

Foram selecionadas 40 pessoas das 82 que se inscreveram. Por estar associado a uma atividade acadêmica o workshop começou com uma lista diária de frequência na primeira semana que tinha um cunho mais teórico enquanto na segunda semana foi eliminado esse controle para atrair um público não inscrito, ampliando assim a participação nas atividades práticas de produção das intervenções. Devido ao público flutuante (selecionados que faltaram e novos integrantes que se incorporaram) garantiu ao workshop 50 participantes diretos e 10 indiretos.

Mesmo com a busca pela diversidade nas características dos participantes com o processo seletivo, esse workshop se caracterizou por ser muito homogêneo: muitos dos participantes eram da área de arquitetura (estudantes e profissionais) centrando assim muitas das discussões em questões estéticas e estruturais com opiniões semelhantes. Acredita-se que essa homogeneidade se deve ao fato do experimento estar vinculado a uma disciplina da graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPE.

Esse recorte de participantes muito novos e de um mesmo ciclo de experiências de vida, em sua maioria estudantes de arquitetura e urbanismo, revelou a necessidade constante do trabalho com a cidade estar cada vez mais vinculado a uma diversidade de atores envolvidos. Pela falta de experiência com processos abertos de construção colaborativa e/ou pela explanação mais precisa dessa característica almejada para o workshop, e conquistada no *Urban Lab 1* mas não nesse, acabou por construir um sentimento de desorganização e dependência dos facilitadores por parte dos participantes envolvidos. Essa deficiência emergente no *Urban Lab 2* é perceptível nos relatos de alguns participantes:

“Acho que houve um problema de planejamento e condução.”

“Além de o ambiente não ser o mais confortável, ficar 4 horas seguidas discutindo e fazendo atividades sem nenhum intervalo é pedagogicamente inviável, é contraproducente.”

“Vários facilitadores se ausentaram durante os dias do workshop e isso deu uma impressão de que o rigor era unilateral.”

Questionamentos importantes para o aprendizado nesse tipo de atividade que envolve uma coletividade, como as ações do Urbanismo Tático. Um processo aberto onde a troca de experiências não são por obrigação e sim na busca pelo conhecimento e por compartilhar saberes. Mesmo com essas críticas construtivas a autonomia de grande parte dos participantes almejada no início do processo foi conquistada e grupos fluíram, se misturaram e assumiram uma postura ativa de desenvolver colaborativamente as ideias.

Ao perguntar: O resultado do Workshop Paisagem Urgente respondeu positivamente a suas expectativas? Por quê? Um dos participantes respondeu assim: “Porque não ficamos apenas na discussão e planejamento, desenvolvemos o projeto e o tiramos do papel e materializamos nós mesmos. ”. Esse espírito é uma das premissas do Urbanismo Tático. Nela vemos o poder que uma intervenção tem de fortalecer o sentimento de cidadão ativo na sociedade.

Um outro ponto relevante desse workshop foi a relação estabelecida entre o saber acadêmico e as práticas do cotidiano. Um workshop organizado pela academia, mas que almeja intervir no território de forma prática proporcionou em vários momentos o sentar para levantar discussões quase diametralmente opostas. Enquanto a academia buscava um planejamento minucioso de cada etapa, alguns participantes com experiência no fazer buscavam explorar o experimentar em todos os momentos como forma de vivenciar e obter respostas, não prezando, em si, por seguir um projeto e sim lançando perguntas e obtendo respostas constantemente e isso sendo condicionante para os próximos passos da composição dos protótipos.

Esse embate saudável pela força de construção do conhecimento teórico (acadêmico) e prático (do fazer cotidiano) gerou alguns conflitos que foram cruciais para quebra de rigidez e aumento do campo de debate para resolução de conflitos. As amizades criadas a partir das interações diárias, ressaltadas pelos Exercícios de Aquecimento, fortaleceu o processo garantindo um empenho dos participantes até a finalização. Essa mistura surpreendeu parte dos participantes, como na declaração de uma participante: “Foi surpreendente, pois imaginei que seria uma atividade mais prática durante a maior parte do período. Achei maravilhosa a visão dos facilitadores de incentivar a parte teórica no princípio, que serve de embasamento para que a intervenção tenha maior êxito. Achei ótima a questão das dinâmicas de grupo, uma vez que num trabalho como esse, a coletividade é tão importante. Dou uma atenção especial à dinâmica em que nos vendaram os olhos, foi de uma sensibilidade tremenda! Sentir o local daquela forma, confiar em quem lhe guiava... Foi ótimo. As ‘palestras’, que depois foram mudando para rodas de conversa, foi muito bom também. No início, ajudando com ideias, mostrando o que acontecia de intervenções com esse caráter mundo afora, e depois das ideias lançadas, e fervilhando nossas cabeças, restou a paciência de escutar.”

E com esse turbilhão de vontade de melhorar os processos e as dinâmicas que essa pesquisa revela o Workshop Paisagem Urgente como um processo de colaboração contínua e a partir dele algumas atividades e grupos de participantes se articularam independentemente da estrutura institucional desse *Urban Lab*.

Uma dessas contribuições plantadas nos participantes foram os aprendizados para o funcionamento de um grupo de voluntários que se reuniram para limpar as margens do Rio Capibaribe próximo ao Cais José Estelita. Mag Gomes, uma das participantes do Workshop Paisagem Urgente e fundadora desse grupo, relata: “O workshop e o Manguelita são

propostas diferentes, porém a questão de ter uma análise de um local, direcionamento do trabalho realizado e a contextualização do que vai ser feito e para que, são equivalentes. Também vemos o estudo da área na maneira em que é utilizada, quem a utiliza e como pode ser melhor aproveitada, são direcionamentos que puderam ser aprendidos com o *Urban Labs*. A integração de uma pessoa ao projeto e a vontade do participante em colaborar tem relação ao aprender com as vivências proporcionadas com os estudos de caso, que são propostas de intervenção, composição da paisagem e integração das pessoas ao meio o qual está sendo estudado.”.

(8) Produtos

Antes de iniciar o *Urban Lab 2*, durante as reuniões de elaboração do projeto de workshop, foi discutido sobre a possibilidade de alguns facilitadores se juntarem para montarem um artefato que servisse de primeira intervenção na paisagem de forma a estimular os participantes a liberarem suas ideias os acolhendo. Dessa forma foi elaborado o coração pulsante que será explicado mais abaixo.

Dando prosseguimento ao workshop, passados as atividades de alimentação, aquecimento e projeto com um repertório de informações do lugar, da paisagem e suas urgências, da materialidade, das ideias, dos processos criativos colaborativos, das estruturas e orçamentos disponíveis, que aos poucos foram norteando o que a Rua Domingos José Martins necessitava, iniciou-se a definição dos produtos a serem prototipados. Intencionando assim aguçar um olhar crítico e atender a demanda que originou o workshop de ser um espaço que receberá o *Urban Thinkers Campus Recife* e que o processo de construção desse espaço fosse de forma evolutiva. Os produtos com prototipagem finalizada, e que serão explicados abaixo, foram: os mobiliários *plugins*, a calçada contínua, o kit pipoqueiros, o TA TU e o projeto gráfico com pintura da fachada.

Coração Pulsante

Da possibilidade de dar aos participantes e a Rua Domingos José Martins a primeira intervenção surgiu o coração pulsante (**Figura 4.29**), um artefato tecnológico que carrega a simbologia do amor e do acolhimento/cuidado e que foi concebido e instalado durante os primeiros dias do *Urban Lab 2*. Composto por barras de alumínio, fita de led, sensor de presença e arduíno para gerenciar a pulsação, o coração assumiu um papel de destaque na

paisagem sendo mantido no local até o término do *Urban Thinkers Campus Recife* e posteriormente, com a entrega da edificação oficina, deslocado para a Rua da Alegria.

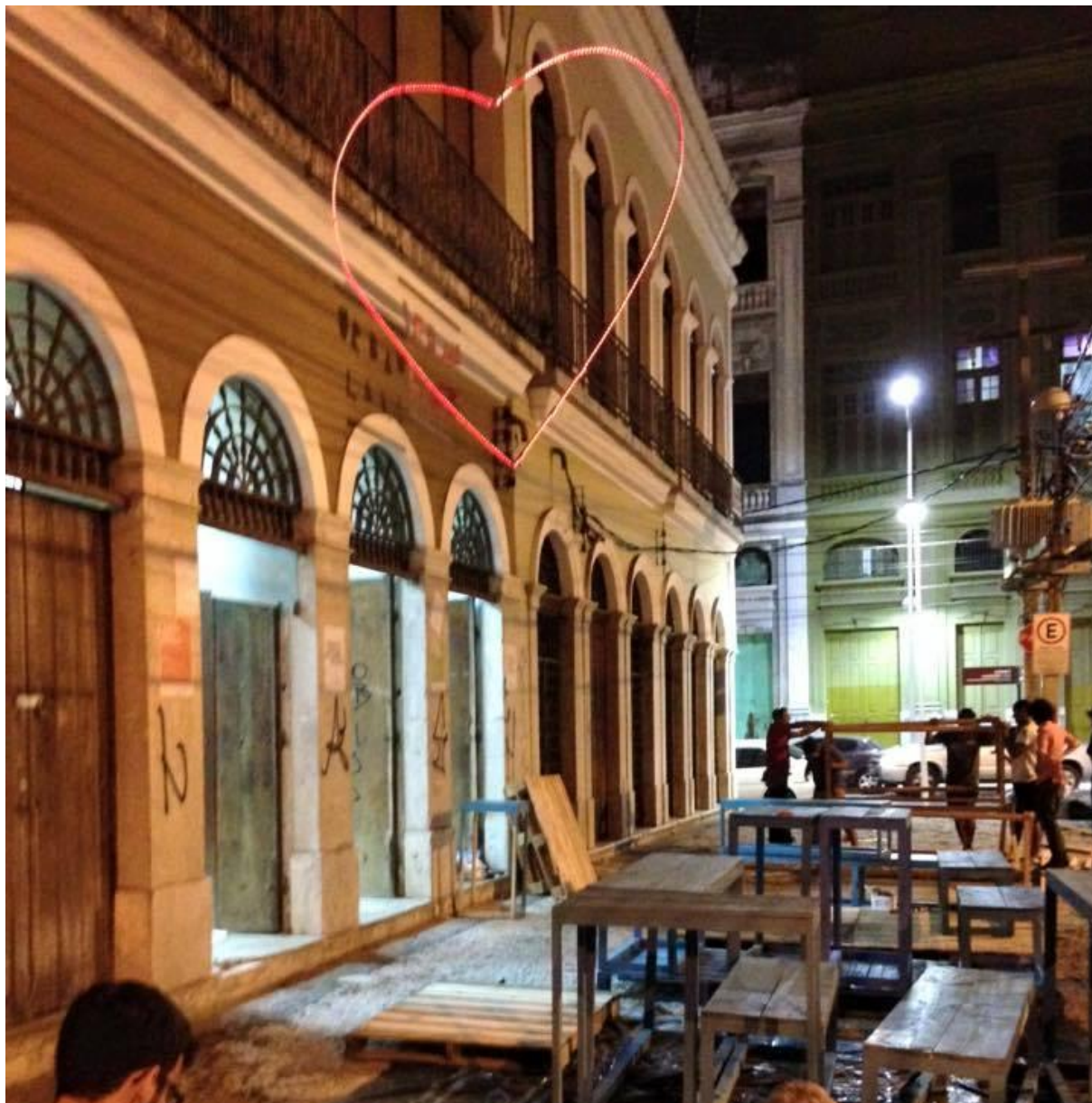


Figura 4.29 Coração pulsante instalado na Rua Domingos José Martins.

Identidade visual e pintura da fachada

Um dos destaques da intervenção foi o trabalho gráfico desenvolvido exaustivamente por uma das equipes. A pintura como elemento de ligação dos artefatos/mobiliários produzidos se rebateu na fachada da edificação em processo de arruinamento, porém ocupada por uma família que vive a rua e o Bairro do Recife intensamente, sendo responsáveis pela guarda de vários carros que ocupam o bairro, com serviço de guarda e manobrista, e também pela

guarda noturna dos carrinhos de comércio informal ambulante (na sua maioria pipoqueiros). Elaborar uma pintura que chame a atenção para uma situação muito comum nos grandes centros urbanos: de descaso com os imóveis que são frequentemente ocupados e nesse caso prestando serviços para a vitalidade do bairro. A intervenção no prédio teve a intenção de valorizar as pessoas que vivem lá e de criticar a realidade do bairro.

Uma das ações foi pintar as antigas janelas, hoje emparedadas, buscando fazer uma alusão à iluminação barrada pela vedação das aberturas (**Figura 4.30**).

Durante as discussões entre facilitadores e participantes sobre a intervenção, algumas falas chamaram a atenção:

- “Evidenciar as pessoas que o usam como porta de entrada, pessoas que vivenciam a rua no dia-a-dia. Alusão à invisibilidade já que o outro extremo da rua é muito bem tratado.”
- “Será que eles já não estão em evidência a partir da sujeira e abandono? Será que a intenção, ao invés de diferenciar/evidenciar, não seria tratar com igualdade e trazer para a normalidade?”
- “O edifício não é moradia, apenas depósito. São duas famílias e 13 carroceiros. Pipoqueiros que guardam os carrinhos à noite e vão para suas casas em outros bairros. Os pipoqueiros são proibidos pela prefeitura atuar no marco zero e vendem nas ruas de trás.”
- “Seria o Centro Cultural da Pipoca?”
- “Ao dignificar a fachada ou vestir o carroceiro estão também criando uma paisagem e construindo a cidade.”



Figura 4.30 Desenvolvimento da pintura da fachada: (1) pintura coletiva; (2) estudos de composição; e (3) e (4) fachada concluída.

Calçada contínua (ampliação)

Ao mergulhar na realidade da Rua Domingos José Martins ficaram perceptíveis alguns obstáculos que atrapalham, chegando a alguns casos a impedir, o bom funcionamento do espaço público. São alguns destes: poluição visual causado pela fiação elétrica que alimenta as edificações e a iluminação pública, os desníveis das calçadas e a grande quantidade de obstáculos, como buracos, batentes, balizadores, placas de trânsito, esgoto de estabelecimentos comerciais de alimentação sendo jogadas na rua, calçadas estreitas e apenas duas grandes árvores na extensão toda da rua proporcionando sombra e assim uma temperatura mais amena para o pedestre.

Diante dos obstáculos existentes encontramos duas calçadas com potencialidades bem distintas: enquanto uma apresenta em um trecho uma boa dimensão para a permanência de pedestres, inclusive servindo de área de descanso e alimentação dos funcionários de alguns estabelecimentos; já a outra além de ser muito estreita em toda sua dimensão, tem duas grandes árvores que ocupam toda sua extensão proporcionando uma grande sombra na rua.

A ideia de ampliar essa calçada (**Figura 4.31**) para garantir um aproveitamento da única área de sombra da rua foi pensada de forma a ser um passeio linear contínuo, sendo executada uma parte, como protótipo, com o uso de pallets.



Figura 4.31 Calçada contínua sendo desenvolvido no Workshop Paisagem Urgente.

Mobiliários *plugins* (azuis)

A Rua Domingos José Martins caracterizada como secundária, de apoio as principais ruas do Bairro, sendo usada como espaço de serviço (rua de estacionamento e onde ficam as instalações elétricas com os postes e fiações que alimentam as edificações das quadras adjacentes).

Nesse contexto e observando algumas iniciativas de permanência, como funcionários de restaurantes que descansam e se alimentam nas horas livres em alguns trechos da rua, improvisando bancos e mesas, levantou o interesse de criar mobiliários para sentar, comer e descansar (**Figura 4.32**).

Visando criar uma identidade nesses mobiliários foi estabelecido como condicionante que todos seriam pintados de uma única cor e que estariam associados ao módulo de um *pallet* para assim poder se acoplar a calçada contínua desenvolvida.

Inicialmente os módulos foram pensados com rodízios para poderem circular pela rua e se ajustarem a necessidade e forma listados outros funções (como por exemplo: lixeira e jardineira), porém, pelos recursos existentes essas ideias de rodinhas e mais módulos foram registradas para outra prototipagem.



Figura 4.32 Mobiliários *plugins* desenvolvidos no Workshop Paisagem Urgente.

Kit pipoqueiros

Ao vivenciar a Rua Domingos José Martins e assumi-la como área de intervenção é notável destacar a presença dos pipoqueiros e suas carroças durante todo o dia (seja lavando e arrumando as carrocinhas para sair para mais um dia de trabalho, seja fazendo a manutenção das mesmas que muitas vezes precisam ser consertadas e trocadas algumas peças, seja no momento de guardá-las para na outra manhã retirá-las).

Com o objetivo de explorar a temática desse ator com presença constante na rua foi estudado e desenvolvido um kit (**Figura 4.33**) para ser incorporado as carrocinhas, buscando agregar valor ao produto comercializado e identificar e levar um pouco da Rua Domingos José Martins para o Bairro do Recife, tendo em vista que tal rua não era conhecida pela maioria das pessoas.



Figura 4.33 Kit pipoqueiro desenvolvido no Workshop Paisagem Urgente.

TA TU

Outro elemento que percorreu várias discussões no workshop foi a questão da criação de sombra para uma rua que se encontra ensolarada por grande parte do dia. Inicialmente a ideia era pensar em alguma sombra que servisse para abrigar atividades simples como o comer e até atividades mais complexas, por exigir maiores áreas, como espaço para oficinas e discussões. Esse um pequeno relato da ideia inicial: “proposta tem cobertura, horta e mesa. Foram pesquisadas madeiras, tecidos, lonas, plásticos e cordas. Seria um totem. Estrutura única com pilar central e cobertura que capta a água para o centro. A água cai na horta e ao redor da horta há uma mesa. Intenção de agregar pessoas. Elemento de socialização. Totem. Tripé. Serve para o evento e pós o UTC, pois há demanda de pessoas que querem comer na rua.”.

Pelo tempo para execução e orçamento disponível para o workshop essa ideia maior foi descartada e optou-se por desenvolver um protótipo que explorasse uma estrutura menor e flexível que abrigue o comer e o sentar na sombra. A estrutura de madeira com pequenas peças articuladas proporcionaria vários arranjos que poderiam se ajustar a necessidade. Dessa forma foi desenvolvida o TA TU (conforme **Figura 4.34**), mobiliário articulado que mudando a fixação poderia gerar várias formas.



Figura 4.34 Mobiliário TA TU sendo experimentado.

Dentro desse processo de concepção e experimentação muita discussão. Segue alguns comentários:

- “Incomodo com estrutura autônoma que não se comunica com o entorno. Crítica que a sombra poderia ter uma escala maior. ”
- “Deveria seguir o modulo dos *pallets* para manter unidade com outros grupos. ”
- “Incita a pensar na sombra. Sombrinha. ”
- “Há soluções mais simples e que necessitam de menos engenharia para atingir o mesmo resultado. ”
- “Podiam juntar a ideia de conexão entre os lados da rua para sombrear e utilizar guarda-sóis. ”

(9) Outros

O Workshop Paisagem Urgente focou em uma metodologia que agregasse momentos de construção de um banco de dados de referências, através de apresentações de diversos casos e processos; explorou atividades chamadas de aquecimento para estimular o olhar dos participantes e a relação entre eles e o lugar da intervenção; processos de concepção e desenvolvimento de ideias; até chegar à etapa de execução.

As dinâmicas de aquecimento ou Exercícios Livres Criativos tiveram um papel muito importante de integrar participantes, estimular reflexões tanto sobre as objetividades (projeto, orçamento, possibilidades, referências) quanto sobre as subjetividades (relação corpo-corpo e corpo-cidade, as relações de forças estruturais, de composição, de processo criativo) do workshop. O que se rebateu na integração dos envolvidos revelado na relato de um participante: “A primeira semana nos deu uma base boa para o projeto que iríamos desenvolver na semana seguinte. Os exercícios a respeito de cada tema abordado e as dinâmicas, aguçando diferentes percepções, foram muito interessantes e úteis. A dinâmica da venda nos olhos foi a melhor!”

Para simplificar a compreensão e leitura segue abaixo a **Tabela 4.4:**

Tabela 4.4 Ficha de catalogação do Workshop Paisagem Urgente

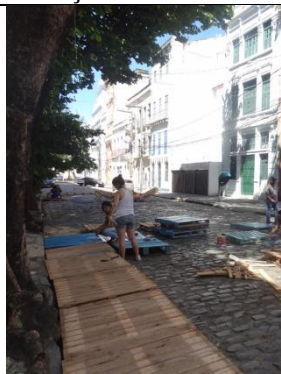
EXPERIMENTO nº	2
TÍTULO Workshop Paisagem Urgente	IMAGEM 
FACILITADORES André Moraes (VAaSTU e INCITI) Amanda Florêncio (VAaSTU e INCITI) Julieta Leite (Laboratório da Paisagem/UFPE) André Arruda (Design/UFPE) Alexandre Campelo (Parque Capibaribe) Maria Luiza de Freitas (Laboratório de Tectônica/UFPE) Lula Marcondes (UNICAP)	OBJETIVOS ▪ Projetar e executar uma proposta de intervenção efêmera na paisagem urbana da Rua Domingos José Martins ▪ Levantar discussão sobre o conceito de Paisagem Urgente para chegar numa compreensão; ▪ Confrontar o saber da academia com as práticas do cotidiano/realidade; ▪ Produzir intervenções que levem um olhar para a Rua Domingos José Martins, atualmente funcionando como rua de serviço; ▪ Preparar a Rua Domingos José Martins para receber o Urban Thinkers Campus (UTC) Recife; ▪ Desenvolver capacidade cidadã para atuação no espaço urbano; ▪ Proporcionar processos colaborativos para desenvolvimento de projetos e produtos.
PERÍODO 3 a 14 de novembro de 2015	
DESCRIÇÃO O Workshop Paisagem Urgente consistiu em uma parceria entre o Laboratório da Paisagem do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU) com o grupo de pesquisa e inovação para as cidades INCITI, ambos da UFPE, estando inserido como um dos <i>Urban Labs</i> no evento <i>Urban Thinkers Campus</i> (UTC) Recife e através de intervenções iniciar a preparação dela para abrigar o UTC.	

(8) PRODUTOS**1 Pintura (Fachada)**

A pintura como elemento de ligação dos artefatos produzidos se rebateu na fachada da edificação em processo de arruinamento, porém ocupada por uma família que vive a rua.

Elaborar uma pintura que chame a atenção para uma situação muito comum nos grandes centros urbanos: de descaso com os imóveis que são frequentemente ocupados e nesse caso prestando serviços para a vitalidade do bairro. A intervenção no prédio teve a intenção de valorizar as pessoas que vivem lá e de criticar a realidade do bairro.

Uma das ações foi pintar as antigas janelas, hoje emparedadas, buscando fazer uma alusão à iluminação barrada pela vedação das aberturas.

2 Calçada continua

A ideia de ampliar essa calçada para garantir um aproveitamento da única área de sombra da rua foi pensada de forma a ser um passeio linear contínuo, sendo executada uma parte, como protótipo, com o uso de pallets.

3 Kit pipoqueiro

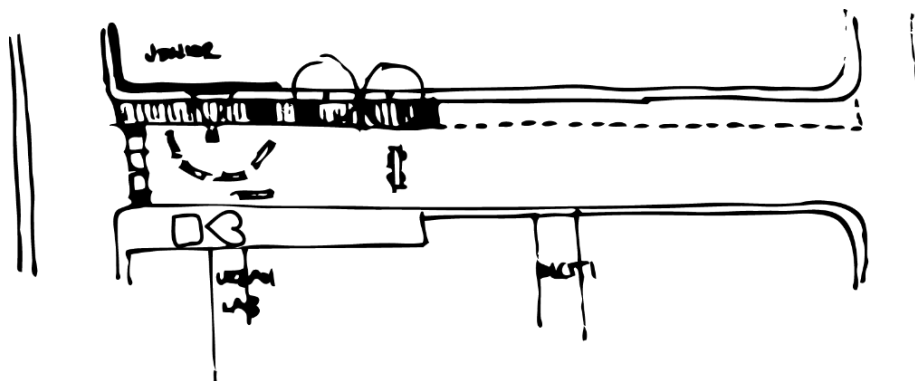
Com o objetivo de explorar a temática do pipoqueiro com presença constante na rua foi desenvolvido um kit para ser incorporado as carrocinhas, buscando agregar valor ao produto e identificar e levar um pouco da Rua Domingos José Martins para o Bairro do Recife.

4 Mobiliários *plugins*

Observando algumas iniciativas de permanência, como funcionários de restaurantes que descansam e se alimentam nas horas livres em alguns trechos da rua, improvisando bancos e mesas, levantou o interesse de criar mobiliários para sentar, comer e descansar.

5 TA TU

Protótipo que explora uma estrutura menor e flexível que abriga o comer e o sentar na sombra. A estrutura de madeira com pequenas peças articuladas proporciona vários arranjos que podem se ajustar a necessidade.

MAPA SÍNTESE DA INTERVENÇÃO

CATEGORIAS DE ANÁLISE	DIAGRAMA	COMENTÁRIOS
(1) VISÃO Abordagem Iterativa (X) Estimula mudanças (X)	-	Os <i>Urban Labs</i> foram pensados como um processo evolutivo para desencadear as discussões do UTC Recife. No <i>Urban Lab 2</i> foi notável a presença da produção do primeiro tanto dos produtos desenvolvidos quanto na análise para aprimoramento dessa segunda ação.
(2) CONTEXTO Soluções locais (X) Desafio do planejamento local (X)		O <i>Urban Lab 2</i> partiu de uma discussão sobre o objeto local – a paisagem da Rua Domingos José Martins – para nela desenvolver soluções para alguns de seus problemas ou conflitos.
(3) AGILIDADE Compromisso de curto prazo (X) Expectativas realistas (X)		Uma preparação de 35 dias (contando com o <i>Urban Lab 1</i>) e um <i>workshop</i> de 11 dias para a compreensão da Rua Domingos José Martins em sua essência. Envolvendo desde a sua história de formação, as relações vivenciadas nela, a composição de suas paisagens e através disso propor pequenas ações para melhorar o contexto e servir de base para o UTC Recife.
(4) VALOR Baixo risco (X) Maiores recompensas (X)		Com um investimento baixo na casa dos R\$5 mil reais, tendo aproveitado muito material do primeiro o <i>Urban Lab 2</i> proporcionou troca de conhecimentos entre profissionais e acadêmicos com os participantes e proporcionou a produção de protótipos.
(5) PROCEDIMENTO Uso da cidade como laboratório de experimentação (X)		O <i>Urban Lab 2</i> trabalhou diretamente vinculado e imerso no contexto da ação – a Rua Domingos José Martins – tendo um suporte grande da oficina que se estabeleceu dentro da mesma edificação do <i>Urban Lab 1</i> .
(6) LEGALIDADE Sancionada () Semi-sancionada (X) Não sancionada ()		Para o desenvolvimento do <i>workshop</i> foram conseguidos autorização para uso da edificação onde aconteceu as oficinas e também foi conseguido a autorização para o encerramento do evento na Rua Domingos José Martins.
(7) COMUNIDADE Desenvolvimento de capital social (X) Construção de capacidade organizacional (X) Fortalecimento da identidade local (X)		50 participantes diretos e 10 indiretos
		Seguindo quase a mesma metodologia do processo seletivo do primeiro, com a diferença desse estar vinculado a uma disciplina do curso de Arquitetura, acabou contando com uma menor diversidade: tendo um grupo grande de estudantes de arquitetura, um grupo de participantes de outros <i>workshops</i> e algumas poucas pessoas de outro contexto.

4.1.3 Urban Lab 3 | Urban Thinkers Campus Recife

DESCRIÇÃO

O *Urban Lab 3* pode ser dividido em dois processos que se sobrepuseram em alguns momentos: um primeiro, que se iniciou após a conclusão do Workshop Paisagem Urgente, tendo como objetivo a montagem da Rua Domingos José Martins para receber o evento *Urban Thinkers Campus Recife* (UTC) e, o segundo, pelas atividades desenvolvidas na mesma rua durante o UTC, que aconteceu de 24 a 27 de Novembro de 2015.

“Paralelo aos debates e painéis, acontecerá o *Urban Labs*, ocupação urbana aberta ao público que inicia antes mesmo da abertura oficial do Urban Thinkers no Recife, com workshops sobre mobiliário urbano e desenvolvimento de práticas e abordagens sobre os espaços públicos. Nestes encontros será desenvolvida a prototipagem da Rua Domingos José Martins, que funcionará como local de descontração e troca para os participantes do UTC. O espaço desenvolvido pelo *Urban Labs* no Recife também será cenário para outros debates, ações e intervenções, ao longo dos quatro dias de evento. Os produtos desenvolvidos nos Labs também serão objeto de reflexão nos debates, ampliando a participação da sociedade na proposição de soluções que poderão ser integradas a Nova Agenda Urbana.” (INCITI, 2015)

OBJETIVOS

Objetivo Geral

O *Urban Lab 3* teve como objetivo intervir na Rua Domingos José Martins para receber o evento UTC Recife de forma a tornar o espaço um laboratório aberto de práticas e discussões para as cidades, envolvendo a cultura, a juventude, as tecnologias abertas e o espaço urbano.

Objetivos Específicos

- Preparar a Rua Domingos José Martins para receber o UTC Recife;
- Estimular micro processos colaborativos independentes que somados constituam o espaço físico e os conteúdos de discussão do UTC Recife;
- Criar um espaço aberto de troca de conhecimentos;
- Construir uma agenda aberta para receber propostas de atividades de diversos atores, grupos e coletivos;
- Desenvolver capacidade cidadã para atuação no espaço urbano.

SÍNTESE DO PROCESSO (ETAPAS)

Diferente dos outros dois primeiros experimentos que tinham muito mais o caráter de envolver vários participantes em prol de um objetivo comum a todos, os *Urban Labs* do *Urban Thinkers Campus* Recife assumiram a função inicial de atrair e gerir diversos interesses para assim construir a infraestrutura do evento e posteriormente a de alimentar com atividades emergentes de grupos interessados em discutir cidades. O formato definido pelo UTC é de um laboratório de discussão e construção da cidade, “um viveiro de ideias”. Um local onde as pessoas se unem para trocar experiências e desenvolverem, juntas, soluções que impactem positivamente a vivência urbana.

Seguindo esse conceito algumas posturas foram adotadas sempre visando o estímulo a autonomia e emergência individuais e coletivas para construir fisicamente o espaço e as atividades para movimentá-lo. Esse processo colaborativo de constituir um evento começou a se revelar com o interesse de algumas pessoas em contribuir voluntariamente na construção do UTC, e se consolidou com a agenda aberta criada onde foram sendo propostas algumas atividades.

Então, a função da organização e do pesquisador se posicionou como articulador dos interesses dos diversos atores na montagem do espaço e como estimulador da emergência das atividades. Para a primeira função foi possível contar com as produções dos dois primeiros experimentos, alguns adaptados, e com montagem do Viveiro de Ideias e do Circo, com o Som na Rural, com alguns ambulantes que surgiram espontaneamente no decorrer dos dias, com biblioteca móvel da editora CEPE, intervenção manifesto com barraca de papelão, instalação de exposição da Oi Kabum!, entre outras ocupações. Em relação as atividades foi possível articular: momentos de discussões, programações diárias na rádio aberta, cineclube, oficinas, vivências e itinerâncias, debates e para encerrar os dias festas para confraternizar e proporcionar as trocas de experiências entre atividades (conforme **Tabela 4.5**).

Além de receber várias intervenções e apresentações de projetos que pensam de forma inovadora a cidade, a cultura, a juventude e as tecnologias, a Rua Domingos José Martins recebeu também mesas de discussão que envolveu temáticas com forte conexão e inspiração

com a temática e os objetivos dessa pesquisa. Dentre eles se destacaram as mesas organizadas³⁷, no espaço criado do SOM NA RURAL, são eles:

- 1) Debate: **Ocupações Urbanas - Ativismo, Fetiche e Políticas Públicas**, com os seguintes convidados: Aida Pontes e Pedro Rossi do LABRua (PB), André Moraes, Bruna Pedrosa e Bernardo Teshima do coletivo Praias do Capibaribe (PE), Laura Sobral do coletivo A Batata Precisa de Você (SP) e Camilo Cantor do Colaboratorio (Colômbia);

Através das práticas de coletivos que tem como foco o despertar da cidadania e de processos colaborativos de apropriação de espaços públicos foi possível absorver alguns conhecimentos que foram posteriormente aplicados nos próximos experimentos.

- 2) Debate: **O Corpo como dispositivo Tecnopolítico**, com os seguintes convidados: Daniel Kairoz (SP), Flávia Pinheiro (Argentina), Domenica Rodrigues (PE) e Jamila Marques (PE);

Dessa discussão foram extraídos alguns pontos referentes a relação do corpo e cidade, as práticas contemporâneas da relação entre cidadão e os espaços públicos, sobre processos colaborativos geradores de relações de afeto o que amplia a sensibilidade para atuar no cotexto urbano e a discussão sobre cidade para pessoas versus cidade pelas pessoas.

- 3) Debate: **Como hackear as escolas?**, com os seguintes convidados: Martha Njeri Chelimo (Quênia) e o capoeirista Mestre Joab Jó (PE).

Onde foi possível discutir sobre a educação enquanto processo: educação na rua estabelecendo a formação e o aprendizado com as práticas no contexto real versus o sistema educacional tradicional.

³⁷ As seguintes mesas estão com relatos, na íntegra, no anexo dessa pesquisa.

Tabela 4.5 Cronograma de atividades dos *Urban Labs* do UTC Recife.³⁸

23/11/2015 (Segunda-feira)	24/11/2015 (Terça-feira)	25/11/2015 (Quarta-feira)	26/11/2015 (Quinta-feira)	27/11/2015 (Sexta-feira)
	Montagem do espaço na Torre Malakoff para abertura do <i>Urban Thinkers Campus Recife</i>	Óculos de realidade virtual - HMD's	Óculos de realidade virtual - HMD's	Óculos de realidade virtual - HMD's
Viveiro de Ideias - corte das peças de vedação	Viveiro de Ideias - Montagem da estrutura	Viveiro de Ideias - Finalização	PORTÕES INVISÍVEIS - Instalação Fora-Portas	MAPA AFETIVO Felipe Lavignatti, do Liquid Media Lab (SP)
TA TU - Montagem	Zona Azul - montagem	Mazela, Baobarco, Mobiliário Modular - instalação	Apresentação da Associação Metropolitana de Hip Hop, no espaço Circo	Lançamento do Guia Comum do Centro do Recife
	Circo - montagem	APP da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ)	Caminhada com audiodescrição e Libras	Isabela Faria (PE) apresenta o projeto <i>dajaneladomeuonibus</i>
		PELADA da Love Futebol	Oficina: O Olhar das Mulheres sobre o Espaço Urbano (Action AID)	"Um Sonho de Cidade", espetáculo com a Turma Manguê e Tal
		SOM NA RURAL	SOM NA RURAL	SOM NA RURAL
		Ambulantes Emergentes I	Ambulantes Emergentes II	Ambulantes Emergentes III
		Debate: Ocupações Urbanas - Ativismo, Fetiche e Políticas Públicas	Debate: O Corpo como dispositivo Tecnopolítico	Debate: Como hackear as escolas?
		Cine Bomba exhibe a sessão Direito à Cidade com os vídeos: Zip, Teimosia Não Se Vende e Cores da Rua.	DJs da Cubana do Clube Bela Vista, Edinho Jacaré e Valdir Português / Dirimbó	De Leão / Batuqueiros do Silêncio / Bongar / DJ Vinicius Leso
		Hellcife Soundystem / Hélder Vasconcelos		

³⁸ Além dessas atividades foi desenvolvido o Workshop Espaços Urbanos Sustentáveis que visou estimular uma reflexão prospectiva relacionada aos espaços urbanos e de que maneira o entorno poderia ser repensado priorizando o pedestre e a mobilidade não motorizada, onde foi possível virtualizar através de Óculos de realidade virtual - HMD's apresentado nos dias 25, 26 e 27 de novembro.

ANÁLISE QUALITATIVA

(1) Visão

Com o objetivo dos *Urban Labs* desencadear tanto a infraestrutura como estimular as atividades do UTC e tendo o *Urban Thinkers Campus* Recife como experimento fim no grupo dos *Urban Labs* foi possível perceber com mais clareza a iteratividade desse processo. Processo evolutivo tal que se inicia com a intenção, anterior aos experimentos, de construir um espaço agregador e estimulador de discussão e construção de um pensamento crítico e ativo sobre as cidades. E que após cada experimento o corpo estrutural para ocupação da rua vai aumentando, se adaptando e se readaptando constantemente até o último momento. Em um fluxo emergente que por essa natureza surpreende o tempo todo a quem acompanhou o processo. Essa surpresa é revelada nas dúvidas levantadas pela organização do evento, que constantemente indagava sobre: (a) a necessidade de uma planta do evento para avaliarem a viabilidade; (b) a lista de mobiliários e equipamentos para desenvolver um possível plano b, caso os *Urban Labs* não conseguissem concluir; (c) o dia que a rua estará pronta mesmo após o evento já ter começado.

Mais do que fechar um processo, o pesquisador almejava, diante de um evento que pensa e discute cidade, que o UTC refletisse esse processo diariamente de olhar para a cidade que existe e em cima dela ir trabalhando as camadas de forma harmônica e cuidadosa. Então, ao ser perguntado sobre quando a infraestrutura estaria pronta foi alegado que estará concluída quando o evento também concluir e que espera-se que essa conclusão seja apenas uma abertura de um novo olhar pois a construção é diária.

Essa leitura é compreendida na afirmação coletada da entrevista de Ângela Valpôrto (2015c): “A cada dia que passa, mais gente aparece disposta a deixar a Rua Domingos José Martins com a cara do UTC Recife.” E no depoimento de Natália Ribeiro sobre a intervenção artística desenvolvida pelos estudantes da escola de artes e tecnologia Oi Kabum!, conta que “é uma intervenção da intervenção”. Esse fato revela o envolvimento de diversos atores na contribuição pela transformação e a clareza da proposta de ocupação da rua.

A transformação evolutiva da rua é um ponto importante a ser analisado. Após concluído o Workshop Paisagem Urgente a coordenação dos *Urban Labs* recebeu a primeira proposta de parceria: um grupo recém formado por três arquitetos solicitaram instalar uma estrutura

geodésica na rua para uso do evento. E juntos iniciou-se os procedimentos para montagem e vedação da estrutura.

Outro indício comprova a iteratividade da ação na Rua Domingos José Martins: a readaptação dos mobiliários que antes ocupavam metade da rua e para o UTC foram dispostos de forma diferente tanto para compor com novos elementos como para manter a força deles com um público e área de atuação maior. Como apresentado por Ângela Valpôrto (2015a): “Foi com muita disposição e trabalho árduo que as instalações urbanas da Rua Domingos José Martins, no Bairro do Recife, começaram a tomar forma. Mulheres e homens carregavam tábuas de madeira, peças de mobiliário e ferramentas.”.

Dessa forma os mobiliários *plugins* se rearranjaram e de forma a ficarem juntos para compor um único espaço numa escala maior e ao mesmo tempo manter a característica de mobilidade deles dentro do evento, inclusive compondo o espaço de abertura do evento na Torre Malakof (os mobiliários serão detalhados na categoria de análise 8 – produtos).



Figura 4.35 Mobiliários *plugins* readaptados para compor a festa de abertura do Urban Thinkers Campus Recife.

(2) Contexto

Diferente dos outros dois *Urban Labs*, configurados como workshop, o *Urban Lab 3* se caracterizou pela ocupação física e com atividades da Rua Domingos José Martins para o evento *Urban Thinkers Campus Recife*. Por se tratar de um evento internacional foi possível atrair vários interessados para pensar ou incorporar soluções para a montagem da rua. Esse processo gerou soluções tanto locais como globais para os conflitos da rua (**Figura 4.36**).

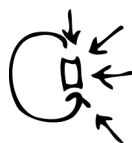


Figura 4.36 Soluções mistas (local e global) para o contexto local.

No lugar de investir numa estrutura e programação fechada com horários e atividades específicas, definidas pela comissão organizadora, foram adotadas táticas para atrair e estimular o surgimento de processos e ações espontâneas. Com essa tática foi possível despertar o interesse de alguns indivíduos, grupos e empresas para contribuir para o evento. Esse fluxo proporcionou uma economia de recursos e energias e um processo de parceria para: montagem de estruturas (como o Viveiro de Ideias e o Circo); ocupar as estruturas com atividades (como as conversas, debates, vivências e oficinas); divulgar e articular atores. Com isso o espaço criado criou integração entre diversos atores sociais e dessa mistura emergiram soluções para outros contextos.

A transparência, a abertura para o diálogo e o estímulo a colaboração aproximaram tanto as pessoas que estavam na rua apenas para o evento quanto os usuários cotidianos, o que garantiu a construção de relações sociais pós-ocupação, permitindo a ampliação do sentimento de pertencimento do espaço público.

(3) Agilidade

O *Urban Thinkers Campus Recife*, evento motivador dos *Urban Labs*, teve um tempo de preparação de 54 dias, envolvendo os outros dois experimentos, e 6 dias de *Urban Lab* no evento (**Figura 4.37**), desde os acabamentos finais até o último dia do UTC.

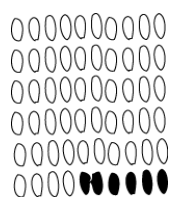


Figura 4.37 54 dias de preparação e 6 dias de experimento.

Um tempo curto de evento mas com uma bagagem de produção grande por estar sendo trabalhado desde antes do primeiro experimento. Por isso, pela emergência de parceiros e pela energia conquistada nos dois primeiros experimentos foi possível alcançar o objetivo de ter uma rua montada para receber o UTC.

(4) Valor

Por se tratar de um evento de porte internacional o *Urban Thinkers Campus Recife* teve um orçamento de aproximadamente R\$200 mil, valor elevado que incluiu grande parte nas despesas dos convidados (translados, hospedagens, alimentação) e na produção e aluguel de material de apoio ao evento (bolsas, cadernos, camisas).

Um valor alto que assustou no início das análises mas que ao cruzar com outros dados como número de participantes envolvidos, quantidade de atividades em espaços fechados (auditório, livraria, escola, centro de pesquisa) e abertos (Torre Malakof e Rua Domingos José Martins) e carga horária diária acaba por diluir esse investimento. Além desses cruzamentos um ponto que chama a atenção é o custo reduzido para a montagem da rua Domingos José Martins. Isso foi possível pela construção evolutiva em partes e pelas parcerias firmadas decorrentes do interesse tanto pelo evento quanto pelos processos estabelecidos nos dois primeiros *Urban Labs*.



Figura 4.38 Ilustração que representa a escala do valor investido comparativamente aos outros experimentos.

(5) Procedimento

Seguindo um processo evolutivo tendo no *Urban Lab 1* a produção dentro de um espaço de oficina, o *Urban Lab 2* a produção na rua mas com o suporte da oficina, chegamos ao *Urban Lab 3* e a produção assumiu uma independência do atelier para acontecer completamente imerso no espaço público (**Figura 4.39**). Da articulação dos parceiros, passando pela produção

do espaço até a realização das atividades. O estar na rua proporcionou a atração de alguns curiosos passantes e permitiu que alguns desses fossem incorporados ao processo de produção do UTC. Além disso outro benefício percebido dessa postura de resolver no local as demandas locais (**Figura 4.40**) permitiu que membros da organização do UTC Recife se tranquilizassem por ver o evento ganhando corpo e também ao criar a movimentação da rua com atividades não corriqueiras a mesma (rua estritamente de passagem e estacionamento de veículos) conseguiu chamar a atenção e de certa forma já deu início a transformação efêmera da rua.



Figura 4.39 Urban Thinkers Campus e a utilização da Rua Domingos José Martins como canteiro de obra.



Figura 4.40 O lugar da intervenção como canteiro de obras.

(6) Legalidade

Por se tratar de um evento que inclui a participação de diversas instituições nacionais e internacionais (**Figura 4.41**) foi necessário a solicitação de autorização para fechamento e utilização da Rua Domingos José Martins dos dias 23 a 28 de novembro. Dessa forma a ocupação da rua assumiu um caráter de intervenção sancionada pelos órgãos de poder (**Figura 4.42**).

PATROCÍNIO

**CIDADES
SENSITIVAS**

Secretaria de
Políticas Culturais

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

RECIFE
PREFEITURA DA CIDADE
POR VOCÊ, TRABALHANDO SEM PARAR.

Iron House
GRUPO CORNÉLIO BRENNAND

APOIO

CAU/BR
Conselho de Arquitetura
e Urbanismo do Brasil

CAU/PE
Conselho de Arquitetura
e Urbanismo de Pernambuco

CEPE
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

Banco Safra **3E**

**Fundação
Joaquim
Nabuco**

AESO

**Faculdades Integradas
Barros Melo**

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO

SOM NATURAL

SOFTEX
RECIFE

PAÇO DO FREVO

oi

oi

FUTURO

auguba
Comunicação
e Educação

smart
Networks

**TORRE
MALAKOFF**

FUNDARPE
FUNDAÇÃO DE FOMENTO
CULTURAL DE PERNAMBUCO

Secretaria
de Cultura

Pernambuco
GOVERNO DO ESTADO
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

**MARCO
ZERO**
CONTEÚDO

TRIVIA

**GUIA COMUM
DO CENTRO
DO RECIFE**
Associação de Produtores

lovefutbol

STUDIO Z7

vagalume

**PACO
ALFÂNDEGA**

**livraria
cultura**

VOXARlabs

**Liberté • Égalité • Fraternité
RÉPUBLIQUE FRANÇAISE**

Serttel

**ame
cicl**

**ATMOS
PHERA**
Plantas & Paisagismo

**acessibilidade
comunicacional**

PHILIPS

Figura 4.41 Patrocínios e apoios ao Urban Thinkers Campus Recife.

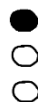


Figura 4.42 Intervenção sancionada.

(7) Comunidade

Passados dois workshops com resultados atraentes para alguns atores sociais, esse terceiro *Urban Lab* seguiu uma metodologia diferente para se chegar ao objetivo de preparar a Rua Domingos José Martins para o UTC Recife. Encarar esse processo como uma ocupação e apropriação da rua foi o mote para estimular a participação.

O interesse gerador desse processo de ocupação demandava a escolha entre duas estratégias: contratar uma empresa que montasse a infraestrutura do evento ou, tendo em vista que o evento tinha como base a discussão sobre a cidade que queremos, a construção desse espaço por diversos atores.

O conceito do *Urban Labs* não é apenas apresentar a intervenção completamente montada, é fazer da montagem uma prática de aprendizado e para isso há “a necessidade de iniciativas voltadas para a população. Indivíduos se apropriando de ferramentas para solucionar problemas sem precisar esperar medidas públicas como um início para a humanização das smart cities.” (Hollanda, 2015).

Dessa forma um dos destaques do *Urban Lab 3* foi o grau de envolvimento de atores locais na construção da ocupação. O responsável por uma das edificações que mais movimentou a Rua Domingos José Martins, em diversos horários, Junior, participou com sua equipe e família dos dois primeiros *Urban Labs* e no terceiro já estava entrosado e se apropriado da ideia do evento, envolvendo outros atores, como ambulantes da área.

Também como consequência dessa opção por um processo emergente de evento foi adotado e estimulado a autonomia de cada atividade proporcionando articulação para dar viabilidade a cada atividade, desde a organização da infraestrutura necessária até a divulgação e atração de participantes, recebendo um apoio logístico da organização do UTC.

Alguns foram os motivos que atraíram essa participação:

- Os resultados obtidos nos dois *Urban Labs* anteriores;
- A vontade de dar continuidade aos processos e relações estabelecidas nos *Urban Labs* 1 e 2;
- A agenda aberta criada para receber atividades;
- A possibilidade de desenvolvimento de trabalhos coletivamente;
- A busca para aprender algo novo, como por exemplo, o uso de ferramentas;
- A oportunidade de estar presente em um evento internacional que envolvia pessoas e instituições do mundo todo vivenciando o espaço e as atividades propostas.

Proporcionando inclusive um espaço para empreender algum negócio pela visibilidade do evento;

- A vontade de mostrar os trabalhos individuais, de coletivos e grupos locais.

Por esses e outros interesses a Rua Domingos José Martins se tornou um espaço aberto e atrativo para muitas ações que misturaram pessoas e instituições em prol da discussão e práticas sobre cidades, juventude, tecnologias abertas e muitos outros assuntos relacionados com o bem estar social. Um formato livre onde as propostas eram trazidas ou buscadas pelos organizadores do UTC Recife, e juntas eram trabalhadas para chegar à definição de melhor lugar, melhores horários, equipe de voluntariados e estruturas disponíveis necessários.

Toda a ocupação foi desenvolvida colaborativamente tanto no que tange as construções das estruturas físicas (infraestrutura do evento) como as atividades e discussões. Seguindo dessa forma a fala de Camilo Cantor, em entrevista a Priscila Hollanda (2015): “A inovação não está somente na universidade, está no dia-a-dia e essa troca ajuda a formar uma cidade inovadora. Quando as pessoas da cidade, do bairro, começam a questionar e buscar soluções para problemas do dia a dia, começam a ocupar o espaço público e montar projetos”.

Os 100 participantes diretos e os aproximadamente 600 indiretos (**Figura 4.43**) puderam conviver nos dias do evento com um processo colaborativo e de muita troca de conhecimentos possibilitando futuros arranjos em prol de outros projetos e da coletividade.

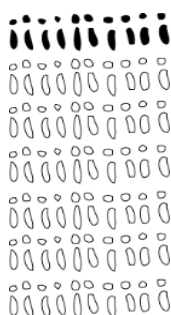


Figura 4.43 100 participantes diretos e aproximadamente 600 indiretos.

(8) Produtos

Diferente dos outros dois primeiros *Urban Labs* que seguiam um formato de *workshops* o *Urban Lab* do UTC tem como característica geral um processo de ocupação para montagem da infraestrutura da Rua Domingos Jose Martins. Uma outra característica muito importante desse *Urban Lab* foi escolher processos colaborativos e emergentes a serviços contratados, o

que desencadeou pela energia dos outros dois workshops uma atração de terceiros propondo intervenção no espaço e os organizadores do evento funcionaram como articuladores e facilitadores. Assim foi possível construir um espaço vivo, colaborativo e de constante adaptação as atividades (**Figura 4.44**).

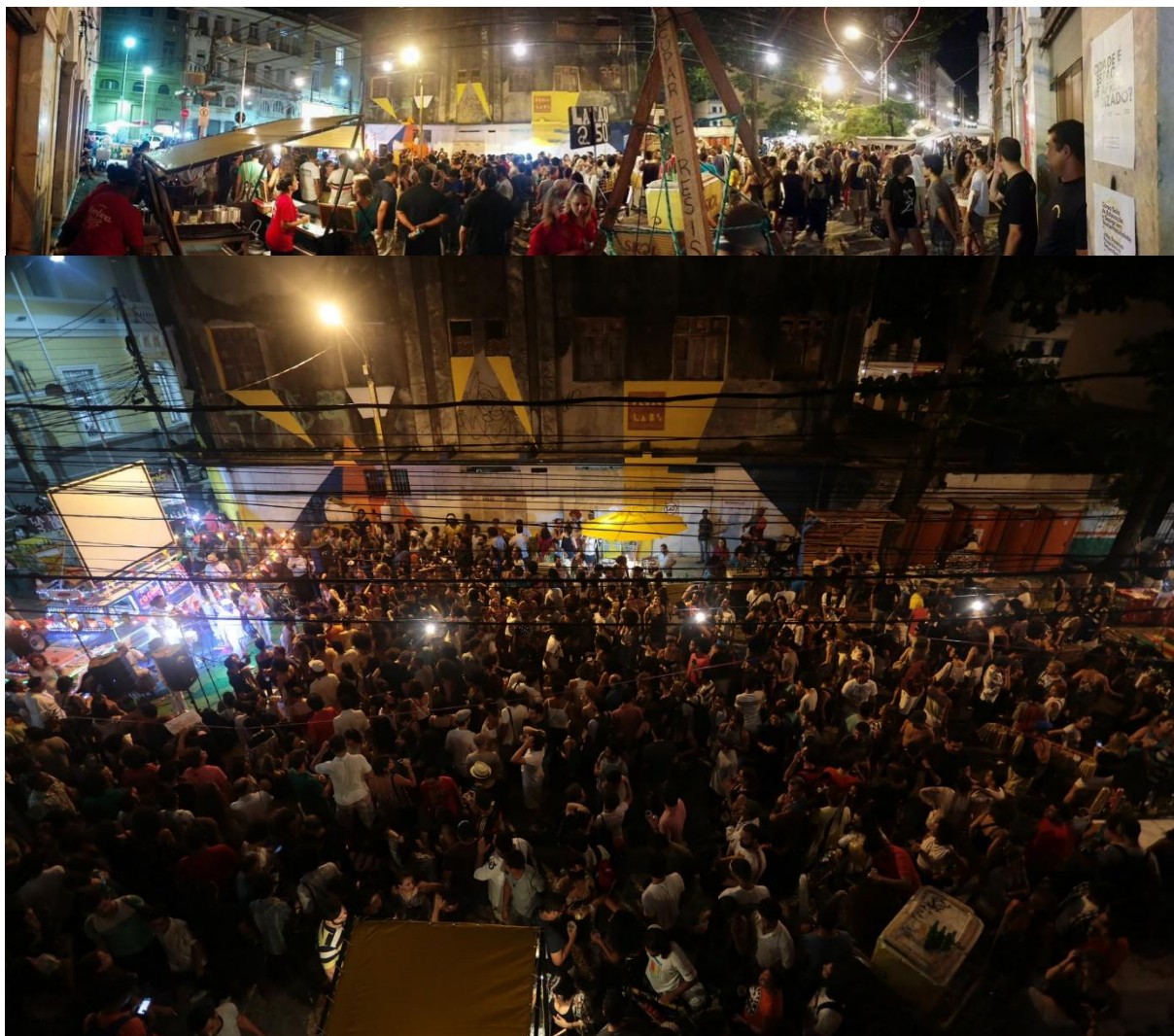


Figura 4.44 Rua Domingos José Martins ocupada por pessoas e atividades durante o UTC.

Dentro desse contexto, a Rua Domingos José Martins recebeu como propostas/produtos: uma agenda aberta para proposição de atividades, o Viveiro de Ideias, a Zona Azul, o Som na Rural, o circo, ambulantes emergentes, paraciclos, a Mazela, o TA TU, o Baobarco e Mobiliários Modulares. Conforme detalhados abaixo:

Agenda Aberta

A agenda aberta (**Figura 4.45**) foi a tática adotada para agregar maior e mais diversa participação no *Urban Thinkers Campus* Recife preenchendo a rua com ações para pensar e discutir cidade, proporcionando que qualquer um propusesse a atividade. Um espaço aberto para pessoas, coletivos e instituições públicas e privadas proporem atividades. O funcionamento da agenda aberta pensada era bem simples: um mural físico na rua para ser preenchido pelos interessados em propor atividades e a equipe de comunicação do UTC responsável por fazer uma parte da divulgação nas mídias sociais.



Figura 4.45 Agenda aberta impressa para receber propostas de atividades.

Como avaliação foi possível perceber a importância da ideia que teve um papel de atrair algumas atividades tornando a programação do evento, em parte, autônoma de processos de curadoria e aprovação. Porém, por alguns possíveis problemas, como o fato da divulgação mais massiva dessa proposta, pelo curto tempo do evento não proporcionando assim maior clareza dessa ideia ou pela dificuldade de encontrarmos propostas abertas de montagem de programação constatamos que a ideia precisa ser mais trabalhada para alcançar resultados mais abrangentes e, realmente autônomos.

Viveiro de Ideias

O Viveiro de Ideias (**Figura 4.46** e **Figura 4.47**) foi uma das estruturas instaladas na Rua Domingos José Martins que mais chamou a atenção pela sua escala e pela construção da vedação. Uma geodésica metálica de 10 metros de diâmetro com uma casca de fechamento que atraiu a curiosidade e interesse de muitas das pessoas que circularam pela rua. Após ver a produção dos dois primeiros *Urban Labs* o escritório recém formado por três integrantes propôs colocar a geodésica no evento e elaborar algumas vedações que assumiram um caráter mais plástico/estético que funcional. Aproveitando a infraestrutura do maquinário dos *Urban Labs* e alguns facilitadores foi possível cortar todas as peças triangulares de MDF e através de presilhas juntar todas elas a estrutura metálica constituindo assim o espaço que assumiu importância especial no evento, ocorrendo dentro dele várias atividades como debates palestras e a plenária de encerramento. O viveiro ficou localizado no centro da rua e assim a dividiu em dois espaços: um de atividades e debates constantes e outro de descanso mas também de atividades lúdicas.

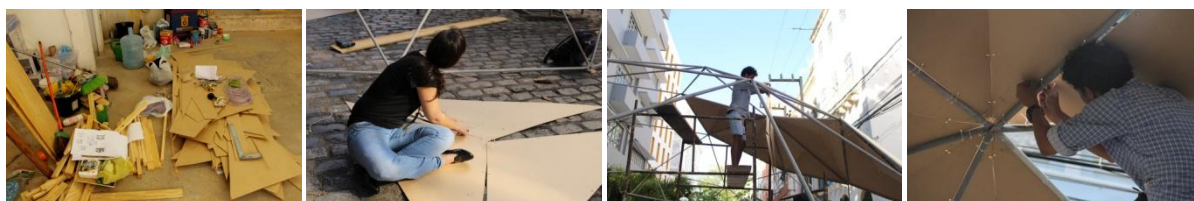


Figura 4.46 Processo de construção do Viveiro de Ideias.



Figura 4.47 Viveiro de Ideias em atividade durante o UTC Recife.

Zona Azul

A Zona Azul é uma composição com os mobiliários *plug-ins* produzidos no Workshop Paisagem Urgente, agrupados todos os módulos em um único espaço abaixo de uma placa de gestão das vagas de estacionamento, chamadas de zona azul³⁹ (Figura 4.48). Essa instalação objetivou dar ênfase as discussões já existentes sobre a priorização do meio de transporte individual e as consequências no tecido urbano das cidades, destacando assim o conflito existente do Bairro do Recife com suas ruas preenchidas por carros estacionados durante todo o dia.

Pela composição formada por módulos foi possível garantir uma grande flexibilidade através de rearranjos e deslocamento das peças proporcionando usos diversos: espaço para descansar (sentar e deitar), lançamento de livro, debates e palestras.

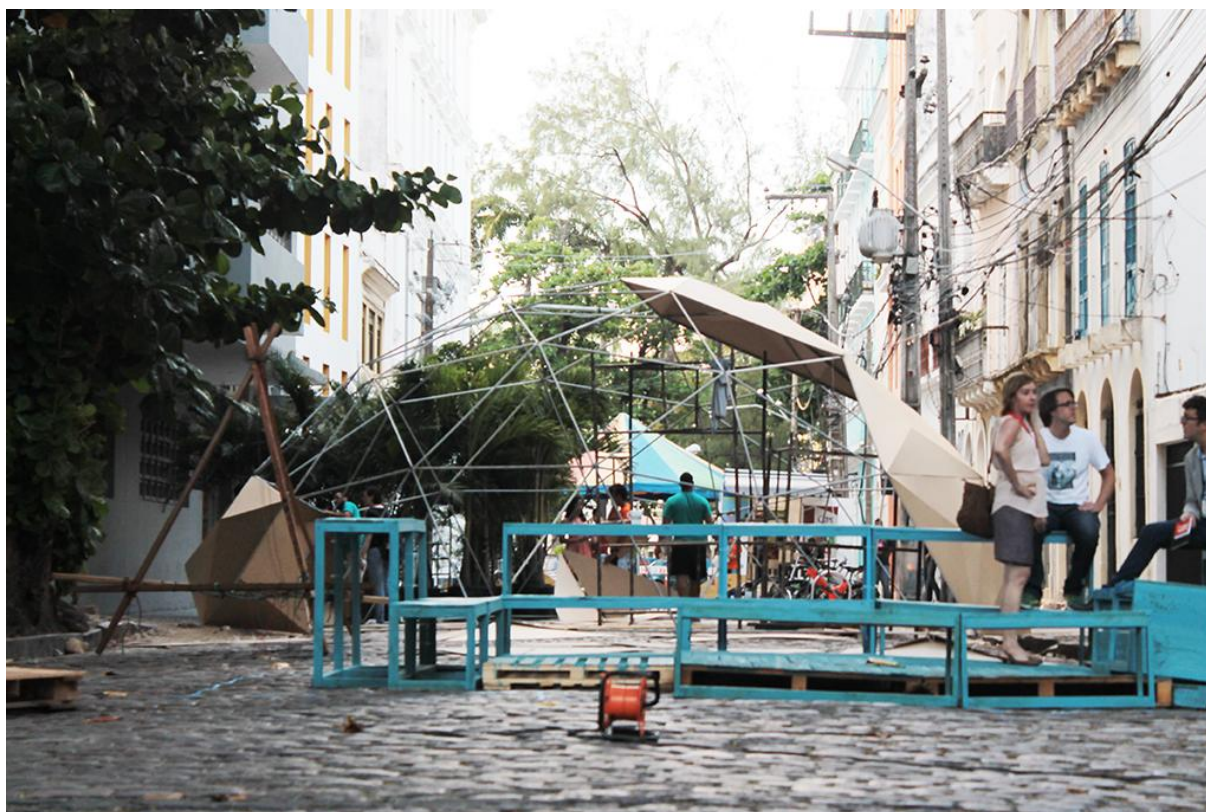


Figura 4.48 Conjunto de mobiliários móveis formando a Zona Azul.

³⁹ “A Prefeitura do Recife proporciona a democratização do espaço público nas movimentadas vias do Centro com o Estacionamento Rotativo Zona Azul. (...) Com isso, um grande número de pessoas pode deixar seu carro nas ruas do Bairro do Recife, São José, Santo Antônio e Boa Vista, reconhecidos tradicionalmente como polos de serviço e cultura.” Fonte: <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/estacionamento-zona-azul>

Som na Rural

O Som na Rural é uma intervenção cultural e política já em desenvolvimento na cidade do Recife, tendo como apresentador Roger de Renoir, como artefato principal um veículo Rural e como cenário várias paisagens por onde essa ação passa. Surgido de um programa de televisão da TV Brasil realizado na rua assumiu a independência do meio de comunicação TV para intervir em diversos contextos abertos, se transformando em um programa aberto e unicamente ao vivo.

Para o *Urban Thinkers Campus* Recife o Som na Rural assumiu um papel importantíssimo de comunicação aberta estacionando em um dos extremos da Rua Domingos José Martins e com isso movimentar debates, discussões, palestras, festas e nos momentos entre atividades funcionar como uma rádio aberta (**Figura 4.49**).



Figura 4.49 Espaço Som na Rural.

Circo

Esta intervenção se caracterizou pela montagem de uma lona de circo na extremidade da Rua Domingos José Martins, próximo à praça do Arsenal da Marinha. Um portal lúdico para o *Urban Thinkers Campus* Recife e também um espaço para abrigar atividades. Nele foi possível vivenciar algumas discussões, em especial um encontro sobre acessibilidade, e atividades lúdicas, como o projeto Lindeza com brincadeiras para crianças, e a espetáculo teatral *Um Sonho de Cidade* (**Figura 4.50**), realizado pela turma Mangue e Tal, vinculado a campanha da Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade do Recife.

A importância de espaços lúdicos na cidade é expressa no artigo de Débora Mikaelly para o INCITI: “Parar e pensar na cidade que precisamos, e o que nós queremos para o futuro, é pensar nas crianças de hoje, que serão os homens e mulheres do amanhã. Os jovens estão sendo formados em um mundo cheio de tecnologias e informações, mas não podem esquecer do verdadeiro sentido de ser criança e ter um espaço urbano onde possam se divertir, e incentivar a criatividade é fundamental para o seu desenvolvimento.”.



Figura 4.50 Espaço Circo.

TA TU (em uso)

Produto desenvolvido no Workshop Paisagem Urgente teve seu uso testado no UTC, deixando livre para apropriações pelos participantes e usuários da rua.

Inicialmente funcionando como ponto de encontro para as atividades externas foi assumindo outras funções no decorrer do evento: utilizado com frequência para sentar e agregar pequenos grupos (Figura 4.51) assumiu também a função de estrutura para comércio informal de chá gelado pelo projeto TLAB, organizado pelas arquitetas Adryana Rozendo e Amanda Florêncio.



Figura 4.51 Mobiliário TA TU em uso no Urban Thinkers Campus Recife.

Mazela (em uso)

Mobiliário desenvolvido no *Workshop Internacional Urban Labs*, teve seu uso maior durante o dia enquanto as atividades de maior agregação de pessoas na rua não aconteciam. Utilizada quase integralmente para o descanso, a Mazela (**Figura 4.52**) pela sua flexibilidade de montagem, desmontagem e deslocamento foi diariamente movida de lugar, estando ora na calha viária ora nas calçadas.



Figura 4.52 Mazela sendo usada no UTC Recife.

Baobarco (em uso)

Mobiliário produzido no *Workshop Internacional Urban Labs* esteve presente no UTC desde a sua produção, assumindo o papel de artefato de divulgação do evento (**Figura 4.53**) se deslocando pelo Bairro do Recife, passando pela sua função principal: o sentar, servindo de cenário para entrevistas e ponto de encontro das atividades externas.



Figura 4.53 Baobarco no Urban Thinkers Campus Recife.

Mobiliário Modular (em uso)

Assim como o Baobarco, os quatro mobiliários modulares também foram produzidos no *Workshop Internacional Urban Labs* e colocados para serem expostos, experimentados e testados no UTC, antes de serem destinados a Horta de Casa Amarela.

Na maior parte do tempo do UTC eles constituíram uma pequena praça de descanso (**Figura 4.54**) para os usuários da Rua Domingos José Martins. Mas não perderam suas propriedades de adaptabilidade e fácil mobilidade, sendo deslocado para outras atividades tanto na função do sentar como na de servir de suporte para equipamentos.

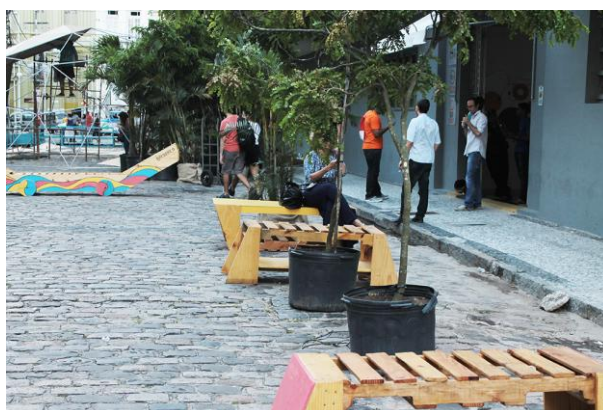


Figura 4.54 Mobiliário Modular disposto na Rua Domingos José Martins.

Ambulantes Emergentes

Um evento para discutir cidade e cultura que retirasse do debate apropriações espontâneas e temporárias do espaço urbano seria bastante contraditório. Ainda mais em Recife que tem como característica histórica o comércio informal que, mesmo passando por processos de regularização, mantém suas essências de vagar pelo território em função da circulação de pessoas, possíveis clientes.

Dessa forma, ao invés de consolidar um espaço dentro do evento voltado para alimentação e bebida, a comissão do UTC Recife optou por convidar alguns *food trucks* (comerciantes ambulantes gourmetizados) e alguns ambulantes informais (**Figura 4.55**) para juntos ocuparem os espaços e assim comercializarem seus produtos e, ao mesmo tempo, levantar a discussão sobre a informalidade do comércio ambulante e os conflitos entre ambulantes, *food trucks* e os restaurantes.

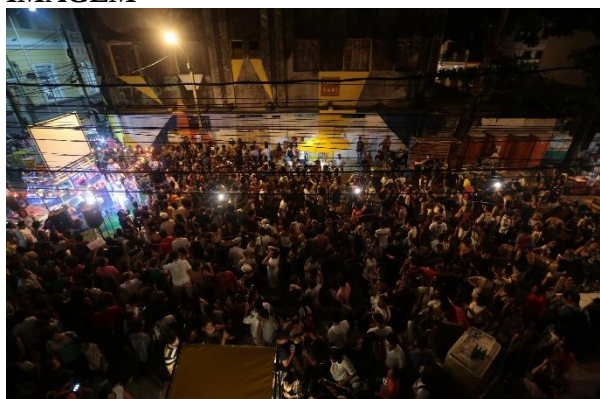
O que eram duas tendas e dois ambulantes no primeiro dia passou a ser mais de 20 comerciantes dividindo o espaço da rua, e junto a esse processo foi sendo estabelecido contato com cada comerciante e assim conversado sobre cultura e cidade.



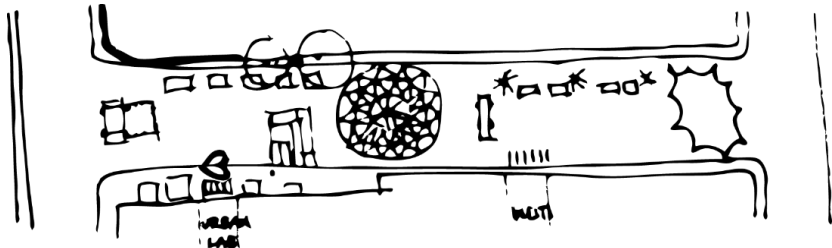
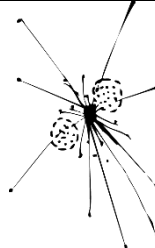
Figura 4.55 Emergência dos ambulantes se distribuindo pela Rua Domingos José Martins.

Segue abaixo a síntese na **Tabela 4.6**:

Tabela 4.6 Ficha de catalogação do Urban Lab no UTC Recife.

EXPERIMENTO nº		3
TÍTULO Urban Labs no Urban Thinkers Campus Recife		IMAGEM 
FACILITADORES André Moraes (VAaSTU e INCITI) Amanda Florêncio (VAaSTU e INCITI) Alexandre Campelo (Parque Capibaribe)		
PERÍODO 23 a 28 de novembro de 2015		
DESCRIÇÃO O <i>Urban Lab 3</i> pode ser dividido em dois processos que se sobrepuseram em alguns momentos: um primeiro, que se iniciou após a conclusão do Workshop Paisagem Urgente, tendo como objetivo a montagem da Rua Domingos José Martins para receber o evento <i>Urban Thinkers Campus Recife</i> (UTC) e, o segundo, pelas atividades desenvolvidas na mesma rua durante o UTC, que aconteceu de 24 a 27 de Novembro de 2015.		
		OBJETIVOS ▪ Preparar a Rua Domingos José Martins para receber o <i>Urban Thinkers Campus</i> (UTC) Recife; ▪ Estimular micro processos colaborativos independentes que somados constituam o espaço físico e os conteúdos de discussão do UTC Recife; ▪ Criar um espaço de troca de conhecimentos aberto; ▪ Construir uma agenda aberta para receber propostas de atividades de diversos atores, grupos e coletivos; ▪ Desenvolver capacidade cidadã para atuação no espaço urbano.

(8)PRODUTOS			
1 Viveiro de Ideias		2 Agenda Aberta	3 Zona Azul
	Uma geodésica metálica de 10 metros de diâmetro com uma casca de fechamento que atraiu a curiosidade e interesse de muitas das pessoas que circularam pela rua. O viveiro ficou localizado no centro da rua e assim a dividiu em dois espaços: um de atividades e debates constantes e outro de descanso e atividades lúdicas.	 A agenda aberta foi uma das metodologias adotadas para agregar maior e mais diversa participação no <i>Urban Thinkers Campus</i> Recife.	 A Zona Azul é uma composição com os mobiliários plug-ins produzidos no Workshop Paisagem Urgente, agrupados todos os módulos abaixo de uma placa de gestão de zona azul.
4 Som na Rural	5 Circo	6 Paraciclos	7 Ambulantes Emergentes
			
O Som na Rural assumiu um papel de comunicação aberta estacionando em um dos extremos da Rua Domingos José Martins e com isso movimentou debates, discussões, palestras, festas, funcionando como uma rádio aberta.	Um portal lúdico e também um espaço para abrigar atividades. Nele foi possível vivenciar algumas discussões, em especial um encontro sobre acessibilidade, e atividades lúdicas.	Instalados pela Ameciclo na rua recebeu muitas bicicletas garantindo um público que pensa a mobilidade de forma mais saudável.	Ao invés de consolidar um espaço dentro do evento voltado para alimentação e bebida, optou por convidar alguns food trucks e alguns ambulantes informais para juntos ocuparem os espaços.
8 Mazela (em uso)	9 Baobarco (em uso)	10 Mobiliários modular (em uso)	11 TA TU (em uso)
			
Mobiliário desenvolvido no Workshop Internacional <i>Urban Labs</i> , teve seu uso maior durante o dia. Utilizada quase integralmente para o descanso, a Mazela pela sua flexibilidade de montagem, desmontagem e deslocamento foi diariamente movida de lugar, estando ora na calha viária ora nas calçadas.	Mobiliário produzido no Workshop Internacional <i>Urban Labs</i> esteve presente no UTC desde a sua produção, assumindo o papel de artefato de divulgação do evento se deslocando pelo Bairro do Recife, passando pela sua função principal: o sentar, servindo de cenário para entrevistas e ponto de encontro das atividades externas.	Os quatro mobiliários modulares também foram produzidos no Workshop Internacional <i>Urban Labs</i> e colocados para serem exposto, experimentados e testados no UTC, antes de serem destinados a Horta de Casa Amarela.	Inicialmente funcionando como ponto de encontro para as atividades externas foi assumindo outras funções no decorrer do evento: utilizado com frequência para sentar e agregar pequenos grupos assumiu também a função de estrutura para comércio informal.

MAPA SÍNTESE DA INTERVENÇÃO		
		
CATEGORIAS DE ANÁLISE	DIAGRAMA	COMENTÁRIOS
(1) VISÃO Abordagem Iterativa (X) Estimula mudanças (X)	-	No Urban Lab 3 é possível perceber com mais clareza a iteratividade: as produções dos dois primeiros experimentos adaptadas e usadas.
(2) CONTEXTO Soluções locais (X) Desafio do planejamento local (X)		Por se tratar de um evento internacional foi possível atrair vários interessados para pensar ou incorporar soluções para a montagem da rua. Esse processo gerou soluções tanto locais como globais para os conflitos da rua.
(3) AGILIDADE Compromisso de curto prazo (X) Expectativas realistas (X)		Com um tempo de preparação de 54 dias, envolvendo os outros dois experimentos, e 6 dias de Urban Lab, desde os acabamentos finais até o último dia do UTC.
(4) VALOR Baixo risco () Maiores recompensas (X)		Um grande evento vinculado a ONU Habitat revelou um orçamento elevado ~R\$200 mil pela quantidade de convidados mas com uma infraestrutura bem econômica pelas parcerias estabelecidas.
(5) PROCEDIMENTO Uso da cidade como laboratório de experimentação (X)		A produção do Urban Lab 3 aconteceu completamente imerso no espaço público. Da articulação dos parceiros, passando pela produção do espaço até a realização das atividades.
(6) LEGALIDADE Sancionada (X) Semi-sancionada () Não sancionada ()		Para o desenvolvimento do UTC foi conseguido autorização para o uso da Rua Domingos José Martins dos dias 23 a 28 de novembro.
(7) COMUNIDADE Desenvolvimento de capital social (X) Construção de capacidade organizacional (X) Fortalecimento da identidade local (X)	 	100 participantes diretos e ~600 indiretos Um evento internacional contou com a presença de indivíduos e representação de grupos locais, nacionais e internacionais interessados em trocar conhecimentos sobre cidade (juventude, tecnologias abertas, espaço urbano).

4.2 A Rua da Alegria

Depois de passar pela sequência dos três *Urban Labs*, percebendo a evolução – (1) a partir de um produto mais genérico; (2) desenvolvimento de processos colaborativos através de estímulos a processos criativos coletivos, mistura de concepções e projetos, e focado no urbano; (3) processo de ocupação, onde o termômetro ou papel de controle não existia, funcionando mais como um agenciamento e articulação dos atores envolvidos para alcançar os objetivos – sentiu-se a necessidade de desenvolver outro experimento desvinculado de instituições, tendo em vista que ao estar associada a alguma instituição a ação já parte com um interesse e formatações mais definidos, como por exemplo, o fato de ser um *workshop*.

Diante disso pensou-se em fazer um experimento partindo de algo local que não tivesse certo interesse institucional envolvido, ou para um evento, e sim um interesse de ativação e apropriação dos moradores voltados a um público que não está normalmente vinculado, ou com acesso, a *workshops*.

A Rua da Alegria no Bairro da Boa Vista (**Figura 4.56**) surgiu como ideia mais próxima por ser minha rua e assim já ter uma vivência que chamava a atenção: pela complexidade e diversidade de atores nela presentes, desde os moradores com características bem distintas a pessoas que transitam estando apenas de passagem, mas que usam a rua como espaço diário para estacionar seus carros.

Chamava-me a atenção por ser uma rua tão pequena, 226 metros, mas com tanta diversidade de atores sociais, quase um recorte das problemáticas e da diversidade de uma cidade. Uma microescala, ou micro recorte, do que é uma cidade.

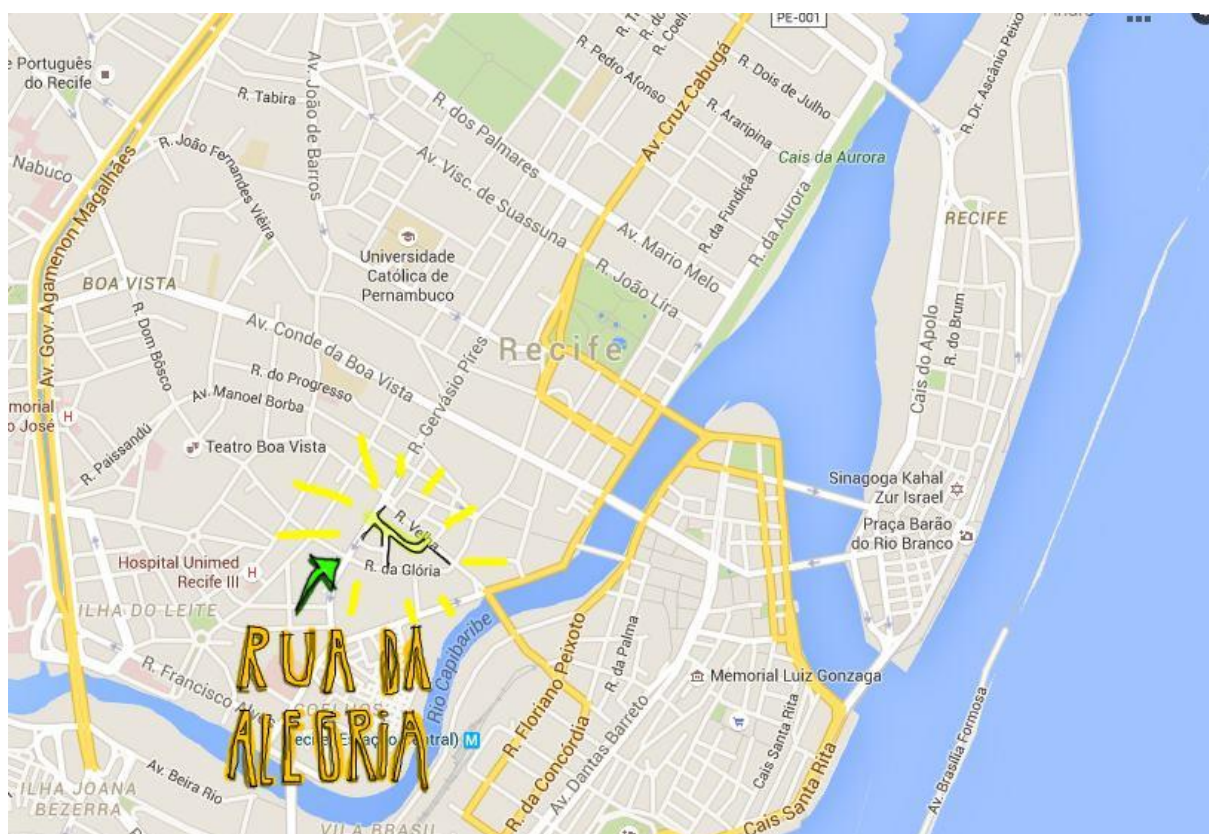


Figura 4.56 Mapa do centro expandido do Recife com destaque para a Rua da Alegria.

Para caracterizar essa diversidade exemplificarei, tomando a liberdade de quase caricaturar, abaixo:

- Moradora transexual que mora na rua a um bom tempo e é dona de vários imóveis da rua e do bairro e que aluga quartos para moradia (com pessoas oriundas das mais variadas localidades);
- Edificação ocupada há muito tempo por família que cuida dos carros da rua e estabelece relações com diferentes pessoas;
- Dono de estacionamento e sua família que moram em um dos maiores terrenos da rua todo murado gerando uma área grande sem aberturas para a calçada, sendo muito usada como ponto de lixo;
- Depósito de bebida que passa quase 24 horas aberto com pessoas bebendo na calçada;
- Imóvel que mora um casal que produz cerveja artesanal dentro de casa;
- Edificação usada como marcenaria;

- Alguns imóveis usados como depósito de comércios locais, como por exemplo, gráficas que se localizam em outras ruas do centro;
- Padaria tradicional da cidade;
- Fundos da igreja do bairro;
- Pracinha que funciona como ponto de manutenção de carrinhos de ambulantes que vendem comidas pelo centro da cidade;
- Mulher que produz quentinhas de comida para alguns outros moradores da rua;
- Mercearia na sala de casa abrindo janelas para a rua;
- A presença marcante de carros 24 horas em um lado da calha viária (carros de moradores em um horário e estacionamento de carros de pessoas que vem para o centro em outro horário);
- Muitos gatos que passam o dia pela rua dormindo, brincando, tentando entrar nas casas;
- E cachorros que passeiam em alguns horários determinados com seus donos pela rua;
- Rua com características locais fortes onde é possível vivenciar algumas relações de vizinhança, mesmo que não tão marcantes na rua, pessoa que se alimenta da quentinha que outra pessoa da rua produz, bebe das bebidas vendidas no depósito, compra pão na mesma padaria que tem na rua, interage na calçada, mas de maneira bem fragmentada.

A Rua da Alegria está localizada no centro do Recife, no bairro da Boa Vista, um lugar estratégico com vários serviços de bairro próximos como mercado público, feiras, hospitais públicos, postos de saúde, escolas públicas, padarias, mercadinhos, bares e lanchonetes. Mesmo com toda movimentação diária de um centro e com uma efervescência cultural existente no Pátio de Santa Cruz, a Rua da Alegria preserva um caráter residencial local muito forte.

4.2.1 A Rua da Alegria 1 | Semana da Alegria

DESCRIÇÃO

A RUA DA ALEGRIA é uma vivência compartilhada que surge com a intenção poética de trabalhar relações de vizinhanças através dos saberes individuais e como esses saberes podem estar se relacionando para uma rua viva, confortável, alegre e de todos.

A busca da ação da rua da alegria é tirar o foco da instituição e pensar na rua como espaço público de encontro dessa diversidade que vive (ator social permanente) e que passa (ator social de passagem).

A primeira ação desenvolvida, a Semana da Alegria, aconteceu de 5 a 9 de abril de 2016, e se caracterizou por ser uma ação de produção de atividades bem simples (práticas do cotidiano) na rua para, a partir dessas, aproximar pessoas para ampliar e criar novas relações tanto para o processo de produção como para a manutenção diária, estabelecendo assim um cuidado maior com esse espaço público comum aos que vivem aqui.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

A Semana da Alegria teve como objetivo trabalhar através de atividades na rua as relações de vizinhança tendo o espaço público como objeto de observação e cuidado.

Objetivos Específicos

- Inserir a reflexão nos moradores sobre o lixo: o que é, como estão sendo descartados os resíduos sólidos e quais as consequências disso, em especial para o bem estar dos próprios usuários da rua;
- Ampliar as relações de vizinhança tendo como ponto de discussão o espaço comum de convivência que é a rua;
- Proporcionar o acesso a algumas ferramentas de trabalho da marcenaria e da pintura;
- Desenvolver processos colaborativos para criação de melhorias para a coletividade;
- Construção de capacidade organizacional fortalecendo a identidade local.

SÍNTESE DO PROCESSO (ETAPAS)

A Semana da Alegria adotou um processo aberto iniciado com algumas atitudes provocativas dos facilitadores: montar uma mesa na calçada, começar a mexer com artefatos tecnológicos para construção de um coração pulsante, realização de refeições no espaço público. Dessa forma foi possível começar a chamar atenção dos moradores que logo começaram a se aproximar e procurar saber do que se tratava. Oportunidade ótima para lançar a ideia da semana e assim, pela comunicação rápida boca a boca, foi possível deixar a semente da ideia.

Nesse formato aberto os dias se sucederam com algumas atividades que visavam tanto o maior conhecimento da rua como a ampliação das relações com a vizinhança. Conforme apresentado abaixo:

DIAGNÓSTICO DAS PROBLEMÁTICAS – Uma pesquisa simplificada de porta em porta com os moradores locais para listar as principais problemáticas identificadas individualmente por eles da rua.

OFICINA E BRINCAR - Foi desenvolvido um mobiliário, um brinquedo - casa na árvore - banco na calçada, usando pallets, explorando o brincar da criança, pelo poder de envolvimento que elas têm e assim quebrar as barreiras e aproximar os pais e outros adultos.

RECICLAR - Reaproveitamento de materiais descartados na rua como lixo, transformando-os em mobiliários para a rua, ressignificando dessa forma o lixo, objetivando assim mostrar para os moradores que sempre existe uma possibilidade de uso para descartes pessoais. Estimulando dessa forma a percepção de que o lixo pode ser reutilizado e reapropriado para outro uso e que o fato de jogar na rua torna o ambiente menos propício a estar nele, a ficar nele e a se encontrar nele.

PINTAR - E o outro, foi uma atividade bem lúdica de pintura, também atraindo muitas crianças, que assumiu um papel de servir como um elemento de ligação do que foi produzido e para futuras produções em outras atividades.

COMER - Outra atividade do cotidiano explorada foi o comer juntos. Visitamos o mercado e mercadinhos da vizinhança e solicitamos doação de restos de frutas e verduras e assim produzimos conjuntamente algumas refeições que foram comidas na rua por quem estava participando no momento.

CONFRATERNIZAR - Culminando em um evento no sábado, que foi o momento de confraternizar a semana e os encontros, que é algo muito importante para marcar o encerramento de um processo. Nele foram usadas piscinas de plásticos e brincadeiras de rua, crianças se ofereceram para apresentar uma peça teatral, músicos foram convidados para tocar, o poeta Miró, morador da rua, recitou suas poesias, vizinhos chegaram para participar pela primeira vez ou outros que acompanharam a semana organizaram as crianças, e foi feito um jantar coletivo.



Figura 4.57 Lambe lambe produzido na Semana da Alegria para divulgação.

ANÁLISE QUALITATIVA

(1) Visão

A Semana da Alegria se caracterizou por uma sequência de atividades não programadas previamente. O interesse em explorar atividades do fazer cotidiano existia, inspirado em A Invenção do Codiniano - Arte de Fazer de Michel de Certeau e nas experiências práticas vividas onde foi possível perceber o poder que as atividades mais comuns tem de, deslocado o contexto, encantar. Dessa forma cada dia foi vivido e a experiência com cada atividade conduziu as próximas ações. Exemplo: pessoas gostaram de pintar; então a pintura era mais explorada levando os envolvidos a aprender novas formas de pintar ou jeitos de segurar o

pincel ou de fixar os carimbos nas paredes. Mas associado ao pintar era inserido paralelamente outra atividade que fixava as pessoas que realmente queriam pintar e atraíam o olhar e a vontade de quem não estava tão interessado apresentando outras possibilidades do fazer para o coletivo.

Essa sequência não planejada de atividades permitiu explorar vários conhecimentos, despertar a afinidade maior de cada envolvido com uma atividade, como tão bem claro quando um dos vizinhos chega, passado a semana, e chama para fazermos mais mobiliários de pallets para vender. Uma necessidade de sobrevivência e um campo de oportunidade criada com tão pouco esforço. Na verdade muito esforço mas, por estar com tanta energia passada pelos envolvidos, as demandas se tornam mais leves e proporcionam o prazer do compartilhar conhecimentos e de aprender com quem faz. Esse mesmo vizinho, ao ver o uso de energia puxada da casa do pesquisador, sugere compartilhar a energia de sua casa ou até do poste para assim não sobrecarregarmos apenas uma pessoa. Esse sentimento de troca se estabelece nos pequenos detalhes. Outra conquista dessa forma de fazer foi, a partir da repetição de procedimentos para cada atividade, os mais interessados compreenderam o fazer e assumiram uma autonomia e um papel de multiplicador: ensinando os aprendizados desenvolvidos coletivamente com os outros.

A tática do encantamento pelo novo foi bem explorada. Mas sempre relacionando o novo a um contexto diferente do comum onde essa atividade simples e do cotidiano era aplicada. Do pintar um papel ao pintar uma parede. Dos pequenos pincéis e potes de tinta a grandes rolos e latões de tinta. Do manuseio de uma chave de fenda ao primeiro contato com uma parafusadeira. E assim por diante.

(2) Contexto

Fruto do aprendizado com os *Urban Labs* a ação na Rua da Alegria iniciou buscando compreender esse espaço público a partir da visão de quem o vive e o compoe. Para tanto a primeira atividade estabelecida foi o se mostrar na rua, presente enquanto cidadão e dessa forma atrair a atenção de outros moradores e passantes diários para através de conversas informais captar os conflitos e potencialidades. Não se contendo apenas no esperar as pessoas se disponibilizarem e romperem seus campos pessoais de intimidade a ação iniciou um processo de ir em busca dos agentes da rua. Batendo de porta em porta, conversando com cada um e escutando a visão de cada indivíduo sobre a coletividade foi possível criar um

conjunto de fichas (**Figura 4.59**) que compuseram um diagnóstico simples e que possibilitaram definir campos de atuação, mesmo cientes de que a Semana da Alegria não teria o papel de resolver todos os conflitos e sim de despertar o sentimento de pertencimento dos moradores com a rua e assim, a partir de ações advindas deles enquanto coletividade, pudessem ir sendo resolvidas.

Associado a essa troca de impressões sobre a rua está o aprendizado, a partir das outras vivências e experimentos, do pesquisador que, em paralelo, vai fazendo uma leitura dos moradores e das relações entre eles conforme explicado na introdução aos experimentos da Rua da Alegria. E com esse conhecimento adquirido foi possível criar uma rede de relações entre moradores com pequenos gestos de aproximação com os vizinhos e com a junção de alguns vizinhos por perceber as afinidades de pensamento e discurso.

Esse espírito acompanhou toda a semana: extrair, a partir da rua, a integração de seus usuários e desses as possíveis soluções para uma relação de vizinhança que possibilite a implementação das resoluções (**Figura 4.58**).



Figura 4.58 Solução local para os desafios locais.

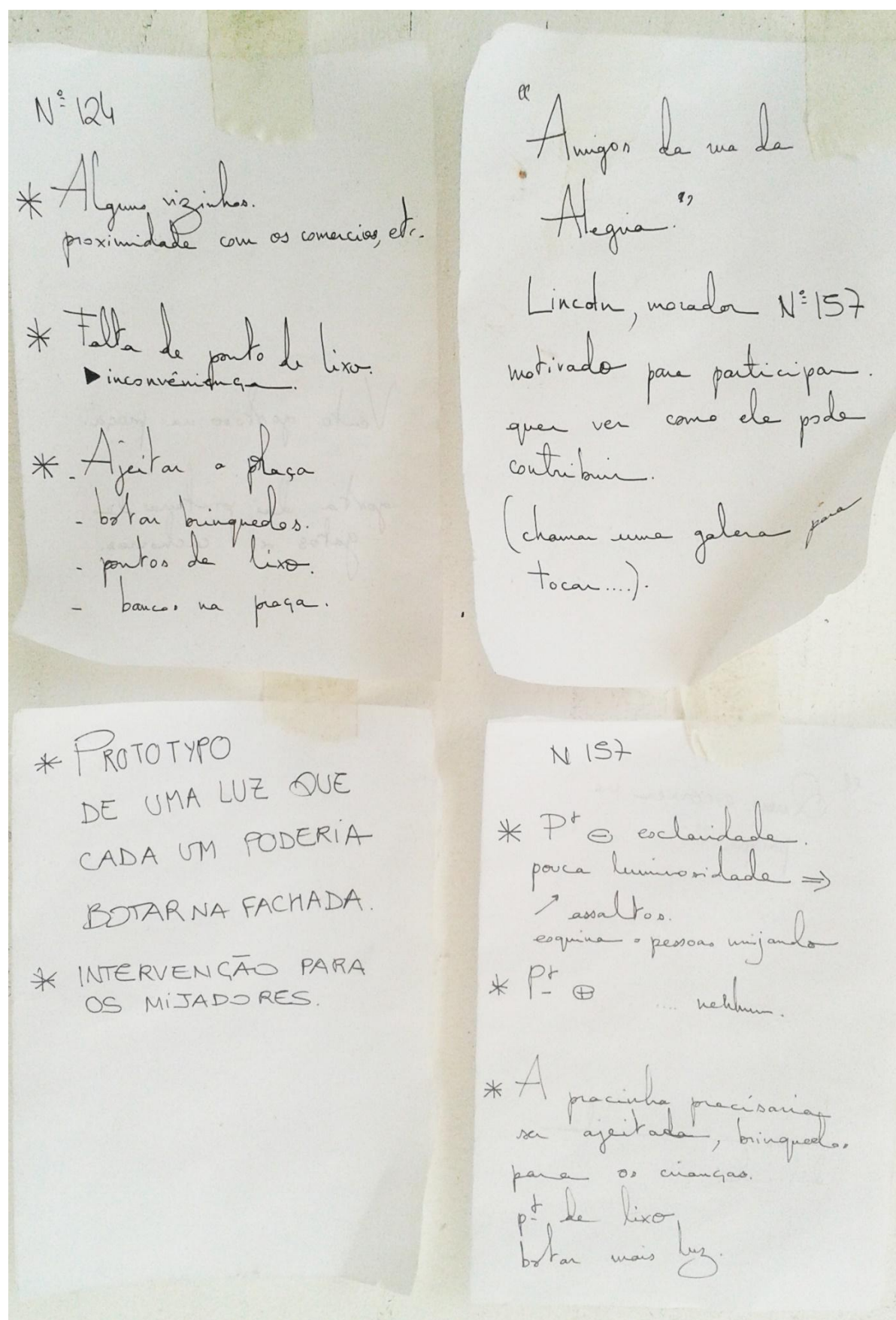


Figura 4.59 Fichas diagnóstico produzidas com os moradores da Rua da Alegria.

(3) Agilidade

Ao se concentrar no objetivo da ação de estimular a construção de laços de vizinhança capazes de transformar o sentimento de pertencimento e, assim maior cuidado com os espaços comuns, a ação da Semana da Alegria teve um tempo curto de 7 dias (**Figura 4.60**) para transformações físicas que não era a meta prioritária, mas um tempo suficiente para plantar a semente do poder de transformação contínua a partir da união dos moradores.



Figura 4.60 7 dias de experimento.

O fato de ter contaminado positivamente várias crianças e adolescentes tem revelado uma esperança grande rumo ao objetivo, conforme visto no relatos onde ao ser perguntada sobre o que está acontecendo na rua, uma criança diz “ajudar a ajeitar a rua” e depois completa “tá tendo brinquedo, aqui não tinha brinquedo”. Já outra criança diz que estão acontecendo “atividades, a gente tá fazendo aqui um bocado de coisa aqui, tá contornando aqui o mundo e com isso a gente vai ajudando cada um ao outro”. Então esse contornar o mundo revela que mesmo com uma simples ação a mensagem foi passada. E com isso em mente é preciso encarar a semana como uma ação meio e não fim. Importante continuar alimentando essas crianças, adolescentes e adultos.

(4) Valor

Ao optar por atividades muito simples e com um foco muito grande no reaproveitamento de materiais existentes e outros descartados por vizinhos a ação teve um baixo custo na aquisição de materiais e ferramentas, tendo sido necessário a obtenção de apenas parafusos e solventes para reaproveitar as tintas que foram restos de outras atividades.

Outro ponto que barateou o custo foi a economia com hospedagem, translados e alimentação dos facilitadores. Dois moradores aqui da região e uma francesa, Elsa Womack, que estava de passagem pela cidade e motivada pela participação no Workshop Paisagem Urgente e, buscando realizar juntos outra intervenção dissociada de instituições, aceitou a proposta de elaborarmos esse experimento, conforme fala de Elsa, em entrevista durante a intervenção, sobre como chegou à rua da alegria “então, é porque eu encontrei André há vários meses atrás durante um workshop que era justamente sobre uma intervenção urbana já e a gente fez amizade, seguimos falando e falando ‘ah, vamos fazer outra coisa’, mas sem nenhuma

instituição, uma coisa que sai da gente mesmo e combinada com os moradores e tal e ele pensou com Sofia uma coisa que seria na rua dele mesmo, já que tem muitas coisas pra fazer, então já vamos começar pelo início na frente da sua casa, aí foi isso, a gente conversou durante muito tempo sobre esse projeto e aí acabei pra falar ‘bom, eu vou chegar início de Abril, vamos fazer isso, bora, bora’ e agora a gente tá assim”.

Com esse arranjo o investimento foi muito baixo (**Figura 4.61**) e, mesmo assim, as recompensas muito elevadas ao perceber com clareza as conquistas.



Figura 4.61 Ilustração para representar o baixo custo de investimento para realizar a ação.

(5) Procedimento

Passados os três primeiros experimentos alguns aprendizados ficaram bem marcados com o desenvolvimento das atividades diretamente na rua: (a) ampliam a possibilidade de envolvimento, através da contaminação positiva das pessoas as atraindo para participar; (b) uma abertura maior de espaço para emergência de processos espontâneos do que ao se trabalhar em laboratórios fechados (oficinas) por incluir a variável ser humano com muito mais força e com ele as subjetividades e afetividades; e (c) a real aproximação de um público que não tem acesso a esses processos institucionalizados e fechados é possível e traz um poder muito maior de transformação pois abre um campo de ação e forma de ver e fazer de quem vive as táticas em essência para sobreviver.



Figura 4.62 A rua como canteiro de produção das intervenções.

A partir desse aprendizado o interesse em aprofundá-lo formatou a Semana da Alegria para ser uma atividade totalmente na rua e nos interstícios que regem essa população que se utiliza das táticas diariamente por estarem a margem das relações de poder. Dessa forma foram trabalhados todas as atividades no espaço público: o diagnóstico, as oficinas e produção de mobiliários, as brincadeiras, a reciclagem, a pintura, a preparação de alimentos, a alimentação e a confraternização.

(6) Legalidade

Os *Urban Labs*, por estar vinculado a uma instituição federal de pesquisa – o INCITI/UFPE – necessitava de autorização para evitar problemas decorrentes de atos de descumprimento de leis. Já o experimento da Alegria resolveu adotar um caminho diferente: ao diagnosticar a precariedade do espaço público da Rua da Alegria e, mesmo solicitando limpeza, reforma das calçadas e implantação de mobiliários na praça existente, não obteve resposta e nem atitude prática da prefeitura em resolver as questões, e assim optou-se por colocar a ‘mão na massa’, articular moradores e intervir em algumas problemáticas.

A Semana da Alegria não solicitou autorização para realizar nenhuma ação adotando uma postura tática de atuação, configurando então uma intervenção não sancionada (**Figura 4.63**). Essa não solicitação ao mesmo tempo que agilizou o processo, evitando os trâmites burocráticos e a carência de legislações que regem intervenções efêmeras no contexto urbano, trouxe meses após a conclusão uma intimação da Secretaria de Mobilidade e Controle Urbano da Prefeitura do Recife (**Figura 4.64**) solicitando a remoção imediata da ocupação da calçada, mesmo os mobiliários não impedindo a passagem e sendo usados diariamente por vários usuários da rua das mais diversas idades (crianças brincando e adultos sentando para conversar e interagir com vizinhança). Essa situação levantou um questionamento que a pesquisa não responderá mas que é importante de registrar: diante de um cenário onde os órgãos responsáveis pela gestão e manutenção dos espaços públicos não dão conta de suas demandas⁴⁰, por que, ao invés de estimular a participação cidadã na melhoria do bem estar social, se detem em manter uma postura de controle impedindo certas ações de melhoria em contextos precários?



Figura 4.63 Ação não sancionada.

⁴⁰ Situação essa comprovada: pela quantidade de lixo que se acumula diariamente na rua mesmo com a passagem diária de caminhão de lixo; pela precariedade da praça pública que não tem nenhum brinquedo, tendo apenas bancos quebrados; ou pelo excesso de mato que ocupam as calçadas.

Apesar dos conflitos de manutenção e gestão existentes e com a intimação que alega a ilegalidade da intervenção o processo da Semana da Alegria é inspirado pelas conquistas e traz nos seus procedimentos a essência do Urbanismo Tático em característica e em efeitos.

 PREFEITURA DO RECIFE SECRETARIA DE MOBILIDADE E CONTROLE URBANO		INTIMAÇÃO		AGENTE <i>Mary Anne</i> MATRÍCULA 913273	566573 DATA 30/06/16
IDENTIFICAÇÃO ☒ IMÓVEL ☐ FIRMA	INSCRIÇÃO IMOBILIÁRIA		SEQUENCIAL		CDD. LOGRADOURO 002143
	LOGRADOURO RUA DA ALEGRIA				
	NÚMERO 180	BLOCO	CDD. SUBUNIDADE	ATRAS	DEFRENTE 180
	LOTEAMENTO		LOTE		QUADRA
RESPONSÁVEL		NOME COMPLETO André			
		NÚMERO - DOCUMENTO		ESTADO CIVIL	
		PROFISSÃO		NACIONALIDADE	
CATEGORIAS		CARACTERÍSTICAS			
A - CONSTRUÇÃO B - INSTALAÇÃO C - ATIVIDADE D - PUBLICIDADE		01 - OBRA INICIAL 2 - AMPLIAÇÃO 3 - DEMOLIÇÃO 4 - MODIFICAÇÃO INTERNA 5 - ESCAVAÇÃO 6 - PAVIMENTAÇÃO 7 - MEIO-FIO 8 - FISO			
TIPOLOGIA		9 - ESQUADRIA 10 - REVESTIMENTO 11 - FACHADA 12 - MURETA 13 - PASSEIO 14 - LAJE 15 - TETO 16 - COBERTA			
AGRAVANTES		17 - MARQUIZE 18 - LIXO - DEPOSITO 19 - TELHEIRO 20 - MURO / CERCA 21 - PISCINA 22 - BARRACA / QUIOSQUE 23 - GUARITA 24 - BANCA DE REVISTA			
01 - NÃO APRESENTAÇÃO DE ALVARÁ 02 - DESOBEDIÊNCIA A DOCUMENTAÇÃO 03 - LOGRADOURO		25 - FITEIRO 26 - TRAVELER 27 - ÁREA 28 - CIRCO 29 - PALCO / PALANQUE 30 - PARQUE DE DIVERSÕES			
04 - REDUÇÃO DE AFASTAMENTO 05 - OBRA PARALISADA 06 - POLUIÇÃO SONORA		07 - MATERIAL EMPREGADO 08 - COMPARTIMENTOS 09 - EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO			
07 - ÁREA DE CONTROLE ESPECÍFICO 08 - INEXISTENTE NO CADASTRO MUNICIPAL 09 - USO NÃO PERMITIDO 10 - MATERIAL APREENDIDO		11 - MORTE DE ÁRVORE 12 - MUTILAÇÃO DE ÁRVORE 13 - AÇÕES IMEDIATAS 14 - DEMOLIÇÃO PARALISADA 15 - AÇÕES ESPECIAIS OUTROS			
OBSERVAÇÃO - DETALHE		06 - DETALHES CATEGORIA 07 - GENCICO 08 - AGRAVANTES SECUNDÁRIOS 09 - DECISÃO			
110		110			
OCUPAÇÃO DA CALÇADA (PASSEIO PÚBLICO) COM DEPOSITO DE PALETS, IMPEDINDO A PASSAGEM DE PEDESTRE. RETIRAR DE IMEDIATO.		110			

1ª Via Amarela - Instrutor / 2ª Via Verde - Fiscal / 3ª Via Branca - Regional

Figura 4.64 Intimação recebida pela intervenção na Rua da Alegria.

(7) Comunidade

Para desenvolvimento das atividades a Semana da Alegria contou com os organizadores e facilitadores: André Moraes, arquiteto e urbanista graduado pela UFPE com experiências práticas no desenvolvimento de trabalhos colaborativos e intervenção urbana atuando como pesquisador nessa pesquisa; Elsa Womack, estudou na *Ecole Nationale Supérieure d'Architecture* de Marselha, França, desenvolveu parte da graduação na UFRN em Natal-RN e tem no seu currículo o desenvolvimento de trabalhos de mutirão que visam a troca de experiências e a produção de ambientes mais agradáveis para estar; e Sofia Galvão, graduada em Engenharia da Computação pela UFPE, e mestra em Ciência da Computação pela mesma instituição, tem um trabalho focado no desenvolvimento de artefatos tecnológicos a partir de processos colaborativos.

Outra presença importante foram alguns participantes de outras ações e coletivos (como Praias do Capibaribe, dos experimentos *Urban Labs* anteriores, e Ocupe Estelita) que trouxeram suas experiências para compartilhar e aprender com essas trocas.

E através de um processo aberto de participação foi possível garantir uma constância de público proporcionando o envolvimento dos moradores de acordo com suas disposições de tempo. O nível de envolvimento variou, tendo moradores que estiveram presentes em todas as atividades, inclusive propondo, e outros que estiveram presentes nas atividades que mais os atraíam.

Dentro desse contexto específico de atividades simples e contando com a participação ativa da população local que aos poucos foi se envolvendo até se sentir parte do processo que a ação foi se estruturando e surpreendendo. No meio do processo as pessoas começam a ser perguntadas sobre o que estão fazendo e o que está para acontecer na rua, então uma criança responde “amanhã vai ter festa aqui na rua, vocês podem vir, vai ter bolo, vai ter piscina, vai ter brincadeira, vai ter apresentação, vai ter um bocado de coisa, vai ser massa” e outra explica “eu tô fazendo corações pra enfeitar a festa, na casa da árvore”. Depois, uma jovem esclarece “(...) a gente tá preparando as coisas pra amanhã fazer uma festa pras crianças” e descreve melhor as tais coisas que estão sendo preparadas “casinha na árvore, vai ter cavalo, vai ter piquenique, vai ter pula-pula, vai ter bola de piscina (...)”.

O assumir o protagonismo da história é um sentimento inicialmente perceptível nas crianças que expressam sem barreiras seus desejos, sonhos, medos, dúvidas e vontade constante de

aprender. Mas é um sentimento que tem o poder de contaminar as outras gerações e é o que se pode perceber com a chegada dos pais, tias, mães e outros adultos (Figura 4.65) que começaram a acreditar que podiam também fazer parte e aos poucos foram contribuindo de forma tímida mas que se revelou com mais clareza ao término da semana com as abordagens na rua agradecendo cada momento que suas crianças e adolecentes estiveram ocupados fazendo algo tão bonito e simples.

Uma moradora fala um pouco sobre suas impressões “eu cheguei aqui em agosto do ano passado (...) e é a primeira vez que tô vendo esse movimento aqui na rua e eles avisaram que tão tentando melhorar, não é, e isso é ótimo, com certeza” outra vizinha complementa dizendo que “querem deixar a rua mais alegre, que de alegria ela só tinha o nome” e a primeira finaliza “é, justo, querem fazer jus ao nome e é interessante”. Um morador comenta sobre a ação dizendo que “é legal, pô, porque é uma iniciativa que a galera... ninguém tinha tomado ainda, entendesse?” e completa “aí agora a galera veio aqui e deu uma melhorada na rua, é bom”.



Figura 4.65 Vizinhança interagindo durante Semana da Alegria.

(8) Produtos

Coração Pulsante

Fruto da produção do *Urban Lab 2* o Coração Pulsante (**Figura 4.66**) após o *Urban Thinkers Campus* Recife (23 a 28 de novembro de 2015) ficou guardado e reapareceu no primeiro dia da Semana da Alegria (dia 5 de abril de 2016). Danificado pelo tempo fora de uso foi a primeira atividade na rua a ser desenvolvida: a manutenção com ajustes para simplificar o sistema.

O artefato, fixado na fachada do imóvel 172 da Rua da Alegria, consiste em duas barras de alumínio dobradas, fitas de LED coladas na parte interior e posterior do alumínio, um arduíno que controla a sua pulsação e uma fonte de alimentação que diariamente é ligada na tomada para acendê-lo. Um produto muito simples e barato mas com alto impacto simbólico na paisagem. Já no seu primeiro dia de funcionamento atraiu o olhar de todos que passaram pela rua. Várias perguntas surgiram: “Aqui é um bordel? É um bar? Um teatro?”. A associação a uma instituição foram as primeiras hipóteses lançadas por quem não sabia da proposta. Talvez pela carência de micro intervenções poéticas na cidade por parte de cidadãos comuns. Uma moradora ao ser indagada sobre o coração, responde “(...) é lindo e eu espero que fique aí sempre, né, espero que vocês não tirem quando saírem daqui”. Com esse mesmo entusiasmo uma criança também faz comentários sobre o coração “ah, ficou muito bonito, todo mundo pergunta se foi alguém que fez”.

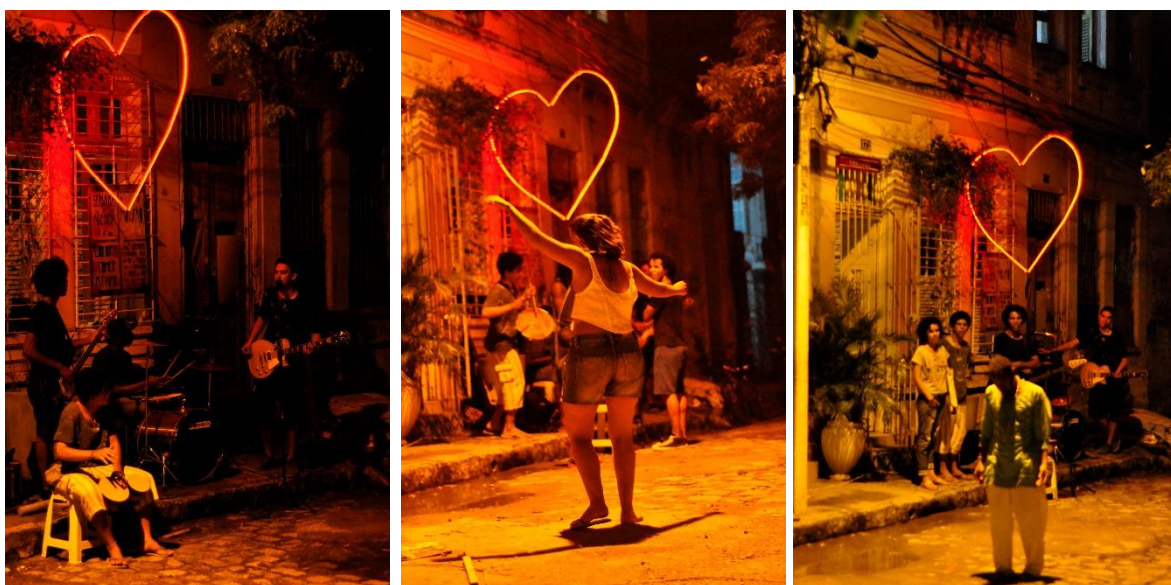


Figura 4.66 Coração Pulsante em três momentos: (1) banda; (2) dança; (3) recitando poesia.

Totem

Ainda com esse espírito de explorar as simbologias do lugar, uma das mais fortes que chamou atenção desde o primeiro momento foi o nome da rua: Rua da Alegria. Dessa simbologia, da força que um nome exerce e a partir das primeiras caminhadas para convocar os moradores percebeu-se que a placa com o nome da rua é bem pequena e com localização que compromete sua leitura. A partir dessa constatação surgiu a ideia de marcar a entrada da rua com um totem que revele seu nome (**Figura 4.67**). Duas tábuas de madeira, alguns cortes, cola, parafuso e uma pintura e placa pronta para ser instalada. Uma intervenção com nível de dificuldade de execução baixo proporcionou o envolvimento de alguns moradores tanto na produção e pintura da placa como na fixação.



Figura 4.67 Totem produzido na Semana da Alegria.

Ao ser perguntada sobre o que está fazendo Elsa explicou “a gente tá fazendo um totem pra botar no início da rua da alegria que por enquanto não é muito visível o nome da rua, tem uma placa, mas que está meio escondida pelo poste” e completa “aí a nossa ideia é de botar duas grandes placas de madeira pra prender sobre o poste mesmo e botar o nome bem grande ‘rua da alegria’ em cima e, enfim, (...) pra dar um outro tom na rua”.

Casa da Árvore

Conforme comentado anteriormente, antes de qualquer intervenção a Semana da Alegria começou com o empilhamento de alguns pallets para servir de apoio para os três facilitadores que se colocaram na rua para atrair a atenção dos moradores realizando a manutenção no coração. Essa ação acabou por atrair várias crianças e a partir daí foi percebido que elas fluem diariamente pela rua em vários horários e que são as primeiras a se aproximarem com qualquer atividade diferente da rotina.

A partir dessa constatação surgiu a ideia de estimularmos esse público e assim nos aproximarmos dos pais dessas. A primeira ideia que aguçava o imaginário foi a construção de uma casa na árvore (**Figura 4.68**) e agregar a essa bancos que permitissem tanto crianças quanto adultos se relacionarem com o mobiliário. Agregando quatro pallets, algumas tábuas de madeira e parafusos surgiu a casa da árvore (**Figura 4.69**).

Uma intervenção simples que transformou a relação das pessoas com o lugar rapidamente. Dia e noite o mobiliário era usado mesmo após a semana. Alimentação, conversas, pequenas confraternizações, brincadeiras. Um novo ponto de encontro da rua. Se a intenção era integrar diversos usuários (moradores ou de passagem) essa foi a intervenção que mais obteve êxito.

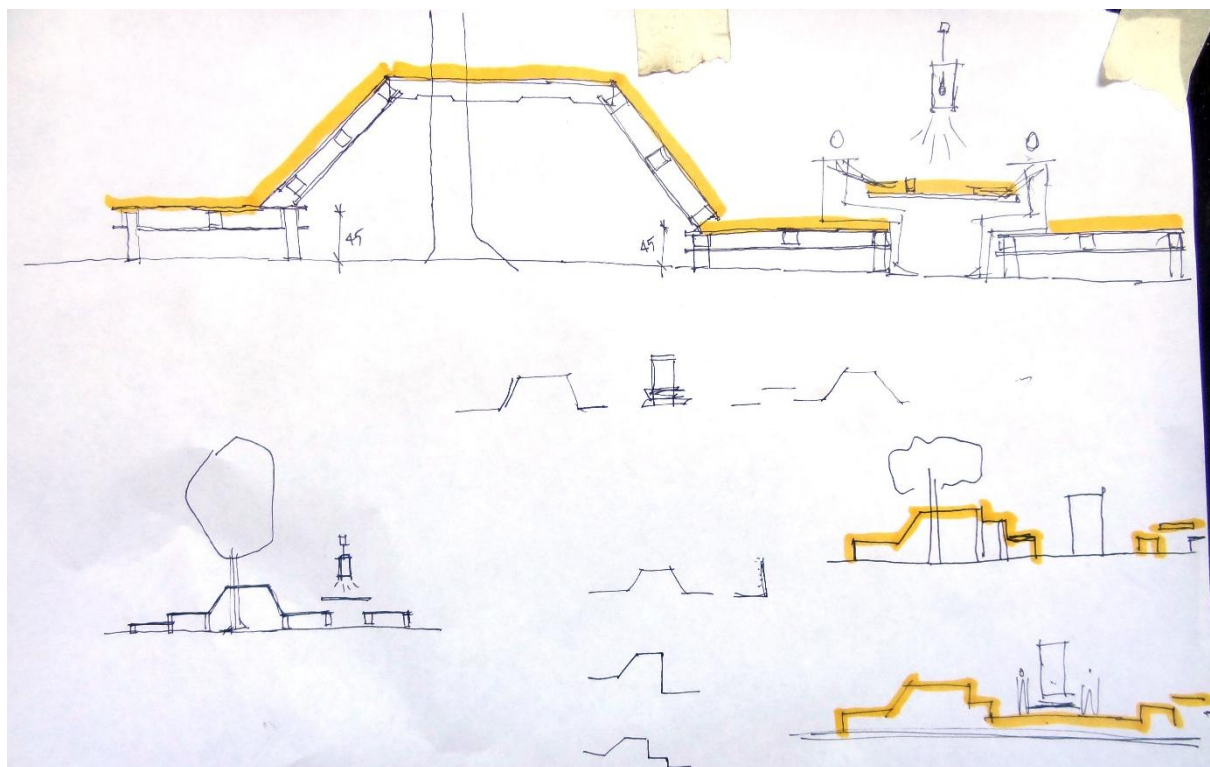


Figura 4.68 Estudos realizados para casa na árvore.



Figura 4.69 Casa na árvore (brinquedo para crianças e banco para adultos).

Pintura

Durante o processo de elaboração do diagnóstico da Rua da Alegria constatou-se a presença de um grande muro do maior terreno da rua que é utilizado parte como habitação e parte como estacionamento. A presença dessa fachada sem aberturas para a rua acarreta uma sensação de abandono e insegurança, com a calçada destruída e com mato. A calçada vinha sendo usada constantemente como lugar de concentração de lixo que se acumulam até o caminhão da coleta passar e levar.

Um grande muro servindo para acumular lixo e que serve de banheiro público para passantes revelou-se uma área muito propícia a receber uma intervenção que estimulasse o início de um processo de mudança. A pintura foi a solução mais simples e que agregaria a participação de crianças por ser uma atividade muito simples. Para essa pintura foi criada uma identidade visual definindo algumas cores que integrem tanto a pintura do muro com a dos mobiliários criados e, após uma sequência de fotografias usando como lente um caleidoscópio, foram retirados formas geométricas que deram origem a carimbos para serem impressos com tintas na parede (**Figura 4.70**).



Figura 4.70 Pintura do muro realizada na Semana da Alegria.

Cadeira Reclinável Jaque (Espreguiçadeira)

Com o processo de fazer em andamento e uma alta produção decorrente do envolvimento de mais pessoas interessadas nas atividades, inclusive propondo, estimulou os facilitadores a levantar um ponto de discussão na Semana da Alegria: o excesso de lixo descartado nas calçadas. Dessa discussão um dos participantes percebeu o descarte de uma cama box de casal na calçada e lançou o desafio de transformá-la em algum outro mobiliário. O que deu origem a uma cadeira reclinável com dois ângulos (**Figura 4.71**).



Figura 4.71 Cadeira Jaque Reclinável (espreguiçadeira) produzida na Semana da Alegria.

Cadeiras ALEGRIA #1 #2 #3

Ainda seguindo a lógica do reaproveitamento surgiram algumas ferragens de cadeiras sem assento que foram utilizados para com restos de materiais criar uma resignificação dessas cadeiras (**Figura 4.72**) apresentando tanto o campo de possibilidade que um objeto pode assumir com o mínimo de esforço quanto uma oportunidade de praticar o uso de ferramentas de trabalho com madeira comuns. Com uma cadeira pronta muitos vizinhos começaram a aparecer com outras estruturas de cadeiras para doar para praticarmos mais e mais. A produção só ampliava e ao mesmo tempo atraía a cooperação de moradores em estimular a continuidade do aprendizado.

Ao mesmo tempo fica notável o interesse em aprender e passar o conhecimento para os outros interessados. Característica essa expressa quando uma mulher é perguntada sobre o que está fazendo “eu tô fazendo uma cadeira” e completa “como... é isso que a gente tá discutindo, como é que ela vai ser”. Depois, ela explica em mais detalhes “a gente pegou essa estrutura de metal aqui já reaproveitada, né, aí o assento a gente tá fazendo com essas talisquinhas de madeira que a gente vai colocar uma do lado da outra até aqui embaixo” e finaliza que a cadeira é “pra galera sentar aqui na rua da alegria”. Mais tarde, ela é perguntada sobre o que está fazendo com a furadeira em mãos e responde “eu vou furar aquelas talisquinhas lá que eu te mostrei, aí vou, pra que elas fiquem em baixo assim presas, aí eu vou furar dois furinhos em cada e vou costurar elas com essa cordinha aqui”.



Figura 4.72 Cadeiras Alegria 1 2 3 produzidas na Semana da Alegria.

Unicórnio Zebra Llama

Para ampliar ainda mais o aproveitamento dos materiais foi desenvolvido o Unicórnio Zebra Llama se utilizando dos restos de madeiras que sobraram. Um mobiliário lúdico que carrega a ideia de mobiliário vivo e estimulador do imaginário das crianças.



Figura 4.73 Banco brinquedo Unicórnio Zebra Llama produzido na Semana da Alegria.

Banquete Coletivo

Uma das táticas usadas para atrair a atenção e interesse dos moradores foi se utilizar das práticas do cotidiano. O comer como ato público e comum a todos foi proporcionado na rua através da articulação com mercadinhos do bairro que cediam restos de comidas ao fim do dia e com esses eram preparadas comidas para banquetes coletivos armados na calçada da Rua da Alegria.

O abrir dessa intimidade para os moradores chamava a atenção delas mas, nos primeiros dias, muito timidamente alguns se atreveram a participar conosco das refeições. No último dia de atividade foi preparado uma sopa que foi compartilhada por todos.

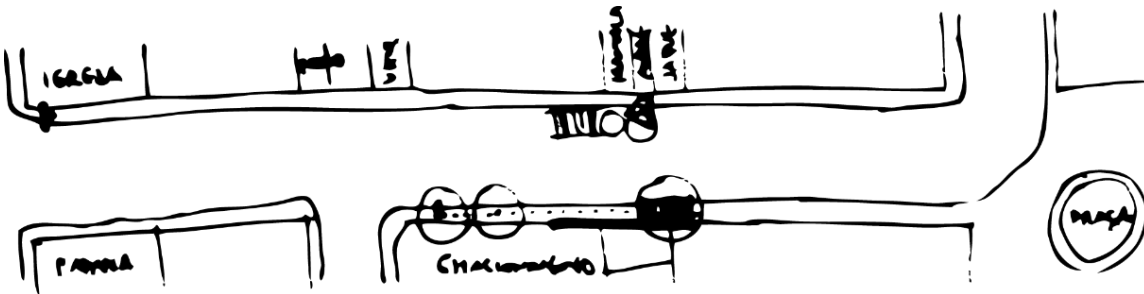


Figura 4.75 Banquetes coletivos diariamente durante a Semana da Alegria.

Segue ficha de catalogação da Semana da Alegria (**Tabela 4.7**):

Tabela 4.7 Ficha de catalogação da Semana da Alegria.

EXPERIMENTO nº		4
TÍTULO Semana da Alegria		IMAGEM 
FACILITADORES André Moraes Sofia Galvão Elsa Wonack		
PERÍODO 5 a 9 de abril de 2016		
DESCRIÇÃO A Semana da Alegria, aconteceu de 5 a 9 de abril de 2016, e se caracterizou por ser uma ação de produção de atividades bem simples (práticas do cotidiano) na rua para, a partir dessas, aproximar pessoas para ampliar e criar novas relações tanto para o processo de produção como para a manutenção diária, estabelecendo assim um cuidado maior com esse espaço público comum aos que vivem aqui.		
		OBJETIVOS A Semana da Alegria teve como objetivo trabalhar através de atividades na rua as relações de vizinhança tendo o espaço público como objeto de observação e cuidado. ▪ Inserir a reflexão nos moradores sobre o lixo: o que é, como estão sendo descartados os resíduos sólidos e quais as consequências disso, em especial para o bem estar dos próprios usuários da rua; ▪ Ampliar as relações de vizinhança; ▪ Proporcionar o acesso a algumas ferramentas de trabalho da marcenaria e da pintura; ▪ Desenvolver processos colaborativos para criação de melhorias para a coletividade; ▪ Construção de capacidade organizacional fortalecendo a identidade local.

(8)PRODUTOS			
1 Cadeiras 1 2 3	2 Lambe-lambe	3 Coração Pulsante	4 Totem
			
A partir da recuperação de estrutura de ferro e reutilização de restos de madeiras foram produzidas três cadeiras que despertaram o interesse de vizinhos que doaram outras peças.	Lambe lambe produzido para divulgação da Semana da Alegria. Técnica de guerrilha usada por apresentar baixos custos e com alto impacto visual.	Artefato produzido no Urban Lab 2 que foi ajustado e inserido como primeira intervenção na Rua da Alegria. Através de sua ludicidade e simbologia atraiu o olhar de vários usuários da rua.	Totem de sinalização confeccionado e instalado na entrada da rua para demarcar sua personalidade.
5 Pintura do muro	6 Espreguiçadeira	7 Luminária	8 Zebra
			
Atividade de extrema importância para a ação por: aproximar as crianças e a partir delas os adultos e por definir uma identidade visual.	Mobiliário muito frágil mas com força para a ação por representar o poder de reaproveitamento de uma cama que estava no lixo. Resignificando.	A partir de latas de manteigas descartadas pela padaria foi produzida uma luminária. Ao ver essa reutilização a padaria começou a separar as latas.	Banco brinquedo feito com os restos dos restos dos materiais que assumiu uma forma lúdica ao ser incorporado um ser vivo nela.
9 Casa na árvore		12 Banquete coletivo	
			
		Intervenção simples que definiu um lugar de encontro na rua estabelecendo tanto relação com as crianças (de forma lúdica estimulando o imaginário da casa da árvore) como com os adultos (funcionando como mobiliário para sentar conversar e integrar moradores)	
		Com doação de restos de comidas (frutas e verduras) dos mercadinhos locais foi possível produzir refeições diárias para os envolvidos nas atividades na Rua da Alegria.	
MAPA SÍNTESE DA INTERVENÇÃO			
			

CATEGORIAS DE ANÁLISE	DIAGRAMA	COMENTÁRIOS
(1) VISÃO Abordagem Iterativa (X) Estimula mudanças (X)	-	A abordagem iterativa é possível de ser visualizada internamente ao processo: a repetição de atividades de acordo com o interesse dos envolvidos era estimulada.
(2) CONTEXTO Soluções locais (X) Desafio do planejamento local (X)		Partindo de táticas para construir um diagnóstico rápido da rua foi possível garantir nas atividades respostas locais para os desafios locais.
(3) AGILIDADE Compromisso de curto prazo (X) Expectativas realistas (X)		Uma semana explorando atividades do cotidiano como forma de atrair os moradores e mudar o olhar sobre o fazer diário foi suficiente para plantar a semente do cuidado com a rua e com os outros vizinhos.
(4) VALOR Baixo risco (X) Maiores recompensas (X)		Partindo do princípio da reutilização de materiais coletados e não envolvendo pagamento de hospedagem e traslados dos participantes a Semana da Alegria garantiu um custo baixíssimo apenas com alguns materiais de apoio como parafusos e solventes.
(5) PROCEDIMENTO Uso da cidade como laboratório de experimentação (X)		Com os aprendizados dos Urban Labs a Semana da Alegria adotou a rua como o espaço onde todas atividades aconteciam.
(6) LEGALIDADE Sancionada () Semi-sancionada () Não sancionada (X)		Para realizar a Semana da Alegria optou-se por não pedir autorização a nenhum órgão responsável pela busca na forma de agir das táticas. Dessa forma a intervenção não só não foi autorizada como foi intimada por estar inserindo melhorias no contexto urbano (limpeza e reparos da rua / construção e doação de mobiliários para brincar e sentar).
(7) COMUNIDADE Desenvolvimento de capital social (X) Construção de capacidade organizacional (X) Fortalecimento da identidade local (X)	 	20 participantes diretos e 10 indiretos Não existência de processos seletivos foi a premissa inicial. Trabalhar junto com quem quiser foi seguido durante toda a semana tendo agregado apenas algumas poucas pessoas externas ao local de atuação. Por se utilizar de atividades simples do cotidiano foi possível alcançar um público com maior variação etária.

4.2.2 A Rua da Alegria 2 | Cinema da Alegria

DESCRIÇÃO

O Cinema da Alegria foi uma intervenção de montagem de um cinema de rua, que aconteceu no dia 14 de maio de 2016, motivada pela solicitação dos moradores de fazermos mais atividades na rua.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Articular os moradores da Rua da Alegria e vizinhança para montagem e execução de um cinema ao ar livre.

Objetivos Específicos

- Consolidar a ideia do convívio social na Rua da Alegria;
- Estimular as relações de troca e ajuda mútua na vizinhança;
- Conseguir através de troca, empréstimos e doações realizar uma atividade coletiva;
- Estimular a construção de capacidade organizacional comunitária;
- Promover atividades que semeiem nas crianças o ser coletivo.

SÍNTESE DO PROCESSO (ETAPAS)

A partir da provocação de alguns moradores da Rua da Alegria agradecendo as atividades anteriores e perguntando quando seria realizado outra ação motivou pensar em algo muito simples que pudesse responder a essa solicitação e ao mesmo tempo servir de experimento para a pesquisa.

O desafio dessa ação deixava de ser apenas estar desvinculado de instituições mas também encontrar algo muito simples que pudesse ser desenvolvido e estimulada a execução com a ajuda dos moradores. Com isso em mente e com a maior facilidade de aproximar os adultos das ações através das crianças, foi pensado a realização do cinema na rua.

A metodologia adotada para realizar essa ação partiu de táticas de dar autonomia a terceiros e assim desenvolver algumas atividades listadas como essenciais para a intervenção.

A partir das macro atividades elencadas: infraestrutura, divulgação e curadoria dos filmes, foi possível delegar funções para quem se mostrava interessado com a proposta e em pouco tempo viabilizá-la.

- Elaboração e confecção de convites;
- Divulgação e distribuição dos convites de porta em porta e através de conversa na rua, realizado por crianças moradoras da Rua da Alegria;
- Empréstimo de projetor e telão conseguido com vizinho e com simpatizante do projeto, respectivamente;
- Liberação do diretor do filme O Menino e o Mundo para projeção conseguido por moradora vizinha a Rua da Alegria;
- Pipocas e bebidas doadas por simpatizantes do projeto;
- Produção de tela de *silkscreen* para pintura de camisas durante a sessão.

Dessa forma no dia 14 de maio a exibição aconteceu agregando vários moradores e simpatizantes do projeto e de cineclubes, com duas sessões: a primeira, das 19:00 às 20:30, com o filme O Menino e o Mundo; e a segunda, das 20:30 às 22:00, aberta para moradores trazerem filmes e juntos escolhermos o que assistir. Na sessão aberta foi passado o filme Ondé estará a norma?, que conta a história do artista e poeta marginal Miró da Muribeca, atualmente morador da Rua da Alegria. Nela contamos com a presença do mesmo que esteve presente na Semana da Alegria recitando suas poesias com suas performances.

PARTICIPANTES

Por se tratar de uma ação muito simples, e quase custo zero, a participação foi surgindo com a necessidade a partir da provocação inicial, lançada por alguns moradores, de realizarmos mais atividades na rua.

Participaram diretamente da organização: algumas crianças e adolescentes com a coleta de filmes e divulgação boca-a-boca e distribuindo convites pelas casas; casal de cineastas

vizinhos com o empréstimo do projetor; alguns simpatizantes da primeira ação da Semana da Alegria, com doação de pipocas, bebidas e empréstimo de telão para a sessão; morador com a produção de uma tela de *silkscreen* para pintura de camisas durante a sessão; e alguns moradores em geral com a arrumação do espaço para a sessão.

Indiretamente a ação atingiu alguns outros moradores e alguns grupos de simpatizantes do processo e resultados da Semana da Alegria, que participaram exclusivamente da sessão.

PRODUTOS

Diferente dos outros experimentos com vários mobiliários e artefatos produzidos o Cinema da Alegria focou em realizar uma sessão de cinema na rua de forma a atrair a participação dos moradores, em especial crianças. Para isso acontecer mais do que produzir foi essencial articular as pessoas para conseguir viabilizar o evento com doações e empréstimos: de projetor, de telão, de filmes, de pipocas para as crianças e alguns componentes básicos para criar uma cenografia atrativa na rua.

Convite Manifesto

Para iniciar a intervenção foram elaborados e confeccionados convites (**Figura 4.76**), utilizando a técnica de produção de fanzines de guerrilha, artesanalmente com desenho a mão e fotocópias para depois dobrar e entregar nas casas.



Figura 4.76 Convite para o Cinema da Alegria.

Cinema da Alegria

Como produto a composição de um cinema de rua foi o foco desse experimento. Aproveitar um trecho da calçada estigmatizado como lugar de acúmulo de lixo e mato pelos moradores da rua para causar a reflexão sobre o significado que atribuímos para cada lugar e que

pequenos gestos/atitudez podem transformar a percepção possibilitando o estímulo de novos usos para os espaços subjetivamente caracterizados como marginaiz.

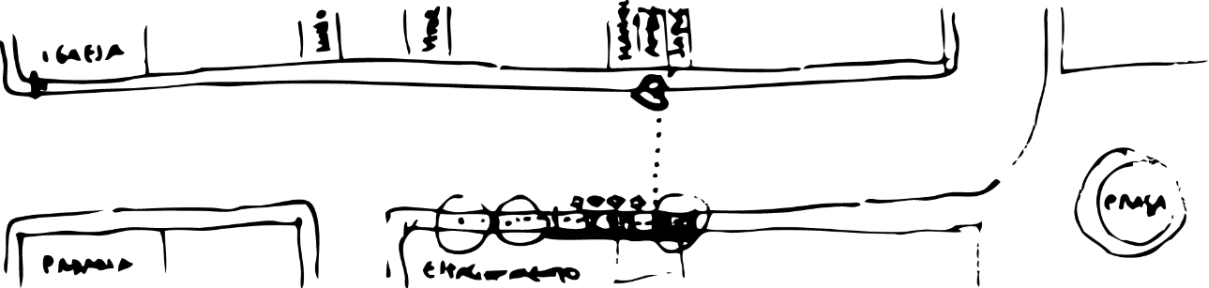
A composição de arquibancada, esteiras no chão, telão, projetor, filmes, pipocas e vários moradores configuraram a intervenção efêmera do Cinema da Alegria.



Figura 4.77 Intervenção do Cinema da Alegria.

Tabela 4.8 Ficha de catalogação do Cinema da Alegria.

EXPERIMENTO nº		5
TÍTULO Cinema da Alegria		IMAGEM 
FACILITADORES André Moraes		
PERÍODO 14 de maio de 2016		
DESCRIÇÃO O Cinema da Alegria foi uma intervenção de montagem de um cinema de rua, que aconteceu no dia 14 de maio de 2016, motivada pela solicitação dos moradores de fazermos mais atividades na rua.		OBJETIVOS Articular os moradores da Rua da Alegria e vizinhança para montagem e execução de um cinema ao ar livre. <u>Objetivos Específicos</u> ▪ Consolidar a ideia do convívio social na Rua da Alegria; ▪ Estimular as relações de troca e ajuda mútua na vizinhança; ▪ Conseguir através de troca, empréstimos e doações realizar uma atividade coletiva; ▪ Estimular a construção de capacidade organizacional comunitária; ▪ Promover atividades que semeiem nas crianças o ser coletivo.

(8) PRODUTOS		
1 Convite Manifesto		
		Convite elaborado e confeccionado utilizando a técnica de produção de fanzines de guerrilha, artesanalmente com desenho a mão e fotocópias para depois dobrar e entregar nas casas.
2 Cinema na rua		
		A composição de arquibancada, esteiras no chão, telão, projetor, filmes, pipocas e vários moradores configuraram a intervenção efêmera do Cinema da Alegria.
MAPA SÍNTESE DA INTERVENÇÃO		
		

CATEGORIAS DE ANÁLISE	DIAGRAMA	COMENTÁRIOS
(1) VISÃO Abordagem Iterativa (X) Estimula mudanças (X)	-	Solicitação dos moradores para organização do experimento.
(2) CONTEXTO Soluções locais (X) Desafio do planejamento local (X)		Autonomia dos moradores para contribuírem para a montagem do cinema.
(3) AGILIDADE Compromisso de curto prazo (X) Expectativas realistas (X)		5 dias de organização e divulgação e 1 dia de experimento.
(4) VALOR Baixo risco (X) Maiores recompensas (X)		Custo zero. Doação e empréstimo de toda infraestrutura e das comidas e bebidas.
(5) PROCEDIMENTO Uso da cidade como laboratório de experimentação (X)		Cinema realizado em todas as etapas na rua.
(6) LEGALIDADE Sancionada () Semi-sancionada () Não sancionada (X)		Intervenção não sancionada mas articulada com vários moradores da Rua da Alegria.
(7) COMUNIDADE Desenvolvimento de capital social (X) Construção de capacidade organizacional (X) Fortalecimento da identidade local (X)		10 participantes diretos na organização e 30 indiretos tendo vindo apenas para as sessões de cinema. Envolvimento total dos moradores na solicitação da intervenção efêmera. Na montagem e desmontagem do cinema. Tendo participado indiretamente também grupos interessados em cineclubes, participantes de outros experimentos.

4.3 Reflexões | a mistura das experiências

“O ‘próprio’ é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para ‘captar no voo’ possibilidades de ganho.” Dessa forma “tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ‘ocasiões’.” (CERTEAU, 2008)

Essas ocasiões não surgem numa frequência constante o que torna o fraco um constante observador da situação e o força a estar sempre pronto para aproveitar as oportunidades para dentro do sistema fluir suas buscas e assim alcançar suas conquistas que rapidamente devem ser deixadas de lado para voltar ao estado de atenção. Essa situação é percebida tanto pelas atitudes do pesquisador (desde a primeira oportunidade de introduzir seus objetivos através da

organização dos *Urban Labs* até no deixar sentir o momento exato para ativar cada morador da Rua da Alegria - cada um em seu tempo e a seu modo específico); como na postura de alguns participantes (ora por se sentir numa posição de fraco nas decisões coletivas e se utilizar de artimanhas para atrair adeptos que viabilizem alguns interesses pessoais).

Para aproximar o foco e assim clarificar o entendimento é importante descrever a postura do pesquisador nos experimentos *Urban Labs*. O pesquisador desde o princípio adotou uma postura de observador participante e por estar incluído no grupo de pesquisa INCITI, instituição responsável por realizar o *Urban Thinkers Campus* Recife estabeleceu um papel de interesse pelas atividades na rua. Aos poucos essa demonstração garantiu uma certa autonomia para desenvolver as atividades prévias e a organizar, em partes, a estrutura do evento. Aproveitar essa oportunidade para desenvolver o máximo de atividades prévias ao evento era uma das táticas para conquistar mais espaço e dessa forma estabelecer um processo evolutivo que pudesse, no UTC, revelar um formato diferente do pensado originalmente que era o de alugar toda a estrutura. A crença na utilização de um evento internacional que discute cidade, juventude e cultura para promover algumas transformações em um contexto esquecido era o que motivava o estabelecimento de táticas.

O que motiva pessoas que não estão, a princípio contratadas por instituições que tem essa função, a intervirem em suas cidades, em suas vizinhanças, a buscarem melhorar os espaços que as envolvem? Será pela compreensão da essência do conceito de espaço público? Será por estarem descrentes de melhorias que partam de instituições que deveriam prover essas ações? Será por um impulso pessoal de privatização dos espaços que estão em “desuso”, ociosos para obtenção de benefícios próprios? Essas perguntas aliado a várias experiências que fazem “brilhar os olhos” pelo cuidado com os espaços de uso comum, pelas ações que englobam processos colaborativos em prol de uma coletividade, pelo poder de transformação a partir da união de pessoas, me faz acreditar na construção de capacidade organizacional como alternativa paralela a melhoria do bem estar nas cidades. Encarar o urbanismo tático como uma ferramenta metodológica para essas conquistas motiva a compreendê-lo nas suas essências.

Para além da revisão bibliográfica que ofereceu uma base sólida sobre o Urbanismo Tático, revelando as características separadamente que configuram tal intervenção e apresentam resultados através da mistura e compreensão dos outros conceitos difundidos que se associam em certa maneira as ações táticas, a pesquisa explorou a aplicação dessas características,

através das categorias de análise em experimentos sequenciais e evolutivos. A partir do primeiro experimento (o *Urban Lab 1*) que surgiu baseado apenas no conhecimento do estado da arte e nas experiências práticas vividas antes da dissertação respaldou algumas alterações nos experimentos seguintes, sempre baseados no ciclo iterativo de criação do experimento, teste, avaliação, reconfiguração e recriação do próximo experimento. Seguindo esse ciclo a pesquisa desenvolveu cinco experimentos: o Workshop Internacional *Urban Labs*, o Workshop Paisagem Urgente, os *Urban Labs* no *Urban Thinkers Campus* Recife, a Semana da Alegria e o Cinema da Alegria.

A metodologia adotada para documentação de cada experimento também foi sendo moldado de acordo com a experiência prática adquirida que estão conectados com a montagem e organização; a coleta das informações através de observação participante obtendo relatos, *feedback* dos participantes, fotografias, vídeos, entrevistas publicadas, diários de bordo.

Decorrente da diferença entre os experimentos a revisão bibliográfica deu subsídio para relacioná-los, no momento da seleção e sistematização dos dados coletados, ao proporcionar a construção das seguintes categorias de análise: (1) quanto a visão – abordagem iterativa da intervenção; (2) quanto ao contexto – soluções locais para os desafios locais; (3) quanto a agilidade – curto prazo das intervenções; (4) quanto ao valor – baixo custo da intervenção; (5) quanto ao procedimento – uso da cidade como laboratório; (6) quanto a legalidade da intervenção; (7) quanto a comunidade – desenvolvimento de capital social; e (8) quanto aos produtos propriamente ditos.

Dentro dessas características a que tem um peso muito forte nos efeitos das ações de Urbanismo Tático é a comunidade e essa relevância se deve ao fato desse ponto interferir direto na mudança de mentalidade dos cidadãos e dessa forma estabelecer uma nova postura na construção e gestão das relações interpessoais que acabam por definir os ambientes onde vivem: a casa, a calçada em frente a sua casa, a rua enquanto espaço público, as relações estabelecidas nela e consequentemente a cidade e sua estrutura organizacional. Isso evidencia os processos de educação com a prática e o potencial que o Urbanismo Tático tem de instigar esse viés educacional e relacional ao misturar construção de conhecimentos com realidade do campo de atuação: a cidade (na sua complexidade) e as pessoas (nas suas relações).

Baseado nessas categorias as primeiras e mais claras conclusões tiradas são referentes as diferenças entre os experimentos *Urban Labs* e os da Rua da Alegria. Enquanto nos *Urban*

Labs aconteceram de forma sancionada; com processo de seleção dos participantes, resultando na composição de um público global (nem sempre do local da intervenção) para propor soluções para um contexto local; e vinculado a um evento e a uma instituição; os experimentos da Rua da Alegria aconteceram sem autorização prévia dos órgãos competentes; tinham nos participantes a presença em maior número de usuários da área de intervenção, resultando em processos de retirar do lugar as soluções para o lugar; e o não vínculo com nenhum evento nem com instituição (conforme **Tabela 4.9**).

Tabela 4.9 O que diferencia os Urban Labs da Rua da Alegria.

<i>Urban Labs</i>	A Rua da Alegria
Sancionado	Não Sancionado
Seleção dos participantes	Não seleção dos participantes
Vínculo a um evento	Nenhum vínculo
Institucional	Não institucional
Público global intervindo no local	Público local intervindo no local

Essas diferenças superficiais podem ser rebatidas na amplitude do alcance dos experimentos. O primeiro com um alcance nacional e até internacional enquanto o segundo atingindo diretamente os moradores locais e no máximo os envolvidos diretamente que não pertencem a área.

O primeiro experimento (Workshop Internacional *Urban Labs*) se destacou pela prática de por a mão na massa estimulada pela visita a espaços públicos do Recife: Baobá (Ponte D’Uchoa) e horta de Casa Amarela; se apropriou do objetivo de construir mobiliários para a cidade para discutir micropolíticas e intervenções emergentes do lugar para os problemas locais. O segundo experimento (Workshop Paisagem Urgente) pela mistura de dinâmicas sensoriais, processos compositivos e ação para um lugar definido: a rua; permitindo assim confrontar alguns questionamentos: o desafio das teorias da academia com as práticas da rua; revelando as relações construídas de afeto como combustível para o desenvolvimento de uma plataforma de discussão para chegar a um consenso e incorporar nas soluções o improviso e o saber vernacular. Já o terceiro experimento (*Urban Labs no Urban Thinkers Campus*) que, tendo como desculpa a montagem da infraestrutura do UTC, conseguiu seguir um processo de ocupação emergente tendo como destaque a participação de diversos atores da sociedade contribuindo para construção evolutiva de um espaço democrático de prática e discussão sobre o futuro das cidades e do campo, onde foi possível confrontar visões, problemas e

soluções. Reflexões sobre o papel das ocupações urbanas para as políticas públicas; a relação do corpo como dispositivo tecnopolítico e os olhares e caminhos para hackear a educação tradicional, que carrega consigo a retroalimentação do sistema de classes.

Dos três experimentos *Urban Labs*, esse terceiro foi o que mais se aproximou de uma construção colaborativa emergente. Independente da alta carga de trabalho e da responsabilidade de ter a mínima estrutura pronta para receber o UTC, o *Urban Lab 3* garantiu bom desempenho em muitas características do Urbanismo Tático (conforme **Tabela 4.10**):

- (1) Sendo realmente fruto de uma abordagem iterativa, tanto no que tange a construção evolutiva da intervenção quanto nas relações internas de repetição, compartilhamento e consolidação de aprendizado;
- (2) Tendo uma presença muito forte da compreensão dos conflitos e desafios locais mas com incorporação de conhecimentos e táticas mistas: locais, na prática do fazer, e global no conhecimento de novos campos de soluções;
- (3) Um curto prazo de execução com uma expectativa realista que para ser alcançada contou com um processo aberto a espontaneidade mas com um foco muito bem claro e definido para proporcionar um processo evolutivo que ao se utilizar de algumas táticas desenharam uma intervenção fluida, colaborativa, com ações emergentes e sem a concepção rígida de um produto final;
- (4) Mesmo com o alto orçamento do *Urban Thinkers Campus* Recife a construção da intervenção teve um orçamento baixo por contar com as parcerias estabelecidas no decorrer do processo e pela opção em construir passo a passo e em partes;
- (5) Dos *Urban Labs* o terceiro foi o que ficou mais imerso no contexto da intervenção, explorando os conhecimentos adquiridos com os outros dois e utilizando a rua para conceber, discutir, compartilhar conhecimentos, avaliar processos e confraternizar;

Tabela 4.10 Síntese do cruzamento das categorias de análises com os experimentos.

x	Experimentos				
	1	2	3	4	5
Categorias de Análise	Workshop Internacional Urban Labs	Workshop Paisagem Urgente	Urban Thinkers Campus Recife	Semana da Alegria	Cinema da Alegria
(1) VISÃO Abordagem Iterativa Estimula mudanças					
(2) CONTEXTO Soluções locais Desafio do planejamento local					
(3) AGILIDADE Compromisso de curto prazo Expectativas realistas					
(4) VALOR Baixo risco Maiores recompensas					
(5) COMUNIDADE Desenvolvimento de capital social Construção de capacidade organizacional Fortalecimento da identidade local					
(6) PROCEDIMENTO Uso da cidade como laboratório de experimentação					
(7) LEGALIDADE Sancionada Semi-sancionada Não sancionada					

(6) Sendo uma característica que define o caminho legal da intervenção podemos avaliar o *Urban Lab 3* como uma ação respaldada pelos detentores do poder, com a autorização para ocupação por uma semana da rua (talvez pelo evento estar vinculado a Universidade Federal de Pernambuco e a ONU Habitat) mas que tem em seu formato uma subversão na forma de fazer e na produção do espaço. Pontos esses que deixam a desejar ainda pelos vínculos existentes com as autoridades mas que revela o poder de estar nas entrelinhas negociando e aproximando as ações táticas das instituições;

(7) Nesse ponto o UTC conseguiu envolver uma diversidade grande de atores sociais mas ainda com muito trabalho a ser feito para aproximar as classes menos favorecidas e que dependem das táticas diariamente para sobreviver. Mas há de se registrar também a oportunidade que esse processo teve contaminando positivamente vários participantes, inclusive alguns que se encontram a margem da discussão sobre cidade. Como o guardador de carro do Bairro do Recife e responsável pela ocupação que abriga carrinhos de pipoca da região, localizado na Rua Domingos José Martins, que acompanhou de perto toda a montagem, construção e realização do UTC Recife e ao final deixou suas palavras como esperança de uma transformação que privilegie mais os que já foram muito explorados: “É muito melhor trabalhar com cultura do que com carro” (Salazar, 2015).

O aprendizado desses três primeiros experimentos levantou a curiosidade de como seria realizar um experimento que não estivesse associado a evento ou instituição. Cinco meses passados do último *Urban Lab* surgiu a oportunidade de realizar mais um experimento nesse formato sem vínculos institucionais: a Semana da Alegria.

O experimento da Semana da Alegria surgiu de uma intenção pessoal que se associou a vontade de duas participantes do *Urban Lab* 2, Elsa Womack e Sofia Galvão, e assim foi desenvolvido a semana com uma programação aberta e com foco em estimular os moradores da Rua da Alegria a se unirem e agirem com pequenas ações que trouxessem melhorias para o espaço público. A escolha por um formato que alcançasse a vontade dos moradores (crianças e posteriormente adultos) e os integrassem era mais importante que a produção de qualquer mobiliário. O trabalho diretamente na rua explorando atividades do cotidiano, o envolvimento maior dos usuários locais, um processo com foco no aprendizado para a autonomia dos participantes foram as características que definiram a ação com baixo investimento, curto prazo mas grandes recompensas pelo potencial de levar os usuários locais para as ruas com mais frequência.

As micro transformações conquistadas com esses experimentos, que seguiram uma constante crescente, talvez não seja percebida a tempo de concluir essa dissertação, tendo em vista que as sementes que envolvem a mudança na forma de pensar as posturas levam tempo para serem absorvidas, processadas e quando acontece externadas em ações práticas.

Um indício que, mesmo com um caminho não linear que essa pesquisa se desenvolveu, deixou algumas contribuições reais para a sociedade pode ser sutilmente visualizada na **Figura**

4.78 que revela três moradores da área juntos, e sem indução do pesquisador, trabalhando juntos com a “mão na massa” reconstruindo parte da calçada da Rua da Alegria destruída pelo tempo e que, mesmo solicitando diversas vezes manutenção aos órgãos competentes da prefeitura, assumiram a autonomia para fazer os reparos necessários: compraram materiais, juntaram ferramentas e se disponibilizaram nas tardes do dia 21 e 22 de julho de 2016 para uma conquistarem uma calçada melhor. Atualização de um contexto urbano como esse tão bem expresso por Paola Berenstein (2008): “São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano.”.



Figura 4.78 Moradores organizados e reformando a calçada da Rua da Alegria.

As ações desenvolvidas em ambas as esferas visam à construção de capacidade organizacional cidadã para participação ativa na resolução dos problemas da cidade. Como a proposição citada por Rosi Braidotti presente no livro *Arquitetura e Política*: “é preciso defender uma política afirmativa e capacitadora, que, perante destruição, a especulação, o

domínio e a negatividade, proponha um acúmulo de práticas micropolíticas de ativismo cotidiano e de projetos para criar mundos alternativos.” (MONTANER; MUXÍ, 2014).

Tabela 4.11 Síntese dos problemas e potencialidades dos experimentos

Experimento	Problemas	Potencialidades	Intervenção
Urban Lab 1 Workshop Internacional Urban Labs	Carência de mobiliários urbanos nos espaços públicos	- Troca de experiência; - Presença de facilitadores com experiência prática (A Batata Precisa de Você, VAaSTU, Bruit du Frigo); - Diversidade de participantes	Construção de mobiliários urbanos genéricos para sentar, abrigar, biblioteca de troca, brinquedo, todos doados para um espaço público aberto a votação na internet.
Urban Lab 2 Workshop Paisagem Urgente	Diante de cenários urbanos tão caótico e repleto de sobreposição de intervenções como atuar de forma a construir uma linha de interpretação dessa paisagem urgente.	- Relação do saber acadêmico com o saber empírico; - Experiência com a prática na rua.	Desenvolvimento de metodologia que estimulasse os participantes a desenvolverem uma proposta para a rua Domingos José Martins, envolvendo estímulos ao processo criativo e sensorial.
Urban Lab 3 Urban Thnkers Campus Recife	Desenvolver uma infraestrutura para receber um evento internacional para discutir cidade de forma a estimular processos colaborativos dos cidadãos. Ao invés de contratar uma empresa.	- Espontaneidade e emergência da participação; - Espaço objeto final dos Urban Labs com visibilidade internacional por estar vinculado a atividade da ONU Habitat.	Ocupação da Rua Domingos José Martins de forma a atrair a participação de diversos grupos propondo atividades e infraestrutura.
A Rua da Alegria 1 Semana da Alegria	- Descuido com a rua; - Espaço público encarado como de ninguém. Problema do Estado; - Carência de mobiliário urbano.	- Relação de vizinhança existente; - Diversidade de moradores; - Uso da rua como espaço de estar por alguns moradores.	Desenvolvimento de atividades lúdicas e do cotidiano (pintura, produção de mobiliários para sentar e brincar, banquete na rua e festa de confraternização) na rua para atrair moradores a se envolverem no processo de cuidado com o espaço público
A Rua da Alegria 2 Cinema da Alegria	- Calçada usada para colocar lixo; - Falta de integração entre grupos de moradores; - Carência de atividades na rua.	- Relação de vizinhança estimulada pela semana da alegria; - Provocação de alguns moradores para desenvolvimento de mais atividades.	Evento no formato <i>happening</i> com montagem de arquibancada e espaço para deitar para assistir filmes na rua.

5 CONCLUSÃO | Para construir um caminho possível

O problema levantado por essa dissertação é: como as intervenções urbanas caracterizadas como Urbanismo Tático podem contribuir para a construção de espaços que estimulem as relações mais humanas de cuidado com o outro e com o lugar?

Para responder tal pergunta foi feito um mergulho no Urbanismo Tático para o compreender enquanto prática e características passando pelos teóricos que trazem a discussão sobre poder e as relações de força. De Michel de Certeau, ao discutir táticas, estratégias e as práticas do cotidiano como campo de jogo dos conflitos, a teóricos contemporâneos como Mike Lydon e Javier Vergara que trazem, a partir das práticas estabelecidas e vivenciadas, um olhar sobre as intervenções urbanas como ferramenta para exercer a cidadania e a galgar espaço nas instâncias de decisão.

Por ser um conceito com discussões recentes, revelando uma aproximação muito grande do objeto, a pesquisa adota como caminho para construção do conhecimento a realização de experimentos que vão sendo criados, testados, avaliados, reconfigurados e recriados seguindo esse ciclo iterativo na busca por uma compreensão prática da arte do fazer. No total foram realizados cinco experimentos (Workshop Internacional *Urban Labs*, Workshop Paisagem Urgente, *Urban Labs* no *Urban Thinkers Campus* Recife, Semana da Alegria e Cinema da Alegria) que envolveram: a montagem e organização; a prévia definição das categorias de análise; a coleta das informações através de observação participante obtendo relatos, *feedback* dos participantes, fotografias, vídeos, entrevistas publicadas, diários de bordo. A seleção e sistematização dos dados coletados seguiram as seguintes categorias de análise: (1) quanto a visão – abordagem iterativa da intervenção; (2) quanto ao contexto – soluções locais para os desafios locais; (3) quanto a agilidade – curto prazo das intervenções; (4) quanto ao valor – baixo custo da intervenção; (5) quanto ao procedimento – uso da cidade como laboratório; (6) quanto a legalidade da intervenção; (7) quanto a comunidade – desenvolvimento de capital social; e (8) quanto aos produtos propriamente ditos.

Todo esse processo revelou uma matriz de características. Algumas delas trazem consigo uma subjetividade, enquanto outras apresentam-se de forma objetiva quando analisadas isoladamente, mas ao serem combinadas geram um campo amplo de possibilidades de

enquadramento. Dentro dessas características a que tem um peso muito forte nos efeitos das ações de Urbanismo Tático é a (7) comunidade: que abrange desenvolvimento de capital social, construção de capacidade organizacional cidadã e fortalecimento de identidade local. Essa importância se deve ao fato desses pontos interferirem direto na mudança de mentalidade dos cidadãos e dessa forma estabelecerem uma nova postura na construção e gestão das relações interpessoais que acabam por definir os ambientes onde vivem: a casa, a calçada em frente a sua casa, a rua enquanto espaço público, as relações estabelecidas nela e consequentemente a cidade e sua estrutura organizacional. Isso evidencia os processos de educação com a prática e o potencial que o Urbanismo Tático tem de instigar esse viés educacional e relacional ao misturar construção de conhecimentos com realidade do campo de atuação: a cidade (na sua complexidade) e as pessoas (nas suas relações).

Das entrelinhas dessa pesquisa emerge uma mudança de postura relativa a algumas características subjetivas que estão estritamente ligadas entre si, a saber: as relações de cuidado com o espaço em que se vive e se compartilha vida, e também os laços de afeto criados e alimentados com as trocas presentes nas atividades realizadas nos espaços públicos. O Urbanismo Tático tem intrínseco esse papel de proporcionar encontros para experienciar a coletividade e, dessa forma, a pesquisa conclui que, enquanto ferramenta e prática, exerce um papel importante, mas não indispensável, no fazer cidades que tenham relações saudáveis pela prática política do fazer colaborativamente (desde as discussões até ‘mão na massa’).

Dessa forma, a pesquisa conclui que, enquanto ferramenta e prática, o Urbanismo Tático, que tem intrínseco esse papel de proporcionar encontros para experienciar a coletividade, exerce um papel importante, mas não exclusivo, na construção de cidades mais saudáveis através da prática cotidiana do fazer colaborativo (desde as discussões até a “mão na massa”) como um ato político.

REFERÊNCIAS

BENNER, Sophia Michelle. **Tactical Urbanism: From Civil Disobedience to Civic Improvement**. 2013. 72 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Master Of Science In Community And Regional Planning, Community And Regional Planning, The University Of Texas At Austin, Austin, 2013. Disponível em: <<https://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/23995/BENNER-MASTERSREPORT-2013.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

GRUPO OUT_ARQUÍAS. La Ciudad Viva (Org.). **Bottom up: Recidiva y reversión**. 2013. Disponível em: <<http://www.laciudadviva.org/blogs/?p=19041>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

CARVALHO, Maria de Lourdes de; BARBOSA, Telma Regina da Costa Guimarães; SOARES, Jeferson Boechat. Implementação de política pública: Uma abordagem teórica e crítica. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTIÓN UNIVERSITARIA EN AMÉRICA DEL SUR, 10., 2010, Mar del Plata. **Anais dos Colóquios Internacionais sobre Gestão Universitária**. Mar del Plata: Inpeau, 2010. p. 1 - 13. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/97020>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** – volume I. Trad. Roneide Venâncio Majer com a colaboração de Klauss Brandini Gerhardt, v. 9, 2000.

COOPERATIVE, Transit. **The Role of Transit in Creating Livable Metropolitan Communities**. 1997.

DAVIDSON, M. M. **Tactical urbanism, public policy reform, and “innovation spotting” by government** : from Park(ing) Day to San Francisco’s parklet program. [s.l.] Massachusetts Institute of Technology, 2013.

DE CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: Artes do Fazer**. Petropolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

DE LA MORA, L. “Aferição da qualidade da participação dos novos atores sociais nos mecanismos de gestão democrática das políticas públicas”. In LACERDA, N.; LEAL, S. Do local ao global, o papel dos novos atores nas políticas públicas. Recife. UFPE: 1998.

DE OLIVEIRA, J. A. P. **Desafios do planejamento em políticas públicas: diferentes visões e práticas**. RAP Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 273–88, 2006.

DÍAZ, D. **Resistencias arquitectónicas em El espacio urbano español: El caso de Santiago Cirugeda**. 2012.

FINN, Donovan. **DIY urbanism: implications for cities**. Journal of Urbanism: International research on placemaking and urban sustainability, v. 7, n. 4, p. 381-398, 2014.

FREIRE, J. **Urbanismo emergente**: ciudad, tecnologia e innovacin social. 2009. Disponível em: <<http://nomada.blogs.com/jfreire/2010/03/urbanismo-emergente-ciudad-tecnologa-e-innovacin-social.html>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

GAUSA, M.; GUALLART, V.; MÜLLER, W.; SORIANO, F.; MORALES, J.; PORRAS, F. **Diccionario Metapolis de Arquitectura Avanzada**. Barcelona: Actar, 2000.

GEHL, J. **Cidade Para as Pessoas**. São Paulo. Perspectiva. 2013

HARVEY, D. **Cidades Rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. 2014 ed. Brasil: Martins Fontes selo Martins, 2014.

_____. **A Produção Capitalista do Espaço**. 2ª Ed. São Paulo: Annablume, 2006.

Hollanda, P. (2015, Nov 27). INCITI. Retrieved from INCITI: <http://inciti.org/cidades-inteligentesecomunidadesolidariaumdesafio/>

INCITI. (30 de Nov de 2015). INCITI. Fonte: Inciti: <http://inciti.org/>

JACOBS, J. **Morte e Vida nas Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JOHNSON, S. **Emergence**: the connected lives of ants, brains, cities and software. New York: Scribner, 2001.

JÚNIOR, J. **Limites e potencialidades do planejamento urbano**: Uma discussão sobre os pilares e aspectos recentes da organização espacial das cidades brasileiras. Estudos Geográficos: Rio Claro, v. 2, n. 1, p. 15–28, 2004.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

_____. **A cidade do capital**. DP&A, 1999.

_____. **A Revolução Urbana**. Editora UFMG, 1999. 3ªed. 2008.

LYDON, M. (2011) **Tactical Urbanism 1**: Short-term Action for Long-term Change. [s.l: s.n.]. v. 1

_____. (2012) **Tactical Urbanism 2**: Short-term Action for Long-term Change. [s.l: s.n.]. v. 2

_____. (2014) **Tactical Urbanism 4**: Australia & New Zealand. [s.l: s.n.]. v. 4

LYDON, M.; GARCIA, A. **Tactical Urbanism**: Short-term action for long-term change. Washington: Islandpress, 2015.

MONTANER, J.; MUXÍ, Z. **Arquitetura e política**: ensaios para mundos alternativos. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

- MIKAELY, D. (2015, Nov 27). *INCITI*. Retrieved from *INCITI*: <http://inciti.org/brincarnarua/>
- POHL, E. B.; REYES, C. (2011): **Urbanismo Emergente o “Tactical Urbanism**. La Ciudad Viva [online] posto online no dia 29 de março de 2011, consultado em 14 agosto 2014. URL: <http://www.laciudadviva.org/blogs/?p=9651>
- ROSA, M.; WEILAND, U. **Handmade Urbanism: From Community Initiatives to Participatory Models**. Jovis, 2013.
- SALAZAR, M. (2015, Nov 30). *INCITI*. Retrieved from *INCITI*: <http://inciti.org/encerramentoutcrecife/>
- SALINGAROS, Nikos A. **Cognitive Dissonance and Non-adaptive Architecture: Seven Tactics for Denying the Truth**. *Doxa*, n. 11, p. 100-117, 2011.
- SANDERS, Elizabeth B.-N.; STAPPERS, Pieter Jan. **Co-creation and the new landscapes of design**. *Co-design*, v. 4, n. 1, p. 5-18, 2008.
- SPACES, P. FOR P. **Project for Public Spaces | Lighter, Quicker, Cheaper: A Low-Cost, High-Impact Approach**, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.pps.org/reference/lighter-quicker-cheaper-a-low-cost-high-impact-approach/>>. Acesso em: 27 fev. 2015
- SPIRN, Anne Whiston. **The poetics of city and nature: towards a new aesthetic for urban design**. *Landscape Journal*, v. 7, n. 2, p. 108-126, 1988.
- STEFFENS, K; VERGARA, J. (2013) **Urbanismo Táctico 3: Casos Latinoamericanos**. [s.l.: s.n.]. v. 3
- TYRVÄINEN, K. **Stockholm Temporary: Relevancy & Potentials for Implementing Temporary Architecture in Stockholm**. [s.l.] Swedish University of Agricultural Sciences, 2015.
- VALPÔRTO, Â. (2015a, Nov 25). *INCITI*. Retrieved from *INCITI*: <http://inciti.org/montagemdaruadetras/>
- _____. (2015b, Nov 26). *INCITI*. Retrieved from *INCITI*: <http://inciti.org/debatemovimentosurbanosdorecife/>
- _____. (2015c, Nov 27). *INCITI*. Retrieved from *INCITI*: <http://inciti.org/a-intervencao-da-intervencao/>
- VASSÃO, Caio Adorno. **Metadesign: ferramentas, estratégias e ética para a complexidade**. São Paulo: Blucher, p. 61, 2010.
- ZIEGER, Robert H. **The New Deal in South Florida: Design, Policy, and Community Building, 1933–1940**, edited by John A. Stuart and John F. Stack, Jr. *Labor History*, v. 52, n. 2, p. 260-263, 2011.

ANEXOS

Anexo 1 – Relato | Ocupações urbanas: ativismo, fetiche e políticas públicas

por Sofia Galvão

(16h30-18h)

Com Camilo Cantor (Medellin-COL), LABRua (PB), Praias do Capibaribe (PE) e A Batata Precisa de Você (SP)

Roger começa chamando os convidados e falando um pouco sobre o tema do debate. Cada convidado se apresenta: Camilo Cantor, Bruna Pedrosa, Bernardo Teshima, André Moraes, Laura Sobral, Aida e Pedro. Roger fala sobre a presença da Rural na Batata Precisa de Você, em São Paulo. Laura Sobral fala sobre A Batata Precisa de Você e o intercâmbio com o Praias do Capibaribe. Aida agradece o convite, fala um pouco sobre o conceito de fetiche, explica melhor o LabRua, sobre como foram analisados os espaços públicos de Campina Grande. Aida diz que o LabRua começa como um projeto acadêmico e depois começa a tomar conta das ruas através de ocupações do espaço público, o de Bar em Bike, para mostrar para as pessoas como seria interessante usar a bicicleta como meio de transporte. Pedro diz que o LabRua fez parceria com outros coletivos para criar intervenções urbanas, de lambe lambe, grafiti, corpo, etc. Aida e Pedro falam sobre a experiência da intervenção urbana DIVAGAR e como as pessoas e o governo reagiram a ela. Aida fala sobre a falta de ciclovias na cidade de Campina Grande e como a bicicleta ainda é mal vista por lá. Roger fala sobre ciclofaixas e questiona porque as quinas da ciclofaixa da praia de Boa Viagem são tão acentuadas, que seria para diminuir a velocidade dos ciclistas. Ele defende que seria melhor educar os ciclistas a construir ciclofaixas dessa forma. Laura começa falando sobre sua experiência como urbanista e sua descoberta sobre como gostaria de trabalhar o urbanismo, através da ocupação dos espaços públicos. Ela fala sobre modificação do espaço físico a partir de manifestações culturais e pessoas. Ela conta a história do Largo do Batata e explica como foi feita uma obra milionária que depois de 10 anos entregou um espaço público inviável para o uso. A partir dessa observação, ela diz que propôs ocupações a partir de manifestações culturais e ao longo do tempo isso virou um coletivo. Defende que ao começar a usar o espaço público, outras

peessoas vão naturalmente se apropriando dos espaços. Explica como o Largo virou um centro cultural a céu aberto autogerido. Diz que hoje há diálogo com a prefeitura, que acaba apoiando a ocupação do Batata. André fala que o objetivo dele não é exatamente apresentar o Praias, mas levantar questões que ele julga pertinentes. Laura toma a palavra para falar sobre a ocupação das escolas estaduais em São Paulo e lembrar da importância desse movimento. Bruna lembra dos 20 projetos que o Prefeito de Recife deu entrada recentemente e chama atenção para as pessoas fiquem atentas à votação desses projetos para que eles não sejam aprovados sem uma mínima discussão. Começa a falar do Praias, como ele começou dentro do projeto Eu quero nadar no capibaribe e você? e depois acabou virando um coletivo para pensar o espaço público. André começa a questionar o tema do debate e passa para explicar rapidamente o Praias do Capibaribe. Começa questionando o próprio conceito de ocupação: ambulantes, por moradia, pelos espaços públicos, etc. Diz que as ações do Praias é mais voltado a transformação do olhar das pessoas, mais de festa. Passa para o conceito de ativismo, trazendo uma definição do dicionário. Coloca como o coletivo foi criticado sobre o "ser ativista". E explica como a mídia se apropria e distorce o conceito de ativismo, inclusive do próprio Praias. Fala sobre o conceito de fetiche, também trazendo definições do dicionário e pergunta se as ocupações são uma mera ilusão, ocultando uma real essência elitista? A exemplo de uma ação no Santa Luzia, em que parecia estar tudo misturado e harmônico, mas no dia seguinte o mobiliário foi destruído porque as pessoas contruíram palafitas na beira do rio por uma necessidade básica de morar. Ele questiona como o coletivo poderia agir nessas frentes e acaba não agindo. Traz a questão da política pública, de como transformar ações efêmeras em políticas públicas de fato, que a população incorpore. Lembra que a prefeitura que investe num evento para pensar a cidade e tenta aprovar um projeto como o novo recife, com tantas irregularidades. Roger diz que é um fetiche da prefeitura essa questão. Roger fala de experiências com o Som na Rural e como a festa se transformou em um ato político a partir da ação da prefeitura de retirar a Rural de um espaço público, sob o pretexto de que seria proibido um carro tocando som em cima da calçada. Diz que o mesmo aconteceu com o Buraco da Minhoca em São Paulo. Ele diz que isso acaba sendo um reflexo involuntário da população de começar a ocupar os espaços públicos de maneira orgânica. Questiona a venda de camarotes pelo bloco do Galo da Madrugada. Ele diz que acha que se está em uma nova etapa de articulação. Roger passa a palavra para Camilo Cantor. Camilo começa sobre o exercício da ocupação e diz que gostou da detonação de perguntas por parte do coletivo do Praias e também coloca suas perguntas. Como os espaços autônomos podem facilitar a ação

do fazer? Espaços ocupados também são para celebrar o ócio, ocupação de espectros eletromagnéticos e mentes. Uso de tecnologia como madeira, e outras, horta urbana também. Livros grátis para as pessoas levarem em feiras de livros. Telefones públicos instalados no palácio de justiça para intervir no espaço, com pessoas pedindo ajuda pelo massacre que aconteceu no passado. Se nos desgastamos ocupando, esculturas urbanas ou barricadas que falam mais do que o meramente estético nas ocupações? O exercício de ocupação para a criação de políticas públicas e mais do que ocupar espaços vazios. Em que momento esses tipos de ocupações financiadas e não autônomas acabam por denunciar os próprios investidores? Como ações de ativismo e hackeamento, temos que ser hábeis para questionar se não estamos servindo para questões que nós mesmos criticamos. Roger fala como as realidades de Colômbia e Brasil são parecidas e que devríamos aprender com as experiências uns dos outros. Roger lembra da Rádio Frei Caneca e questiona como o poder público não quer que a população tenha voz. Uma pessoa da plateia retorna à questão das ciclovias de Boa Viagem, dizendo que deu prioridade aos carros em detrimento das pessoas. Diz que a escolha do dia da reunião da CDU é mais estratégica, por desmobilizar pessoas que estariam contestando o projeto na reunião. Termina perguntando de que forma é possível incluir mais pessoas na discussão sobre o espaço público. André responde, dizendo que é uma busca pessoal, a busca de microprocessos para a transformação. Diz que grandes encontros para muitas pessoas acaba desmobilizando, por não conseguir juntar. Diz que busca entender as microações no espaço público para a transformação das cidades, por mais que demande um envolvimento maior da população. Diz que acha sempre difícil o processo de juntar, a exemplo de reuniões em prefeituras e o convite da sociedade civil para legitimar. Diz que acredita mais em ação em vez de legitimação. Busca por contaminar como processo de ação, hackear os meios legais mesmo. Diz não acreditar em audiência pública e orçamento participativo, que acaba sendo subvertido. Laura completa dizendo porque a melhor maneira seria juntar todo mundo em uma sala grande e deliberar algo ao final? Quando na verdade é uma consulta e não uma deliberação. Fala sobre como o governo usa esses espaços para manipular. Uma pessoa da plateia questiona a validade do orçamento participativo e conta uma experiência que viveu em Porto Alegre e sobre como lá funciona, porque as pessoas se preocupam com a alimentação e também em oferecer transporte e assuntos interessantes para que as pessoas queiram descobrir. Diz que temos que aprender a mediar o nosso diálogo elitista para atingir outros grupos sociais que também tem direito e interesse em participar se a comunicação for adequada. Diz que geralmente a elite é o protagonista não governamental,

que somos bem intencionados, mas que não sabemos nos comunicar com outros grupos. Fala sobre como deve ser um processo pedagógico e desafiador, mas extremamente importante e que deve ser feito. Diz como o governo esvazia ou impede a participação popular. Diz que sempre que há tentativa de ocupação, há a força bruta em retaliação. Diz que temos falhado em nos comunicar melhor. Popularizar as instâncias de participação, diz que estamos falhando nesse ponto. Uma pessoa da platéia levanta a questão da sensibilização da população e pergunta como poderia funcionar essa sensibilização e transformar as pessoas em agentes modificadores da realidade. Laura diz que se soubesse essa resposta era bom e volta dizendo que a real ocupação está sendo feita pelos estudantes das escolas públicas. Diz que claro a elite intelectualizada tem várias vantagens de protagonismo. Não acha que essa resposta vai vir de nós. As pessoas falam do lugar que elas vem e que precisamos de pessoas de vários contextos, mas acha que a resposta não virá de nós, lançando mão de ajudar através de dispositivos que estejam ao alcance. Camilo completa que se queremos ter interesse pelas periferias e crê que temos que trabalhar também com a elite ao mesmo tempo e que é importante afetá-los também. Diz que somos poucos e fazemos muito com o que temos. Concorde que acredita nos processos micro que acontecem na prática. Acredita no hackeamento como modelo de ocupação, fala do software e hardware livre. Bruna diz que quando o problema afeta a muitos, acaba unindo pessoas de classes sociais diferentes e que laços e relações inimagináveis foram criados. Fala sobre as micromudanças reais graças aos encontros que se dão na rua através de brigas comuns pela cidade que queremos. Uma pessoa da platéia pergunta se a ocupação deve ser pensada enquanto tática ou enquanto estratégia. Como transitar entre essas duas instâncias, de algo que é mais efêmero para algo que se firma enquanto política pública. Camilo responde se a ocupação é somente estética, como adorno, ou para transcender. Que muitas são de fato meramente estéticas. É tático, por ser pontual, mas estratégico por dar abertura a um debate sobre algum assunto específico. Em lugar onde se toma decisões é muito tático estar presente e ocupar. Pode ser estético, de qualquer forma, porque antes das ocupações se fazia com bombas molotov, que é pouco estético, não há diálogo. As ocupações abrem espaço para o diálogo e a discussão, por serem mais poéticas. Laura diz que não sabe se os coletivos deveriam ter um olhar estratégico, que o papel deles é mais tático e que talvez uma rede de coletivos poderia se articular para tomar ações estratégicas. O poder público é mais estratégico que tático, por isso acaba discutindo mais do que executando ações de fato. Diz que o táticos muitas vezes não sabe como se posicionar estrategicamente. Diz que o erro do governo é copiar ações táticas dos grupos ao invés de

apoiar e abrir diálogo com quem já faz. Diz que os coletivos ainda não conseguem se articular politicamente. Diz que os coletivos precisam entender os mecanismos do governo para combatê-lo, por exemplo. Uma pessoa da platéia fala dos editais, de como usamos desse artifício para viabilizar algumas coisas. Como a prefeitura se apropriou de uma ideia para copiá-la. Roger diz que se o poder público não atrapalhasse, já estaria bom. Fala sobre os eventos que estão sendo feitos pela Rural no Forte das Cinco Pontas, sobre como tinha que pagar uma taxa para uso do solo para usar e ocupar o espaço público que o próprio poder não consegue movimentar. Fala também sobre o pátio de santa cruz, como a prefeitura colocou vários carros da polícia para um lugar em que poderia ser resolvido pelas próprias pessoas. Se a gestão não consegue conversar com ambulantes e artistas, é muito difícil dialogar com qualquer pessoa que seja. Pedro lembra da resistência, que vai além dos grupos mais intelectualizados. Fala da comunidade do Porto do Capim, que a própria comunidade é a própria ocupação. Diz que se não fossem grupos elitizados, eles não teriam acesso à mídia para se proteger e se manter ocupando. Aida diz que lembrou de uma pesquisa que foi feita com pessoas que usam o centro de Campina Grande, que a associação de lojistas tem um projeto de transformar o centro em um grande shopping. Os dados mostram que metade das pessoas vão ao centro apenas passear, mas que a classe média de campina grande geralmente não vai passear, mas para comprar e resolver coisas. Ela diz que ficou se perguntando quem está pensando e propondo a cidade e qual o nosso papel nesse processo. Diz que acha que existem acadêmicos e acadêmicos, refutando a opinião de Camilo. Defende que a universidade deve ser usada para somar. Laura diz que achou interessante ela falar de Campina Grande, porque parece com qualquer cidade, que tem uma parte histórica e que sempre é o "novo alguma coisa". Diz que o que ela tira da conversa é a compreensão do território, escutar as pessoas, para entender o que de fato é pertinente. Questiona o senso crítico, cuidado e respeito por parte das pessoas que estão projetando a cidade, para entender as reais dinâmicas. André agradece a presença do coletivo de Campina Grande e de São Paulo e o espaço para a fala. Bernardo diz que a experiência dele no Praias como um urbanismo mais empírico do que de estudo. Diz que o Praias começou bem como evento mesmo e depois de um tempo começaram a perceber que essa ação não tinha mais sentido, porque as pessoas festejavam, mas que a discussão propriamente não era feita, inclusive com a comunidade local, a Vila do Vintém. A partir dessa constatação começaram algumas ações com mais participação local, para hackear o ambiente, articular localmente, etc. Retoma a pergunta se uma ação de ocupação realmente faz efeito ou ela só é mais um produto. Bruna agradece a

presença de todos e se coloca à disposição para a discussão. Camilo finaliza convocando a pessoas a pensarem numa cidade bruta que está esperando para aprender e ser construída e não como um espaço finalizado, em que não há o que mudar.

Anexo 2 – Relato | O corpo como dispositivo tecnopolítico

por Sofia Galvão

(16h30-18h)

Com **DANIEL KAIROZ (SP)**, **DOMENICA RODRIGUES(PE)**, **FLAVIA PINHEIRO (ARG)** e **JAMILA MARQUES (PE)**

Flavia começa se apresentando, comenta o tema do debate, fala um pouco sobre o seu trabalho e como ela pensa o corpo como um dispositivo, que é o eixo do seu trabalho. Fala de dispositivo, da genealogia do termo, dispositivo como prisão, manicômio, se amplia como linguagem ou caneta. Como dispositivo ajuda ou é o próprio pensamento e o fazer simbólico, pensar nas cidades como circuitos de afetos. Um dos últimos trabalhos dela usa um dispositivo analógico digital. Pensar como as tecnologias digitais possibilitam e ampliam as formas de compartilhar os afetos, dando visibilidade as coisas que antes não se conseguia ver. Como um dispositivo tão simples pode criar uma nova forma de viver a cidade. Jamila toma a palavra falando de sua experiência com o afoxé e reconhece o seu corpo como um instrumento político para discutir o racismo e a periferização do povo negro. Ogum como o orixá da tecnologia, discute a tecnologia sob o viés consumista e usar outras alternativas para discutir tecnologia, corpo e consciência política. Falar de afoxé em Recife é bacana, mas tem sua dificuldade. Ela diz que mais que ocupar, ela propõe resistir. O povo negro está tão preocupado com a sobrevivência que acaba não discutindo questões de cidade, etc. promover cultura é promover tecnologia. A dança por militância e sentimento pela comunidade e pertencimento identitário. Jamila conta a história do afoxé e também do iburá, fala sobre o estigma da violência da comunidade. Fala sobre a potencialidade de sua comunidade e os movimentos sociais lá existentes. Fala também sobre a perda da sede do afoxé e do crescimento da comunidade evangélica. Critica a marketing que é feito por parte do governo sobre o trabalho dos grupos populares e ao mesmo tempo o mal trato e a complicação que é imposta. Fala sobre o branqueamento da cultura. Jamila fala sobre o contar a história do negro

que o branco não contou. Fala da dança como tecnologia e instrumento para caminhar e buscar informações. Fala da continuidade através dos instrumentos políticos, como a dança. Domenica começa falando do corpo como tecnologia, convida a todos para fazer um exercício rápido de descomposição do espaço. Propõe uma dinâmica de corpo pra falar sobre o olhar, o se mover e o tocar no outro. Fala sobre sua condição de mulher negra. Sobre o corpo no transporte publico e sobre como é difícil ocupar espaços na cidade sendo mulher, trans, negro, deficiente, magro, etc. fala sobre a intervenção do corpo no dia a dia, artística e politicamente. Domenica fala da violência criada pela segregação e pela falta de ocupação das pessoas. Para ela, estar num lugar, ocupar, sentir parte da cidade, é cuidar dela também. Questiona a cidade dividida e a presença do corpo nesse lugar. Roger retoma o debate do dia anterior e fala do frevo como uma expressão política perigosa, que sofre uma apropriação da elite. Daniel começa se apresentando e mostrando um video de seu trabalho, terreiro coreográfico. Fala sobre a construção do conceito de espaço publico, como local de embate, encontro, troca, permanência, passagem, etc. defende que a ideia de espaço harmônico vai contra a própria essência dele. Conta a historia do bairro do bixiga, em São Paulo. Mostra o video do seu trabalho. Fala de pensar na construção de uma mesa como a construção de um espaço e a percepção corporal desse espaço. De como as pessoas se sentem no espaço. Uma pessoa da plateia fala sobre seu trabalho de arquitetura e corpo e como as pessoas vivem "imprensadas" na cidade, como pensar a cidade para que isso não acontecesse. Questiona como a mesa acha que o espaço poderia ser pensado nesse sentido. Daniel fala que o trabalho dele começou a partir da necessidade de um espaço para dançar. E da observação de como a cidade e a opressão dela acaba gerando um rompimento que leva à dança. Ele acha importante repensar a estrutura da cidade para que ela seja vivível e vivente, instigante de se estar, previsível, tediosa. Como produzir um espaço a partir do corpo que dança, que arquitetura é essa? Como o espaço interfere na dança, como sair do espaço criado pra dança pra dançar a partir dele. Jamila acha que o espaço pra dança é um espaço conquistado. Diz que um espaço importante seria um em que as pessoas pudessem trocar e estar. Fala de como existem espaços e prédios parados sem vida por toda a cidade e especialmente no centro. Questiona porque essas casas antigas não são ocupadas por grupos tradicionais. E critica o posicionamento do governo de vender a cultura tradicional e ao mesmo tempo não financia-la. Diz que é difícil subjetivar tantas questões com uma preocupação de subsistência, com o dia de amanhã. Flavia diz que pensa na ideia de dança e num espaço especifico pra dança. Coreografia como dispositivo e o corpo como contra dispositivo. Diz que pensa na ideia de como hackear o corpo e as técnicas

de dança. Fala de um retorno de pensar a tecnologia do corpo. Diz que por mais que esteja inserida num contexto digital, ainda se sente analógica. E que deveríamos tentar sair do pensar num espaço ideal, pois o espaço real é o ideal. Domenica diz que o espaço ideal é aquele que se pode desconstruir. Ela questiona Daniel com relação ao projeto dele, sobre pra quem é o trabalho dele. Daniel diz que o trabalho parte de lá do bixiga pro mundo e que tem um foco inicial de fato no espaço específico. Diz que qualquer pessoa que chegue lá pode estar lá, que não é exclusivo e que qualquer pessoa pode fazer parte. Uma pessoa da plateia começa falando da cidade e do corpo como laboratório. Do dispositivo como caixa preta limitante de uma entrada e uma saída. O olhar a cidade como uma caixa preta. Fala da invisibilidade tecnologia e da vigilância dos corpos, num projeto de esconder as individualidades. Como entender a cidade como laboratório para desconstruir esse sentido de dispositivo de forma perversa que está sendo um posta. Daniel diz que "dançando". Uma pessoa da plateia pergunta porque os convidados escolheram a dança como elemento de comunicação. Jamila diz que sempre gostou de dançar e diz que a relação com o candomblé traz muito a questão da dança. Diz que viu um espetáculo de dança contemporânea e disse que queria fazer aquilo. Diz que a dança na realidade dela foi um instrumento de descoberta, que o racismo é tão forte que dificulta a fala. Diz que foi uma possibilidade de expressão e reconhecimento enquanto mulher negra. Diz que é importante não enquadrar o corpo, conhecer outras linguagens também. Fala do corpo como identidade. Domenica fala que a questão do movimento, do corpo, que quando se nasce já se nasce dançando. Quando se usa esse movimento pra comunicar, é porque estamos querendo dizer algo pro outro que não se consegue falar. Usar o corpo como elemento de identificação, de aceitação. Quando se escolhe o movimento como instrumento de identificação, é escolher o primeiro passo para a liberdade. Uma pessoa da plateia diz que as cidades começaram a se tornar hostis por mudarem pra alimentar um desejo de consumo de uma parcela da população. Pergunta se a gentileza poderia resgatar a vontade das pessoas de se manifestarem na cidade. Domenica diz que acha que a cidade muda e as pessoas mudam junto com ela. Quando não se ouve, enxerga e não se aceita a gente segue junto com a boiada o que gera um movimento de desconstrução dos movimentos culturais. Diz que as pessoas deixam de resistir por medo de uma desconstrução do movimento cultural delas, que a cidade muda e as pessoas mudam com ela. Uma pessoa da plateia pede uma recomendação dos convidados para o futuro das cidades. Jamila, em oposição ao posicionamento de Domenica, fala que as quadrilhas tem sim um movimento de resistência e discute a questão de gênero, pois existem muitos homossexuais,

onde eles podem expressar com os seus corpos o seu movimento. Daniel coloca duas questões, ocupação e resistência. Num processo de resistência, quem tem mais força ganha. Mas uma reexistência seria usar a força de oposição de outras formas, que não a de resistir, mas a de jogar para outros locais, reconduzindo-as. Abriria um outro campo de significação. Fala que ocupação dá a ideia de vazio, mas que na verdade existe uma importância nos espaços vazios, que é diferente de abandonado. Fala de reestabelecer o fluxo do espaço, para movimentá-lo. Fala de escutar como reverbera a nossa própria ação, para entendê-la. Flavia fala sobre acionar a cidade a partir do sensível. Diz que pensaria em ruas de grama, de gelo, pra que tocar pudesse ser ampliado. Fala do movimento como possibilidade de existência, de pensar formas de se mover na cidade.

Anexo 3 – Relato | Como hackear as escolas?

por Sofia Galvão

(16h30-18h)

Com **MARTHA NJERI (Quênia) E MESTRE JOAB JÓ (PE)**

Eutropio inicia retomando o assunto levantado por um movimento social de santo amaro, com relação ao fechamento de uma escola do bairro. Martha começa falando sobre sua experiência no Quênia com o financiamento coletivo de um projeto de educação aberta. Ela conta do processo pelo qual o país passou e porque as escolas deixaram de funcionar, comenta que esse processo na verdade acontece em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil. Ela diz que acredita na necessidade da mudança do sistema educacional, mas acha que isso demora muito tempo e por isso acredita em uma proposta de educação informal em que a própria comunidade cria oportunidades de aprendizado. Ela diz que tem se tornado bem comum as comunidades captarem recursos para projetos educacionais lá no Quênia, inclusive incluindo atividades como artesanato, cestaria, etc. isso é significativo para as pessoas lá, porque muitos acabam trabalhando no terceiro setor, justamente com essas atividades. Ela acha que isso é uma forma de aprendizagem tão ou mais importante do que propriamente uma educação formal. O problema é que é difícil ter um reconhecimento do governo, ou um processo de diplomação, ou mesmo de financiamento, justamente pela informalidade. E que é difícil encontrar também lugares e formas de por isso em prática. Ela propõe que esse tipo de

conhecimento tenha a mesma importância que o conhecimento formal, porque muitas vezes é a forma através da qual as pessoas conseguem emprego na prática. Uma pessoa da plateia pergunta como poderia ser possível balancear o conhecimento formal e o informal. Martha diz que ela própria é um produto do conhecimento informal, inclusive hoje isso faz muito mais sentido por causa da internet. Ao mesmo tempo seria uma barreira, porque alguns empregos demandam uma certificação. Ainda assim ela apoia essa abordagem porque uma educação formal não garante que as pessoas terão emprego, as vezes pessoas sem certificação acabam tendo mais oportunidades, por suas habilidades. Uma pessoa da plateia pergunta a faixa etária dos alunos que participam desses programas no Quênia e também como o governo vê essas iniciativas. Martha diz que começou de forma independente perto de uma biblioteca e aos poucos o projeto foi crescendo e ganhando espaço na própria biblioteca e depois no laboratório de computação da universidade, um ambiente extremamente formal. Ela defende que a educação informal deveria ter tanto reconhecimento e investimento como um sistema mais formal de educação. Uma pessoa da plateia fala de uma experiência nos estados unidos em que ela conseguiu trabalhar em um laboratório de robótica mesmo sem uma formação. Uma pessoa da plateia pergunta se a experiência foi replicada em outros contextos. Martha diz que conseguiram fazer no sudão, num contexto diferente, de guerra, e eles não eram o único projeto nesse sentido. Diz que muitas dessas experiências tem se desenvolvido nesse sentido no mundo. Uma pessoa da plateia fala sobre a possibilidade de certificação através de uma prova para a formação na educação básica. Martha diz que não conhece esse tipo de certificação no Quênia com conhecimentos mais específicos. Uma pessoa da plateia fala sobre um caminho alternativo através do qual as pessoas poderiam criar coisas sem necessariamente depender de um emprego pra isso, através da internet, por exemplo. Martha acredita nisso como uma forma de pular a etapa de certificação e lembra dos programas de educação a distância que universidades importantes oferecem na internet e esse movimento prova a importância desse sistema alternativo que está surgindo. Mestre Joab começa dizendo que não entende muito bem sobre o tema, nem sobre hacker, nem sobre escola. Diz que sua especialidade é não ser especialista. Fala que participou de um debate em que o tema era sobre formas de aprendizagem não escolares. Ela diz que não conhece formas de aprendizagem não escolares, porque ele acredita que existe uma escola prepotente que se diz única e absoluta e para a qual as outras escolas não existem. E ele diz que todo aprendizado se dá dentro de uma escola, que não necessariamente é essa escola absoluta. Ele diz que é capoeira e que vai guiar sua fala a partir disso, que é uma escola, como muitas outras. Ele diz

que se movimenta com a ideia de desocupação ou descolonização. Diz que toda visão de mundo vem a partir de uma escola e se existem muitas visões de mundo é porque existem muitas escolas. Que a escola absoluta tem sido muito eficiente, ha aproximadamente 500 anos, na verdade, tem sido muito eficiente. Ele diz que as primeiras escolas no brasil, que tem a ver com catequização, com amansar, colonizar. Que os próprios jesuítas tem sido muito carismáticos e eficientes em sua proposta de inclusão. Que todos estão incluídos nessa visão de mundo racista, prepotente e europeia. Todos sabem disso, mas teimamos em esconder o nosso cinismo. Que talvez se assumíssemos o cinismo, deixaríamos de ser céticos. Diz que vê cada vez mais violência e perpetuação do que de inicio foi uma proposta de colonização. Ele questiona de que cidade estamos falando. Questiona sobre porque a escola oficial tem que reconhecer quem ele próprio é. Diz que temos sido programados ao longo dos séculos. Temos sido programas fruto de todo o processo de colonização. Como um programa pode hackear o hacker? Ele diz que entende de caça, que é caçador, por causa da capoeira e de uma genética, uma herança histórica. Diz que existe na caça um conceito de camuflagem, o disfarce, a transferência. Se você enxergar o bicho, o bicho te enxerga. Então como fazer? Existe o processo da invisibilidade também. E quando nos damos conta disso entendemos quem esta sendo caça e quem esta sendo caçador. Pra que hackear a escola, então? Pra consertar? Como consertar algo tão eficiente? Que tipo de cidade é essa? A inclusão dos senhores de engenho? Existe uma ideia de senhor de engenho que se perpetua ate hoje, que é incluir as pessoas na escravidão. Quem quer se separar não é o senhor, mas o escravizado. O escravo quer separação de quem escraviza. O senhor quer incluir o escravo. Diz que hoje isso se sofisticou de uma maneira que o próprio escravo bate na porta da casa grande. E que isso acontece no mundo todo. Com todo respeito a Martha, ela é a prova viva disso. Que as pessoas imploram pra ser um escravo da casa grande e não da senzala. Oferecendo seu material para o senhor. Ele diz que sabe bem para quem o pai dele trabalhou e o avo também, diz que sabe de nome e endereço. Que vez por outra ele encontra essas pessoas pelos marco zeros fixos da vida. Fala que hoje nenhum branco no brasil é responsável pela escravidão do passado, agora todos eles usufruem desse acontecido. E que ele também usufrui da maneira dele. Fala do passado de uma escola absoluta e violenta e propõe que assumamos o cinismo. Quando olharmos para nos mesmos e percebermos que somos programas e que o programa não pode hackear o hacker, talvez ai possamos evoluir e construir algo de fato novo. Fala que quando se depara com a realidade da caçada da vida, tem vontade de fugir. Retoma a ideia da desocupação. Fala de quando o brasil fez 500 anos, que um grupo queria comemorar e outro que dizia que não

tinha nada pra comemorar, porque o brasil não foi descoberto, mas invadido. Um era da escola oficial e outro contrario a essa escola. Reações polarizadas. Diz que refletiu que talvez os brasileiros sejam os brancos adaptados aos trópicos e não os pataxó e os flunios. Diz que as terras não foram invadidas, mas ocupadas pelo estado brasileiro. Porque invasão é quando se vai embora, mas quando continua se fazendo, é uma ocupação. E questiona o que vamos fazer com isso. Que devemos pensar em desocupar, tirar os verdadeiros brasileiros, que na verdade são os ocupadores. Questiona o que estamos falando quando falamos de escola, de inclusão, inclusão social, mas de que sociedade, ele questiona. Questiona se a internet tem nos conectado mesmo ou se é apenas uma manutenção da ordem. Questiona a reclamação do reconhecimento do absoluto. Porque enquanto programa não sabemos o que fazer com o que temos. Que é preciso se atentar para isso. Inclusive chama a atenção para o movimento da ocupação das escolas em São Paulo, em que as pessoas exigem por uma escola de qualidade, mas questiona que qualidade é essa, a de manter a exclusão do estabelecido? Fala que as novas tecnologias são apenas novas tecnologias, novas ferramentas. Que o mais importante é saber o que se é e não a sofisticação das ferramentas que se usa. Questiona a manutenção da ordem e diz que nada evoluiu, na verdade, mas que a manutenção da ordem tem se tornado mais eficiente. Questiona o tipo de movimento que esta acontecendo, se é mesmo de transformação ou apenas de manutenção do padrão que trata bem os seus empregados. Uma pessoa da plateia diz que um dos patrocinadores do evento utc é a família brennand. Mestre Joab finaliza dizendo que o inciti não incitou muito ele ainda. Uma pessoa da plateia fala que Mestre Joab na verdade entende muito de tecnologia e elogia alguns pontos levantados pelo Mestre, corroborando-os. Outra pessoa da plateia corrobora a fala de Mestre Joab e fala que se podemos falar sobre esses assuntos em um evento patrocinado por famílias tradicionalmente ricas, o hack funciona. Outra pessoa da plateia diz que na verdade estamos discutindo cidade com quem é rico, pobre, como todos que fazem parte da cidade, indistintamente. Sergio fala sobre o atacar e o fugir, que quando se participa de eventos como o utc e outros, o sentimento é de atacar e fugir. Diz que o saber cultural foi destituído desde a colonização. Sergio fala sobre a situação na escola naval e Mestre Joab toma a palavra pra dizer que discorda da fala de Sergio, mas que estamos todos no mesmo barco. Sergio diz que todos estão juntos, mas com lutas diferentes e retoma o assunto da escola naval, focando nesse assunto. Uma pessoa da plateia diz que não concorda com a fala de Sergio, que quando ele diz que as pessoas não tem educação, o que significa na verdade é que elas não estão na educação formal, que é preciso ter cuidado pra não reproduzir esse tipo de discurso. Outra pessoa da plateia conta sua

experiência, muito pessoal, sobre uma situação em que alguém questionou o acontecimento de uma reunião importante embaixo de uma árvore. Ele diz que na África embaixo de uma árvore é o melhor lugar para se fazer uma reunião importante, pois lá cabem todas as pessoas do mundo, ao contrário de uma sala fechada. Diz que na escola dele, se ensinou a respeitar todas as coisas, ao contrário da escola formal onde aprendeu a pessoa que fez o comentário sobre a árvore. Questiona o sistema educacional, dizendo que no Brasil, na verdade, não se precisa saber nada, o que precisa é ter dinheiro, para se ter um diploma.